

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
RODRIGO PEDRO CASTELEIRA

AS SEREIAS TAMBÉM ENVELHECEM: memória, corpo e travestilidade

MARINGÁ
2014

RODRIGO PEDRO CASTELEIRA

AS SEREIAS TAMBÉM ENVELHECEM: memória, corpo e travestilidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciências Sociais. Área de concentração: Linha de Pesquisa em Dinâmicas Urbanas e Políticas Públicas. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Simone Pereira da Costa Dourado.

MARINGÁ
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR; Brasil)

C348s Casteleira, Rodrigo Pedro
As sereias também envelhecem : memória, corpo e travestilidade / Rodrigo Pedro Casteleira. -- Maringá, 2014.
104 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Simone Pereira da Costa Dourado.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2014.

1. Travestis. 2. Travestis e transexuais - Corporalidade. 3. Travestis e transexuais -- Envelhecimento. I. Dourado, Simone Pereira da Costa, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

CDD 22.ed. 306.768

SOI-002046

RODRIGO PEDRO CASTELEIRA

AS SEREIAS TAMBÉM ENVELHECEM: memória, corpo e travestilidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciências Sociais. Área de concentração: Linha de Pesquisa em Dinâmicas Urbanas e Políticas Públicas. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Simone Pereira da Costa Dourado.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Simone Pereira da Costa Dourado
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Prof^ª Dr^ª Miriam Adelman
Universidade Federal do Paraná – UFPR

Prof^ª Dr^ª Ivana Guilherme Simili
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Maringá, Fevereiro de 2014.

A toda travesti, nova ou velha, viva ou morta, que de algum modo desfilou pela
passarela da vida sem receber aplauso algum.

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha adoção pela Profª Drª Simone Pereira da Costa Dourado que ao me aceitar como orientando acabou por me ajudar a nortear a pesquisa e deixá-la com um caráter mais plausível e focado. Sua condução, palpites e cobranças foram ferramentas importantes para esculpir o que estava disforme, tal qual as travestis que se valem de recursos diversos para construir seus corpos, da mesma forma me sinto: travestido e agradecido.

À Profª Drª Wania Rezende Silva pelas aulas sobre o que esperar do campo e como proceder com as alterações que ele mesmo oferece, além de aceitar o convite em participar da banca examinadora.

À Profª Drª Ivana Guilherme Simili, por aceitar o convite em participar da banca e participar da (re)construção do texto com orientações para nortear a escrita.

À Profª Drª Miriam Adelman (UFPR), por ceder seu tempo e paciência na leitura e participação da reestruturação dessa dissertação.

Ao Programa de Pós-Graduação Ciências Sociais pelo fomento e subsídio para que cada pós-graduando pudesse se apropriar dos conceitos e teorias para que se aproximasse do caráter de pesquisador.

Ao secretário do Programa de Pós-Graduação Ciências Sociais, Júnior, pela disposição e atenção mais que profissional quando havia algum problema ou dúvida em relação à pós-graduação e seus processos.

Às três colegas de curso mais que especiais, Carla, Rizia e Tássia, que me atrevo a intitular como amigas, pelas conversas, trabalhos em equipe, pela partilha das angústias e alegrias dos processos de construção de textos e nossas pesquisas.

À minha família pela ausência em diversos momentos comprometidos pelos estudos e pesquisa, mas souberam compreender a dimensão do trabalho e relevaram o distanciamento.

Às amigas e amigos que pintam em minha vida: Daliana Cristina Antonio, Emerson Roberto Pessoa de Araújo, Franciele Monique Scopect dos Santos, Gustavo Piovezan, Paula Jokura, Michel Nocchi de Oliveira, que sofreram alguns temores comigo, que decidiram, por vezes, modificar seus planos para ouvir ou me auxiliar nos momentos de dúvidas ao longo da pesquisa. Sobretudo, dedico a Joyce Mayumi Shimura, pelas ligações quando menos esperava, mas que mais precisava, pelos cafés

com debates sobre a travestilidade, pelas viagens sempre com a disposição de nunca mostrar caminho algum, porém, deixando nítida a ideia de que eles existem, de um modo ou de outro. Agradeço à Tia Sú, pois me mostrou um ‘naco’ da diversidade brasileira, sobretudo agradeço à Priscilla, já que, além de amiga, me apresentou ao Fogaça e sempre discutiu questões políticas e culturais não apenas sobre os gêneros.

A meu esposo Jairo, companheiro e meu oposto, pelas críticas e auxílios nesta pesquisa, sem ele, o universo travesti me seria mais que distante.

A todas as pessoas, travestis, trans, hetero, homo, bi, lésbicas ou não, que por algum motivo influenciaram esse trabalho, Cleusa, minha ex-aluna, Jossyara, amiga de trabalho, *Bruna*, minha irmã, Paula, Claudinha, Angélica, Márcia entre outros.

Agradeço imensamente às pessoas que abriram suas memórias para que eu as dissecasse: *Michele, Bruna, Ruana e Áthila*.

Não quero morrer pois quero ver
Como será que deve ser envelhecer
Eu quero é viver pra ver qual é
E dizer venha pra o que vai acontecer.
Envelhecer. Arnaldo Antunes.

CASTELEIRA, Rodrigo Pedro. **AS SEREIAS TAMBÉM ENVELHECEM:** memória, corpo e travestilidade. Dissertação (mestrado) – Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2014.

RESUMO

Essa dissertação analisa a relação entre envelhecimento e travestilidade, por meio da memória e da projeção de imagem da velhice de 04 (quatro) trans jovens. O objetivo é compreender a expectativa que essas jovens criaram para esse período da vida, contrapondo suas projeções aos marcos legais que definem quem é idoso no Brasil contemporâneo. O Estatuto do Idoso define como idosa a pessoa que tem 60 (sessenta) ou mais anos, no entanto, os depoimentos das travestis revelam que a fronteira não está pautada nessa idade cronológica, mas antes. O trabalho de pesquisa mostrou que se as travestis subvertem o gênero e o corpo, também subvertem as demarcações etárias. Uma questão central da pesquisa foi investigar como as mais jovens percebem e efetuam os processos de modificações corporais. A coleta das entrevistas se deu por meio do método de história oral. Os depoimentos foram relacionados com aos estudos de gênero feitos por Judith Butler (2003) e Marcos R. Benedetti (1997), bem como com os estudos geracionais de Miriam Goldenberg (2011) e de corpo de Le Breton (2012). Dessa forma, foi possível compreender em que medida as travestis envelhecem e como projetam suas velhices nos espaços por onde transitam.

Palavras-chave: travesti; corpo; envelhecimento; memória.

CASTELEIRA, Rodrigo Pedro. **MERMAIDS ALSO AGE**: memory, body and crossdressing. Master (MSc) - Graduate in Social Sciences, State University of Maringa, Parana, 2014.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the relation between aging and crossdressing, concerning the memory and projection of the old age image of 04 (four) young crossdressers. The objective is to understand the expectation these young people have created for this period of life, countering their projections of the legal framework which defines those who are considered old according to the current laws in Brazil. The Brazilian Elderly Statute defines as old those who are 60 (sixty) years old onwards; nevertheless, the crossdressers' statements reveal this boundary is not based on a chronological age, but before it. The paper showed that crossdressers subvert their gender and body, as well as their aging demarcation. Investigating how the younger ones perceive and accomplish body modifications was one of the main issues of this research. The interview collection was made using the oral history method. The statements were related to the gender studies of Judith Butler (2003) and Marcos R. Benedetti (1997), likewise Miriam Goldenberg's generational studies (2011) and Le Breton's body studies (2012). All things considered, it was possible to understand how crossdressers age and how they project their lives to the spaces they are inserted in.

Keywords: crossdresser; body; aging; memory.

SUMÁRIO

INTRODUZINDO AS QUESTÕES	12
MÉTODOS E TÉCNICAS	18
TRAVESTIS ONDE?	26
1.1 Travestindo a escrita publicada: localizando os estudos sobre travestis	26
1.2 Conceituando sujeitos travestis e trans.	36
2. SOBRE CORPOS	43
2.1 Corpo trans bricolado de ‘diamantes’	43
2.2 Corpo e juventude	46
2.3 Envelhecendo o corpo	49
3. ENVELHECENDO SEUS CORPOS: ANÁLISES DE ENTREVISTAS	55
3.1 Ambientes e impressões	55
3.1.1 <i>Michele</i> sob as contas de Rosário	55
3.1.2 <i>Bruna</i> : do profano ao sagrado.....	57
3.1.3 A fênix <i>Ruana</i>	59
3.1.5 <i>Áthila</i> : guerreira e decidida.....	62
3.1.6 Sintetizando as informantes.....	63
3.2 Gênese trans: um ponto, um conto	65
3.3 Família e profissões.....	71
3.4 Religiões como fronteiras.....	76
3.5 Envelhecimento.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS: COSTURANDO POSSIBILIDADES.....	88
REFERÊNCIAS.....	92
APÊNDICES.....	102

INTRODUZINDO AS QUESTÕES

O objetivo desta dissertação é descrever qual é a elaboração da velhice a partir das falas de pessoas trans. Analiso as imagens de si trazidas pela memória das pessoas que se dispuseram a conceder-me uma entrevista e incorporo os depoimentos de travestis fornecidos a outros pesquisadores e que foram publicados. Percebi que, ao amarrar questões geracionais ao universo trans é possível afirmar que elas sofrem um processo duplo de invisibilidade: o de gênero e o da juventude. As questões que busco, portanto, investigar são: a) trans envelhecem sob quais aspectos?; b) tem quais perspectivas do envelhecimento?; c) quais são as soluções encontradas para retardar ou disfarçar o envelhecimento?

A ideia de investigar como trans jovens compreendem e planejam a velhice surgiu ao conhecer um pouco do universo travesti em 2008 quando tive contato com Rosa¹, naquela época, uma profissional do sexo. Fui a campo tendo por categoria a travesti, no entanto, as pessoas entrevistadas, *Michele*², *Bruna*, *Ruana* e *Áthila*, se revelaram sob diversos aspectos: mulher, transgênero e mesmo travesti. Como forma de estabelecer uma unicidade entre elas lancei mão da categoria trans, a mesma que Pessoa (2013) utilizou ao se deparar com a mesma problemática em sua pesquisa ao trabalhar com travestis. Esse autor define os sujeitos trans como:

como pessoas do sexo biológico masculino que, por meio de cirurgias plásticas e/ou ingestão de hormônios e/ou utilização da indumentária feminina constroem aparências e corporalidades femininas. Ao realizar essas modificações, esses sujeitos contrapõem os nossos ideais de masculino e feminino baseados na reprodução esquemática do binarismo sexo e gênero. Onde por exemplo, um corpo com pênis, deve desempenhar um gênero masculino e ter seu desejo orientado para as mulheres.

Precisamos deixar claro que o universo trans é habitado por inúmeros sujeitos que transformam os seus corpos em busca de uma aparência e um gênero que quebra com a postura hegemônica. Travestis, transexuais, drag queens/drag kings, crossdressing e transformistas são algumas das identidades que fazem parte desse universo (PESSOA, 2013, p. 15).

A identidade da pessoa transexual, por exemplo, pode ser definida como aquela que difere do seu sexo biológico, além de suscitar a possibilidade de realizar adequações cirúrgicas para ‘corrigir’ seu sexo conforme o gênero eleito. Não existe a arbitrariedade em correção cirúrgica em suas genitálias, uma vez que as pessoas podem ou não manifestar o desejo em realizar as adequações para que o sexo biológico e sua

¹ O nome é fictício para que a identidade seja preservada, uma vez que ela não aceitou ser entrevistada, no entanto, sua presença permeou o início das pesquisas.

² Michele é o nome social que ela utiliza, assim como as demais, e fizeram questão de que eles fossem utilizados por acreditarem que as trans merecem revelar suas histórias sem se ‘esconder’, como exemplo para as demais. Além disso, a partir deste momento utilizarei os nomes em itálico a fim de diferenciar as pessoas que entrevistei das que outros autores pesquisaram.

identidade de gênero estejam em harmonia (MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBT, s/d, p. 17).

Rosa, que se define como travesti, mora em Maringá, cidade localizada na região norte do Paraná com cerca de 318.952 mil habitantes (Cf. <http://www2.maringa.pr.gov.br>; CORDOVIL, 2007), e sempre revelava alguns fatos de seu presente e passado, dos medos, angústias e alegrias, dentro e fora do mercado do sexo. Quando conversávamos sobre o futuro, preferia dizer que não pensava nele, que sabia que com o tempo os clientes pagariam menos, que seria menos procurada, mas era o que fazia da vida. Essas questões me instigaram a investigar esse universo do envelhecimento que envolve as travestis, além do fato de que, ao transitar por Maringá, por exemplo, é possível encontrar travestis no centro da cidade trabalhando como profissionais do sexo, mas sem a presença aparente das mesmas. Se elas existem, onde estão? Como se movimentam? Como acessam os diversos espaços? Como envelhecem? Essa invisibilidade conduziu a pesquisa para a investigação com travestis jovens a fim de explorar como pensam seus corpos, os das demais travestis, como foi o processo de modificação corporal e quais imagens têm da velhice.

Para efeito de esclarecimento é importante destacar os marcos legais, como o Estatuto do Idoso, que em seu Artigo 1º assegura “regular os direitos às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos” (Ministério da Saúde, 2009, p. 07). A juventude será pautada a partir de um corte etário, estabelecido segundo a Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, Dos Direitos e das Políticas Públicas de Juventude, que em seu primeiro parágrafo define como jovem pessoas entre a idade de quinze a vinte e nove anos. No entanto, existe uma intersecção etária quando se confronta a Lei supracitada com o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990, uma vez que em seu Artigo 2º “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”, ou seja, a pessoa jovem é contemplada sob o ECA quando tem quinze a dezoito anos e a partir dos quinze até os vinte e nove sob a Lei Dos Direitos e das Políticas Públicas de Juventude. Outro marco legal que insere a juventude nas discussões está na Constituição Federal de 1988, Capítulo IV, Dos Direitos Políticos, em seu Artigo 14, Parágrafo 1º, Inciso 2º, ao deixar como facultativo o voto aos maiores de dezesseis e menores de dezoito anos.

No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), conforme o Censo de 2000, a população jovem somava 47.939.723 pessoas, sendo 23.890.760 homens contra 24.048.963 mulheres. O Censo de 2010, por sua vez, revela um aumento no número da população jovem, 51.340.478 pessoas, com 25.650.092 homens e 25.690.386 mulheres. No entanto, mulheres e homens jovens vivenciam suas juventudes de forma distinta. Rosa (2004), em sua dissertação, “Corpos jovens como

superfície de inscrição de textos culturais: recados para a educação escolar” (2004a, p. 38), descreve que o corpo jovem seria uma “superfície de inscrições culturais” pois carrega em si um amálgama de diversas categorias:

(...) o hibridismo entre biologia e cultura, nas categorias de raça, gênero, sexualidade, etnia, classe, nacionalidade, entre outras, como o modo de falar, de vestir, pensar, ornamentar, profissionalizar, inscritas no âmbito das culturas, podem ser decisivas para dizer do lugar social de um sujeito, ou podem ser irrelevantes, sem qualquer validade para o sistema classificatório de um dado grupo cultural (ROSA, 2004a, p. 37).

Essas definições de Rosa partem de sua pesquisa com jovens em idade escolar e as relações que seus corpos inscrevem nesses espaços, mas serve como estrutura inicial para pensar os corpos jovens das trans que entrevistei. A autora percebe, por exemplo, uma distinção no uso de alguns elementos corporais de *piercings* e tatuagens quanto ao gênero. As meninas utilizam os *piercings* nos umbigos e sobrancelhas para que sejam mostrados, da mesma forma que as tatuagens, que trazem desenhos pequenos desenhos mais delicados, geralmente citados nas falas no diminutivo: “florzinha, golfinhos, anjinhos, estrelinhas” (ROSA, 2004a, p. 63).

Em oposição, os jovens masculinos evidenciam suas marcar corporais como demonstração de “valentia e virilidade, fazendo enormes tatuagens pelo corpo todo, sendo comentado que o procedimento para tatuar o corpo é dolorido e demorado” (Idem, p. 64). Essas relações entre ‘fragilidade’ feminina e ‘virilidade’ masculina podem ser observadas nas entrevistadas, sobretudo ao primeiro. Seus adereços e corpos querem, e o são, o mais feminino possível, seja pela tatuagem de borboleta no pescoço de uma delas, ou na escolha dos brincos e demais adereços, que descrevo com mais detalhes no capítulo destinado às análises das entrevistadas.

A juventude é marcada por intermédio dos corpos, seja feminino ou masculino. Contudo, os corpos femininos parecem sofrer mais com o passar dos anos e a proximidade da velhice. Sibilia, por exemplo, descreve que “não é fácil ser velho no mundo contemporâneo – ser velha, então, pior ainda” (SIBILIA, 2011, p. 84). Ao homem parece existir uma ‘melhora’ com o passar dos anos, comumente associados à ideia de vinho, como o dito popular, que melhora ao passar os anos. As mulheres perdem o direito de serem consideradas ‘gostasas’, o que implica em dores e invisibilidade apenas por envelhecer (Idem, p. 89). Conforme essa autora, o percurso natural da vida, do nascimento até a velhice, leva essas pessoas à quase inexistência virtual: “no final desse percurso, que vai da juventude até a idade adulta, essa pessoa que deixou de ser jovem teria dilapidado boa parte do seu capital corporal e, após esse esgotamento, encontra-se à beira de uma virtual inexistência (SIBILIA, 2011, p. 89).

Casotti e Campos (2011) chamam a atenção para uma dinâmica que se inicia na juventude e que funciona como gatilho do fantasma do envelhecimento que ronda as

mulheres: a beleza. A procura por cosméticos e produtos para retardar o envelhecimento é notório quando os primeiros sinais concretos despontam, como as rugas, manchas de sol, celulites e até mesmo a dificuldade em emagrecer. Se antes, com vinte anos “percepção de seu corpo parece ser a de um corpo que não envelhece, que rapidamente se regenera (CASOTTI; CAMPOS, 2011, p. 117), após os anos vividos, o envelhecimento para elas se torna um mal que precisa ser combatido, além do fato de que o fantasma da velhice não mais desaparece.

Não difere muito do que se passa, e passará, com as trans que entrevistei. Ainda que reconhecidas como jovens segundo a faixa etária em que se encontram, entre dezoito e vinte e nove anos, percebem a proximidade da velhice. A questão da feminilidade e beleza é válida tanto quanto para uma mulher, contudo, no terreno da prostituição a beleza ganhou um *status* maior. *Status* esse que se conecta sobremaneira com a ideia de corpo jovem. Uma mulher trans, então, parece partilhar das mesmas agruras que qualquer outra mulher frente ao tempo, no entanto, a pesquisa traz à tona as falas de algumas dessa trans para que possam expor como elaboram suas velhices.

Por questões de autorizações e maioridade a pesquisa focou em pessoas de dezoito a vinte e nove anos. Ainda que a juventude possa ser configurada sob o aspecto cultural, como será delimitado posteriormente.

A primeira investigação efetiva se deu no município de Apucarana, município paranaense localizado na região centro-norte (Cf. <http://apucarana.pr.gov.br/>), ao conseguir um primeiro encontro com *Michele*, depois com *Ruana*, de Mandaguari, município de porte médio localizado no norte central do Paraná (Cf. <http://www.mandaguari.pr.gov.br>), *Bruna*, de Maringá e *Áthila*, de Cruzeiro do Oeste, que está inserido na micro-região paranaense da Associação dos Municípios da Região de Entre-Rios (Amerios).

Apesar do contato em 2008 com uma profissional do sexo, as demais trans não representam mais essa categoria profissional, pois já não estão mais no mercado do sexo. A primeira questão que surgiu durante o trabalho de campo foi a de contemplar a autodeterminação de cada pessoa entrevistada, o que me levou a pesquisar teoricamente o significado do nome travesti.

Oliveira (1994) descreve que as travestis, genericamente, são definidas como pessoas que, sob artifícios variados, conseguem obter uma aparência do sexo oposto, modificam seus quadris, nádegas e rostos com o uso do hormônio e silicone. Duque (2011) também vai ao encontro dessa afirmação quanto à travestilidade e modificação corporal, assim como Silva (2007). Em resumo, esses dois autores, e partilho dos mesmos conceitos, definem-nas como pessoas de sexo masculino que reestruturam seu gênero social para o feminino.

O gênero que a travesti revela é o feminino, contudo, sem que deseje se igualar à mulher em si, como sugere Butler (2003), ao indicar que a travesti cria uma imagem a partir da mulher com suas imitações pessoais e culturais. O gênero, para a autora, figura como identidade tenuamente constituída no tempo e produto da repetição constante de atos estilizados do que seja masculino e feminino, sem que ele seja cristalizado, mas performativo, ou seja, uma travesti revela seu gênero feminino por intermédio de uma *performance* corporal com atos e gestos a fim de se representar feminina.

As trans entrevistadas possuem idades entre vinte e vinte e nove anos, o que caracteriza como jovens segundo o Estatuto da Juventude, sob a Lei nº 12.852, de 05 de agosto de 2013, uma vez que são consideradas jovens as pessoas com idade entre quinze e vinte e nove anos de idade. Para além disso, essas quatro pessoas trans se apresentam socialmente como jovens não apenas pelo corte etário, mas também pela forma como se vestem, pelos gestos que utilizam para falar e expressar, pelas escolhas de adereços, algumas gírias e pela imagem que decidiram expor, o que remete à ideia de juventude³ a partir de uma estrutura cultural.

Se, como afirmam Camargo e Vaz (2012, p.149), as pessoas têm o direito da velhice negado ou mesmo são proibidas de “exibir o aspecto que os avanços da idade costuma denotar”, isso implica em se apresentar como jovem ainda que a idade revele o contrário. A pesquisa com as trans jovens pode revelar qual, ou quais, as imagens que essas pessoas criam para si na velhice. Apesar de o envelhecimento ser uma etapa inerente, a imaginação da velhice apresentada por elas nos depoimentos expõe o que cada uma viveu, vive e imagina viver. Pesavento (2008), em seu texto “Imagem, memória, sensibilidade: territórios do historiador”, explica que essas imagens são provenientes de ações humanas e estão carregadas de intencionalidade não apenas sensorial. Ainda que o texto fale aos historiadores, traz elementos para se pensar as imagens a partir do passado resgatadas nas falas das trans que entrevistei uma vez que derivam das ações humanas:

As imagens são fruto de ação humana, que interpreta e recria o mundo como representação, exercendo grande fascínio. As imagens são visuais, e carregam consigo esta condição especial que se realiza no plano dos sentidos, ao serem captadas e fixadas por um certo tempo na retina de quem vê. Imagens são, pois traços de uma experiência sensorial e emotiva.

O envelhecimento não é um marco etário ou mensurável, mas uma questão biológica que envolve todos os seres humanos, no entanto, a velhice pode ser delineada como cultural e social. A pessoa se sente velha sob aspectos subjetivos e objetivos: seu

³ Vale lembrar que o conceito de juventude não é universal, pois pode ser definido pela idade, cultura, trabalho ou gênero, logo, a opção será por utilizar em alguns momentos a palavra juventudes (Cf. NOVAES e VANNUCHI, 2004), o mesmo valerá para a velhice (BENJAMIN, 1998; BESSE, 1999; BERTAUX, 1982; CORREA, 2009).

corpo e as limitações funcionais que se instauram, as doenças que surgem, a lentidão dos movimentos, a pele que enruga, a beleza e a tonicidade que se esvaem, como indica Caradec (2011). As pessoas são jovens não apenas pela idade que possuem, como as trans, mas também pelo contraste à velhice e o padrão de vida que representam e que se estende a todas as faixas etárias (BARROS, 2011). Desta forma, a velhice e a juventude parecem revelar a presença de seu antagonismo, porém, ser jovem não significa que a pessoa não envelhecerá, ainda que se tente adiá-la para outro tempo, é um processo indissociável ao ser humano e revela conquistas que são feitas socialmente, gradativas e delimitadas por fronteiras da idade, como descreve Barros (1999, p. 47):

As idades são apreendidas como etapas que definem estilos que podem ou não ser adotados e delimitam fronteiras entre indivíduos e segmentos sociais, como podemos ver na interpretação da juventude ou da “terceira idade” como um modo de ser e de estar no mundo. A juventude, por um lado, apresenta-se como um contraste à velhice e como um padrão de vida que deve ser estendido a todas as faixas etárias. A velhice estigmatizada, por outro lado, não desaparece de nossa realidade. Ela é apenas colocada em outro lugar e adiada para outro tempo de vida de cada um de nós.

Se existe esse contraste geracional, aquelas trans que são jovens tem em mente como serão quando velhas ao se deparar com a velhice das pessoas que as cercam. Essas imagens captadas “pela vista são postas em relação com nosso museu imaginário interior, no arquivo da memória que cada um carrega consigo. E, nesse processo, elas recebem uma carga de sentido que as permite perdurar na memória, podendo ser recuperadas pelo pensamento” (PESAVENTO, 2008, p. 18). A recuperação dessas imagens e de como se imaginam tornam-se possíveis com o recurso da entrevista, com a provocação a partir de perguntas. A imaginação promove a criação articulando “a esfera do sonho e do desejo à da ação e realização” (VELLOSO, 2008, p. 331), ainda que as trans se considerem jovens não exclui como projetam suas imagens e representações como velhas a partir de suas vivências sociais, passível também de modificações.

O objetivo principal da investigação com trans jovens é interpretar como elas projetam suas imagens nas velhices e quais recursos lançam e lançarão mão para que a aparência, a partir de seu passado de construção corporal, seja como imaginam, quais as estratégias que utilizarão para se manter jovens, caso assim desejarem, ou como se enxergam como velhas; como percebem as trans mais velhas e seus corpos e em que momento uma trans seria considerada velha.

Passo agora à definição de quais métodos e instrumentos foram utilizados para coletar e analisar os depoimentos das trans, bem como a forma de transcrição eleita. A história oral foi utilizada como recurso de análise junto a um roteiro semiestruturado para nortear a pesquisa de campo.

MÉTODOS E TÉCNICAS

O método escolhido foi o de registro oral dos quatro depoimentos das travestis que se dispuseram a participar da pesquisa. Foi a descrição e análise desses depoimentos que permitiram estabelecer uma conexão entre a transformação do corpo masculino em feminino e a projeção do processo de envelhecimento a ser vivido. O número de travestis entrevistadas é de quatro, destacando a dificuldade em encontrar pessoas dispostas a conceder um depoimento, ou que indique alguém que o possa. Poderia ter recorrido às mesmas pessoas que outros pesquisadores acessaram (PESSOA, 2013; SHIMURA, 2012), contudo, preferi contatar uma travesti que já conhecia, além da indicação de outras pessoas, sem a preocupação de formar uma rede em si, uma vez que a dinâmica se configurou como aleatória.

O recurso de gravação foi utilizado para o registro dos depoimentos, com o tempo máximo de uma hora de gravação, além de registrar em um diário de campo as impressões, os apontamentos das trans, suas reações frente às questões do roteiro de entrevista e mesmo as dificuldades do próprio pesquisador. O diário carrega as impressões dos locais, das informantes, de seus gestos, do trajeto, enfim, se trata de um meio para organizar e reorganizar o desenvolvimento do projeto em confronto com as transcrições.

A coleta dos depoimentos revelou pedaços do passado, “encadeados em um sentido no momento em que são contados e em que perguntamos a respeito. Através desses pedaços temos a sensação de que o passado está presente” (ALBERTI, 2004, p. 15). O ponto inicial da coleta se deu a partir das falas gravadas das informantes que resgataram em suas memórias uma parte do passado, que depois foram documentados sob a forma de escrita. Para alguns autores, como Meihy e Holanda (2007), devemos:

Aceitar que os procedimentos são feitos no presente, com gravações, e envolvem expressões orais emitidas com intenção de articular ideias orientadas a registrar ou explicar aspectos de interesses planejados em projetos. Entrevista em história oral é a manifestação do que se convencionou chamar de documentação oral, ou seja, suporte material derivado de linguagem verbal expressa para esse fim. A documentação oral quando apreendida por meio de gravações eletrônicas feitas com o propósito de registro torna-se fonte oral (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 14-15).

O passado e sua estrutura de rememoração não coincidem, no entanto, com o recurso do registro, como indicam Meihy e Holanda (2007), o ‘vivido’ pelas trans pode ser suscitado, mesmo com as discontinuidades das falas entre passado, presente e futuro. Como indica Alberti (2004, p.17): “só é possível recuperar o vivido pelo viés do concebido”. Os testemunhos de seu passado forneceram imagens que detém valor real, ainda mais quando apoiado em evidências vivenciadas ao longo dos anos, ou seja, elas

puderam criar em suas mentes como pretendem envelhecer e como serão quando estiverem velhas. As imagens, segundo Burke (2004), tem algo a acrescentar porque dispõe de recursos que outras fontes não são capazes de dispor:

Elas oferecem acesso a aspectos do passado que outras fontes não alcançam. Seu testemunho é particularmente valioso em casos em que os textos disponíveis são poucos e ralos, o caso da economia informal, por exemplo, ou o ponto de vista das de baixo, ou as mudanças na sensibilidade (BURKE, 2004, p. 233).

No caso das trans, as imagens podem ser divididas em dois grupos: a do passado, como trabalho da memória, e a do futuro, imaginado segundo seus desejos e a recepção de outras imagens vividas. As falas das trans da pesquisa são reelaborações de vivências acessadas pela memória, concebendo-a ao registro, não como aconteceu, mas como a experienciaram, como afirma Velloso, as “representações e imaginários resultam do turbilhão incessante da vida social. Fazem parte dessa dinâmica ajudando a constituí-la e, sobretudo, modificá-la” (VELLOSO, 2008, p. 331).

O que legitima a escolha pela memória oral, apesar das descontinuidades, fascínios e enigmas, é o fato de que, quando bem aproveitada, revela-se como uma égide de ensinamento do passado, e mesmo assim não se esgota todas as possibilidades sociais. As trans e seus percursos de vida são evidenciados nas entrevistas, o que tornou possível analisar a existência de padrões de socialização, suas trajetórias e os grupos a que pertencem.

A gravação é o principal veículo para a análise da narrativa das trans: suas vivências, modos de vida, testemunhos e modificações. Sem esses recursos, gravação e narrativa, o vivido se perderia no esquecimento da trans, uma vez que não traduziriam em linguagem suas memórias, e sem a gravação o pesquisador estaria incapacitado de promover uma análise, já que seriam suas memórias referentes à entrevista sobrepostas às memórias vividas de outrem. Ao contar suas experiências, a trans, por intermédio de sua linguagem, organiza, elabora, seleciona e imputa sentido, seu sentido frente à memória. Ela transforma, como sugere Alberti (2004), suas imagens cristalizadas em narrativa, o que pode ser um recurso mais bem “bem-sucedido do que outras (assim como algumas entrevistas de história oral são certamente mais bem-sucedidas do que outras)” (Alberti, 2004, p. 77).

As memórias das trans foram registradas a partir de um roteiro semiestruturado como ‘provocação’ para que seus depoimentos fluíssem. Thompson (1992,) declara que, neste sentido, utilizar o método da história oral tornou-se pertinente, pois

(...) a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras e revelar novos campos de investigação; pode derrubar

barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior, e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras (THOMPSON, 1992, p. 22).

Como se trata de depoimentos orais, a preocupação não é a de que as falas sejam verdadeiras, uma vez que o passado sempre que documentado nunca é neutro, nunca é isento de sentidos e sentimentos outros. O que se pretende é recolher o depoimento das trans sobre como percebem o envelhecimento, a futura expressão de sua corporalidade e seus trânsitos entre os espaços. Para as trans entrevistadas, a estratégia de recordar seu passado pode ser delimitada como um fluxo constante entre idas e vindas transitando no jogo da recordação sem linearidade temporal, sem ordenamento específico, como sugere Braidotti (2004) ao indicar que essa forma intensa retira o sujeito de sua localização centralizada e lhe transporta para outro lugar:

Esta forma intensiva, zigzagueante, cíclica y desodernada de recordar ni siquiera apunta a recuperar la información de una manera lineal. Sólo se limita a perdurar intuitivamente. Antes bien, funciona como una agencia desterritorializadora que disloca al sujeto de su localización unificada y centralizada. Desestabiliza la identidad abriendo espacios donde las posibilidades virtuales pueden actualizarse, concretarse. Se trata, en suma, de una suerte de empoderamiento de todo lo que no fue programado en la memoria dominante. (...) Y de ese modo el sujeto continúa, nunca igual a sí mismo, pero lo bastante fiel a sí mismo para perdurar y seguir adelante (BRAIDOTTI, 2004, p. 171).

A memória, como pontua Braidotti (2004, p. 171), detém uma dinâmica não pautada por uma fidelidade do que aconteceu no plano ‘real’, já que ela abre “possibilidades inesperadas y virtuales y es transgresora por cuanto opera contra los programas del sistema dominante de la memoria”, mas permite à própria pesquisa dar voz às informações, que por vezes não foram pensadas, que as travestis trazem nesse processo de rememorar que se tornam relevante para se pensar suas vidas e projeções. Arelada à memória, existe a imaginação, que seria uma força propulsora de lembrança. As travestis, ao lembrarem de si, propõem uma reinvenção de si mesmas, suscitam seus passados congelados graças ao movimento provocado pela imaginação junto à memória, uma vez que “los recuerdos necesitan de la imaginación para potencializar la actualización de las posibilidades virtuales en el sujeto. Permiten al sujeto diferir lo más que pueda de sí, mientras permanece fiel a sí mismo, es decir, mientras perdura” (Idem, p. 172).

Após as coletas dos depoimentos, os mesmos foram transcritos de forma literal, resultando em um depoimento que é outro e o mesmo. É outro porque a transcrição não imprime a vivência efetiva de uma trans, mas o mesmo por ser a delimitação fiel que partiu da transcrição de seu depoimento. Meihy e Holanda (2007) explicam que esse

processo requer alguns cuidados específicos para que oralidade e escrita não destoem e possam ser compreendidos com sentido:

E tudo vira ato de entendimento do sentido pretendido pelo emissor, que pode ser expresso tanto oralmente quando por escrito.

(...) Segundo a tradição firmada, a passagem do oral para o escrito compreende antes de tudo bom entendimento do que foi falado; outra etapa, a passagem para o escrito sem perder de vista o referencial guardado, seja nas formas de construção de frases ou no universo vocabular. Por lógico, atuam nesse processo metáforas, trejeitos linguísticos, erros, mas sem perder de vista que nada é igual ou mesma coisa (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 134-135).

A transcrição pode ser definida como um fundamento basilar para que a oralidade seja documentada, analisada e recriada para melhor comunicar o sentido e as intencionalidades carregadas. Ela surge da necessidade de se reformular a coleta para que seja “compreensível à leitura” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 156). Os depoimentos das trans estão impregnados dessas intencionalidades, mas também de frases e termos repetidos, de vícios de linguagem e o constante ir e vir do passado, como mencionado anteriormente. Meihy e Holanda (2007) sugerem que a transcrição literal carrega diversas frases repetidas, o que poderia ser cortado para ficar apenas com a ‘essência’ da narrativa, bem como o uso de gírias, palavras chulas e demais situações similares.

Na transcrição literal há inúmeras frases repetidas, enquanto outras são cortadas pelo entrevistando ou pela qualidade da gravação; há muitas palavras e expressões utilizadas incorretamente, devido à própria dinâmica da fala, da conversa informal – que é o que tentamos fazer na entrevista. Há estrangeirismos, gírias, palavras chulas, ou seja: termos que são bastante distintos quando falados ou escritos (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 156).

No entanto, parto da ideia de que os maneirismos, as gírias, as palavras chulas ou repetidas, e outros vocábulos ditos não formais carregam intencionalidades, posturas, sutilezas e agressividades das trans. Suas palavras e frases repetidas podem ser uma tentativa de lembrar algo no passado ou enfatizar uma situação, o que poderia ser corrigido por intermédio da transcrição, como sugerem Meihy e Holanda (2007), alterando, retirando ou mesmo acrescentando, mas como dar voz às trans sem considerar como e de que modo se expressam? A própria construção do texto altera, em certa medida, suas falas, suas memórias, procura confrontar com teorias para defender isso ou aquilo, mas a transcrição aqui não defenderá a dinâmica de adequação linguística. Como pontua Bosi (1994, p. 56), a linguagem é um instrumento decisivamente socializador da memória, pois ela “reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual”. A memória nunca é ou está fixa, do mesmo modo o passado suscitado por

ela, que poderá ser conservado ou elaborado, sobretudo moldado qualitativamente pelo sujeito.

Os locais para a coleta de dados serão selecionados pelas próprias pessoas a fim de que estejam tranquilas e se sintam seguras para falar, já que se trata, na maioria dos casos, do próprio lar ou do ambiente de trabalho. A fim de “produzir melhores condições para as entrevistas, o local escolhido é fundamental. Deve-se, sempre que possível, deixar o colaborador decidir sobre onde gostaria de gravar a entrevista” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 56). O termo colaborador imprime uma ideia mais voltada à administração, suscitado a partir da década de 1970, e não o utilizo como sinônimo de informante. Ainda que exista na citação dos autores, penso nas trans como pessoas que se dispuseram a partilhar seu passado e projetar seu futuro sem que exista uma conexão de ‘colaboração’ nos moldes empresariais, mas mais afetivos, por exemplo. As trans da pesquisa não representam um campo único, já que não são da mesma cidade, círculo de amizade ou grupo político. Cada uma desconhece a outra, como explico na sequência.

O primeiro contato efetivo para a coleta de dados foi com de *Michele*, de Apucarana, que obtive por intermédio de uma aluna⁴ de graduação da mesma cidade. Ela se dispôs prontamente a me receber e conceder sua entrevista em seu lar. *Michele* tem vinte e oito anos, é branca e alta, seu corpo é esbelto, possui cabelos tingidos de loiro escuros e de corte médio, casada, costureira e também palestrante, nascida em Rosário do Ivaí (PR), possui curso profissionalizante de corte e costura e no momento conclui o ensino médio sob a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Apucarana.

Bruna, moradora de Maringá, acolhida por uma entidade religiosa, me recebeu em sua casa provisória. O encontro com ela aconteceu em função do contato que estabeleci com o reverendo dessa entidade, via o e-mail institucional. *Bruna* é negra, magra, estatura média, cabelos bem curtos e escuros, alisados de forma química, solteira, não tem profissão definida e estudou até a oitava série do fundamental em Londrina, sua cidade natal.

Com *Ruana*, de Mandaguari, estudante de curso profissionalizante em Maringá, o contato foi direto, uma vez que nos conhecemos em Mandaguari mesmo, cidade na qual eu residia, desde a época em que seu gênero era o masculino. *Ruana* é solteira, iniciou uma graduação em Turismo em Apucarana, mas parou para modificar seu corpo, é alta, tem grandes curvas pelo corpo (quadris, coxas, seios), cabelos longos e

⁴ Lecionei algumas disciplinas no curso de graduação de filosofia na Faculdade Apucarana Cidade Educação (FACED), em Apucarana, como, por exemplo, filosofia da linguagem e estética, e em uma das conversas sobre o mestrado e a pesquisa com travestis, essa aluna, C., disse que poderia me passar o contato de Michele, que parecia conhecer tão bem, uma vez que seu trabalho na área da saúde lhe permitia o contato com o universo travesti.

castanhos, sua pele poderia ser definida como parda, tem vinte e nove anos e terminou um curso profissionalizante de cabeleireira no final de 2013.

Áthila, por sua vez, me foi apresentada pela minha irmã, principalmente por terem contatos esporádicos por causa do trabalho desta, ainda mais após o casamento civil comunitário que participou em sua cidade, o que repercutiu sobremaneira na sociedade local e regional. Nasceu em Santos, litoral de São Paulo, na Praia Grande, é casada legalmente, possui o ensino médio completo, magra, alta, de cabelos médios, seu tom de pele é pardo, quase uma cor de canela, no momento desempenha a função de dona de casa.

Todas as informantes aceitaram livremente a pesquisa e com a peculiaridade de solicitar decididamente o uso de seus nomes sociais, pois pensam que se trata de uma valorização de si e da própria categoria trans, além de pensar que um nome fictício ocultaria suas vidas. Em respeito a seus pedidos, tomo por postura o uso do nome social de cada uma delas.

Os dados relevantes coletados em campo indicaram suas ocupações no momento e o que fizeram no passado, suscitando uma conexão como profissionais do sexo entre elas, revelando narrativas que se “aproximam e se distanciam umas das outras” (SHIMURA, 2012, p. 44).

Para analisar os dados das informantes utilizei um roteiro semiestruturado como guia para a coleta dos depoimentos, de maneira a privilegiar a flexibilidade no diálogo, o que permite liberdade ao entrevistador para “fazer digressões e ir além da lista. Por meio das perguntas de sondagens, o pesquisador realiza questões ao entrevistado para estimulá-lo a fornecer indagações adicionais à resposta” (PESSOA, 2013, p. 28-29). O roteiro parte de discussões com as referências lidas acerca de pesquisas qualitativas e demais obras para se questionar o corpo e o envelhecimento de trans.

A primeira trans entrevistada para a pesquisa foi *Michele*, de Apucarana, com vinte e oito anos de idade e casada. Seu processo de modificação se iniciou aos quatorze anos após ser expulsa de casa quando sua mãe descobriu que naquele momento seu filho era gay, o que a afastou dos bancos escolares e a aproximou do mundo do mercado de sexo. Ela trabalha como costureira em sua cidade, mas também desenvolve atividades junto à secretaria de saúde municipal, ministrando palestras a profissionais de educação e alunos de Apucarana e região, para explicar questões de sexualidade, travestilidade e doenças sexualmente transmissíveis. Seu corpo e sua fala revelam sua juventude e, aparentemente, uma tranquilidade em viver e transitar nos espaços como trans, para *Michele*, contudo, a velhice não é pensada como imagem inevitável de um corpo mais lento, com rugas e necessidades específicas. *Michele* pensa em uma estrutura oposta ao envelhecimento quando indica que pode lançar e lança mão de

artifícios para manter-se jovem: tintura dos cabelos, roupas joviais, gestos mais contidos e uma fala mais suave.

Bruna é a mais jovem das quatro. Tem vinte anos, mora em uma casa de apoio ao público LGBT, mas que também está aberta a quem precisar de um abrigo temporário, vinculada à Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM), em Maringá. Sua modificação corporal teve por marco os acessos às roupas de sua mãe e sua revelação, aos doze anos, que queria se vestir sempre de mulher. A expulsão de casa implicou em migrações constantes entre cidades e estados brasileiros com a finalidade de vender o corpo para consumir bens essenciais e drogas diversas. Seu corpo jovem, magro, negro e com poucas curvas, semelhante mais ao de um menino do que de uma menina, vivenciou violências diversas, algumas parecidas com as de *Michele*, porém, sua percepção de velhice é nebulosa, retomando o ideal de uma juventude que pretende prolongar. Pensa a velhice como uma fase na qual pretende viver o *glamour* alcançado com as modificações que pretende realizar em seu corpo. Sua referência é a famosa travesti Roberta Close⁵.

Ruana reside em Mandaguari, estuda em Maringá um curso técnico de cabeleireira e tem vinte e nove anos. Seu corpo possui muito volume, do tipo ‘mulherão’, como ela intitula, mas seus processos não se iniciaram na infância ou adolescência sob os mesmos moldes das demais informantes, começaram mais tarde por volta dos vinte e quatro anos, após desistir da graduação em turismo. Sua fala revela o desejo de um corpo tal qual o de uma mulher, mas uma mulher idealizada a partir de si mesma, sem um paradigma embasado em atrizes ou outra figura pública feminina, como informou *Bruna*, por exemplo, ao dizer que pretende envelhecer “como a Roberta Close”.

Áthila não é paranaense, veio de Santos após a morte de sua mãe. Sua vinda para Cruzeiro do Oeste parece representar uma movimentação típica de algumas trans quando estão na categoria de profissionais do sexo. Ela tem vinte e nove anos, é alta, magra, cabelos negros, sobrancelhas marcantes, sua pele é de um tom de canela mais suave do que o de *Ruana*. Casada civilmente, em um evento comunitário na cidade onde reside com seu esposo, o que foi notícia em toda a cidade, com direito a fotos em um site oficial do município⁶. Quer envelhecer como qualquer mulher, como ela mesma indica, além de seguir com os estudos. Possui o ensino médio completo e vê na graduação uma possibilidade de ascensão social e política para ela e as demais trans.

⁵ Roberta Close é uma das transexuais mais conhecidas no cenário brasileiro, já posou para diversas revistas como Playboy, Sexy, Manchete, destinadas ao público masculino, além de ter aparecido nos meios televisivos, o que explica ser um paradigma para algumas trans que pretendem possuir o mesmo corpo e o direito em modificar o nome (Cf. <<http://perfil.caras.uol.com.br/roberta-close>> acesso em 19 de fevereiro de 2014).

⁶ Cf. <<http://www.portalcruzeirodoeste.com.br/evento/46/casamento-comunitario/#55>>, acesso em 24 de janeiro de 2014.

As quatro informantes se conectam tanto na transformação corporal que promovem como na ideia de que pensam que uma trans envelhece mais cedo que uma mulher biológica, principalmente quando se é profissional do sexo, uma vez que a rua cobra um corpo jovem, bonito e inédito. A partir das análises de suas falas parece patente inferir a ideia de que as trans, ao envelhecer, deixam, gradativamente, de ser percebidas. Os depoimentos suscitam, ainda, que a questão etária se opõe à cultural, revelando a delimitação da imagem do ‘ser velha’ e como ‘ser velha’ para as entrevistadas.

Barros (2011, p. 47), ao falar sobre como as idades são captadas, revela que a “flexibilização das classificações das idades, o esmaecimento das fronteiras etárias, a pluralidade e a heterogeneidade de experiências geracionais” é que delineiam estilos que podem ser adotados ou não pelas pessoas e segmentos sociais. Frente a isso, nenhuma delas, *Michele*, *Bruna*, *Ruana* e *Áthila*, se enquadram nos conceitos, legais ou não, do que se espera para uma pessoa na velhice, o que não exclui dizer que todas estão sob o processo do envelhecimento, mas que cada qual agirá de um modo diferente para retardar, positivar ou esquecer do envelhecimento.

No primeiro capítulo analiso a produção acadêmica sobre travestis encontrada em uma plataforma de pesquisa, o site Scielo, a fim de estabelecer um diálogo com a bibliografia sobre esse segmento com as trans que entrevistei, além de tentar delinear qual o paradigma ditado por esses artigos. Na segunda seção, conceituo os sujeitos travestis e trans a partir do recorte de 1980 até os anos 2000.

O segundo capítulo traz uma discussão sobre o corpo, dividido em três seções: a primeira sobre o corpo trans, a segunda sobre o corpo jovem e a terceira sobre o envelhecimento dos corpos.

No terceiro capítulo trago as análises das entrevistas que realizei. Na primeira seção explico os contatos, ambientes e falas de *Michele*, *Bruna*, *Ruana* e *Áthila*. Na segunda seção defino a gênese de cada trans, bem como, quando e onde iniciaram seus processos de modificações. A terceira seção é destinada às lembranças e vivências familiares e empregos, em suas relações de aproximação e afastamento frente a seus novos corpos. A quarta seção, sobre religião, ‘surgiu’ a partir das falas delas, uma vez que resgatam os desejos em frequentar um espaço religioso, ou as experiências sofridas nesses espaços. Na quinta há a análise do envelhecimento, de como pensam seus corpos e suas definições para velhice.

Essas relações, reveladas a partir das análises dos depoimentos, podem indicar em que medida e sob quais aspectos as travestis elaboram imagens de suas velhices e de seus corpos envelhecidos e são essas as questões que retomo nas considerações finais da dissertação.

TRAVESTIS ONDE?

1.1 Travestindo a escrita publicada: localizando os estudos sobre travestis

Ao debruçar meu interesse acerca das relações que permeiam a travestilidade, pesquisei o verbete ‘travesti’ na plataforma *Scielo*, uma vez que se trata de uma ferramenta respeitada no âmbito acadêmico. A intenção era a de analisar o cenário acadêmico em relação às travestis, quais as conexões propostas pelos autores, ou resenhas de obras, ou ainda colaborações sobre políticas de enfrentamento ao preconceito para se pensar a travestilidade.

O período da pesquisa se deu no intervalo das duas primeiras quinzenas de janeiro de 2012, entre 02 e 16 de janeiro de 2012, e as categorias dispostas, a princípio, para a análise foram: corpo, violência, prostituição, política, saúde, envelhecimento e travestis. Os quarenta e quatro artigos encontrados foram separados por quatro países: Argentina, Brasil, Chile e Portugal.

Como a pesquisa parte de um acesso a artigos via verbete, não significa que a mesma trará exclusivamente artigos relacionados à travestilidade, ou mesmo a conexão entre a travesti e seu envelhecimento, meu interesse maior. Não quero, ou não pretendo, delimitar a existência ou inexistência de trabalhos que correlacionem os âmbitos da travestilidade e os processos de envelhecimento, a fim de que seja justificada a legitimidade de uma pesquisa como essa, no entanto, as análises podem indicar quais os caminhos percorridos pelos autores e as novas possibilidades de abordagem, sobretudo, para o tema da travestilidade. Penso que os processos observados chamam a atenção para uma vertente de escrita mais voltada às áreas biomédicas, se distanciando de uma noção de cultura ou antropologia do envelhecimento, o que levanta questões como, por que os artigos, em sua maioria, tratam do corpo travesti apenas como um objeto biológico? Por que o corpo, quando considerado, é explicado sob o viés de doenças sexualmente transmissíveis? Existe, a partir da análise, alguma discussão de cultura travesti associada ao envelhecimento?

Os artigos argentinos, por exemplo, tratam de conceitos ligados ao corpo (CIRIZA, 2007; MARTÍN, 2006; MENDIARA, 2006; TOIBARO *et al.*, 2009), a travestilidade, a prostituição e mesmo uma política de discussões feministas (CIRIZA, 2007). Apenas um não elabora uma discussão acerca desses termos, pois se trata de uma resenha de “Conjugualidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis” (2007), que retrata as discussões acerca dos direitos da comunidade LGBT (GROSSI *et al.*, 2009). Contudo, os demais artigos espraiam para discussões em outras esferas, como os corpos frente à cidadania, os movimentos feministas, conceitos de tolerância e de igualdade, como indica o excerto abaixo:

La expansión de derechos, esto es, la igualdad formal y abstracta para mujeres y minorías sexuales, así como la contemplación legal de iguales derechos para los diferentes, tiende a la licuación de las especificidades de etnia, cultura, orientación sexual que, despojadas de su capacidad de ofensiva política, pueden ser consideradas como insignificantes bajo condiciones que conllevan el dominio directo de la economía sobre la política. Al mismo tiempo que se expanden e internacionalizan derechos, se restringen de manera brutal las posibilidades de su ejercicio. Es el mercado el que “decide” debido al ahondamiento de la brecha entre ricos y pobres, entre Norte y Sur, así como a la mercadorización de antiguos derechos en sociedades en las cuales el estado operaba como regulador y garante de los derechos económicos y sociales (CIRIZA, 2007, p. 27).

Há uma marca que tangencia um interesse pelo viés político, como já citado, nos artigos argentinos, seja ao tratar de políticas públicas da área da saúde, seja ao discutir como o feminismo orienta as identidades de gênero (CIRIZA, 2007; MARTÍN, 2006; MENDIARA, 2006; TOIBARO *et al*, 2009), todavia, inexistente uma discussão entre geração e gênero para se pensar o envelhecimento de uma travesti, por exemplo. A leitura e análise revelam o que, *a priori*, parece comumente difundido: trabalhar com travestis implica, na maioria das vezes, trabalhar com as doenças infectocontagiosas (MARTÍN, 2006; TOIBARO *et al*, 2009), o que limita compreender outros processos também de importância para as pessoas travestis.

No Brasil a soma atinge 33 (trinta e três) artigos associados ao termo travesti, no entanto, apenas 04 (quatro) estruturam uma discussão que correlaciona às pessoas LGBTs e o envelhecimento (CARVALHO, 2011; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008; PELÚCIO, 2005; PELÚCIO, 2011), porém, somente 03 (três) estabelecem um diálogo com a estrutura do envelhecer travesti (CARVALHO, 2011; PELÚCIO, 2005; PELÚCIO, 2011). Vale salientar que o Ministério da Saúde elabora uma discussão que soma “duas décadas de atenção à população de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais (GLBT)”, todavia, o mote aqui se refere às questões exclusivas à saúde, como a própria sentença indica ao afirmar que “partiram do enfrentamento da epidemia da Aids” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008, p. 571). Não há uma orientação acerca das identidades, ou dos processos em si do ser travesti, nem mesmo existe a referência teórica da qual partem para construir o artigo, parece, então, plausível afirmar que a preocupação se limita a projetos e políticas de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. Esses projetos podem auxiliar no desenvolvimento de questões ligadas ao meio jurídico a fim de fortalecer as redes específicas, com o desenvolvimento de “campanhas de comunicação e ações para visibilidade da população GLBT como estratégia de promoção da saúde e ampliação da participação do movimento GLBT em instâncias consultivas” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008, p. 571).

As ações propostas pelo documento do Ministério da Saúde (2008) falam da visibilidade e promoção de saúde ao público LGBT, entre eles as travestis, sem indicar exatamente como se daria esse processo. O Ministério da Saúde entende, sob a luz da

Constituição de 1988, que todas as pessoas têm direito à saúde de forma plena, no entanto, faz-se necessário que movimentos sociais e toda a população “se apropriem de capacidade crítica para exigir as melhorias necessárias à qualidade de vida” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008, p. 510). Junto a esse processo, o Sistema Único de Saúde (SUS) também está envolvido, já que é destinado a todas as pessoas, porém, utilizado com mais frequência pelas camadas populares.

Ainda que exista uma indicação clara sobre o atendimento aos idosos GLBT⁷ de forma humanizada e integral no SUS (Sistema Único de Saúde), dos incentivos a centros endocrinológicos para o atendimento de travestis e pessoas trans e destaque para se qualificar um apoio mais detido à saúde mental em “todas as fases de vida da população GLBT prevenindo os agravos decorrentes dos efeitos da discriminação, do uso de álcool e outras drogas e da exclusão social” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008, p. 573), o conceito geral do artigo se encerra na estigmatização ao associar pessoa travesti, ou trans, à drogadição, à prostituição e vulnerabilidade à epidemia da AIDS.

Os marcos dispostos pelo Ministério da Saúde em seu artigo indicam avanços significativos nas discussões de saúde desde 2004, como o Programa Brasil sem Homofobia, o Plano Integrado de Enfrentamento da Feminização da Epidemia de AIDS e outras IST e o Plano Nacional de Enfrentamento da Epidemia de AIDS e das IST entre *gays*, homens que fazem sexo com homens (HSH) e travestis, além de Comitê Técnico de Saúde da População GLBT (2004). Esse Comitê se constitui como um espaço de articulação e debates de agendas específicas dos movimentos sociais que se relacionam com as discussões e “*ausculta* de demandas de representações do movimento social, envolvendo todas as áreas atinentes do Ministério da Saúde, no sentido de promover a inserção das especificidades de saúde desse contingente populacional nas políticas e ações do SUS” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008, p. 571). Dentre as estratégias propostas, apenas uma se destina especificamente à pessoa idosa e atenção básica à pessoa GLBT com atenção humanizada em domicílio: “Qualificar a atenção básica no cuidado aos idosos GLBT, dando continuidade ao processo de implantação e implementação da Caderneta de Saúde da Pessoa Idosa e a atenção domiciliar humanizada ao idoso GLBT” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008, p. 572). Não existem números de atendimentos ou qualquer outro dado que revele se essa atenção se efetivou, se existe atendimento à pessoa idosa GLBT, como descreve o artigo, e se dentre elas as travestis idosas são atendidas de forma humanizada.

⁷ A sigla aqui se refere a Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais, contudo, o termo fora modificado para LGBT, uma vez que ela preteria um processo histórico feminista, deixando as mulheres lésbicas em segundo plano, desta forma, ao mover uma sigla, repensa-se as posições sociais, binárias e de estruturação do poder falocêntrico.

O corpo e sua plasticidade pode ser observado na leitura de Carvalho (2011), em seu trabalho “A (im)possível pureza: medicalização e militância”, que retrata apenas de forma rápida a travesti velha, associando-as ao conceito de *glamour* da década de 1980, quando diversas, conforme seus relatos, foram à Europa, e reelaboraram suas plasticidades com esse conceito mítico e vestido de poluição de gênero, mas que gradativamente esvanece por conta de um processo de “politização da identidade travesti ou transexual” (CARVALHO, 2011, p. 40). O autor estabelece uma etnografia, de 2009 a 2010, sobre travestis e transexuais, com observações dos encontros do movimento LGBT, contatos com lideranças transexuais e travestis do Brasil, a fim de suscitar uma “estratégia de transformação (simbólica e política) de “não pessoas” em “pessoas”” (CARVALHO, 2011, p. 38), partindo da medicalização, patologia, militância e *performance*. Para que haja a garantia de seus espaços, essas pessoas se modificam para acessar seus direitos, segundo o autor, os atores sociais se reinventam para obterem acessos aos espaços e políticas específicas, requerendo a “igualdade de direitos e o reconhecimento da liberdade de autodeterminação” (Idem, p. 58). Carvalho envereda pelo trabalho de campo, acompanha as militantes e militâncias, dá luz às falas, todavia, não amplia a discussão de corporalidade das travestis frente ao tempo. Não é seu foco. Mas dá indícios para se pensar a memória associada ao *glamour*, à valorização de tempos idos e áureos das travestis com mais de 50 anos em um tempo e corpo específicos, segundo outros paradigmas corporais e de beleza.

Ainda que tais questões possam orientar a pesquisa, Carvalho (2011, p. 38) chama a atenção para a fala de uma travesti, Janaína, quando descreve a categoria travesti como não pessoa sob o olhar do outro: “Porque é o não reconhecimento dessa pessoa como... pessoa. Travesti não é tida como uma pessoa, então, quando ela morre, não causa impacto”. Essa passagem a que ele chama de “não pessoa” para “pessoa” sob a questão simbólica e política implica na categoria de desvio, conforme se vale de Becker (2009). O desvio se dá do outro para a travesti. O outro pensa a travestilidade como algo ‘não normal’, que foge à ‘regra’ biológica, médica, social e cultural do corpo que pode gerar violências e/ou invisibilidade, como sugere a fala. As pessoas desviantes, então, se organizam em grupos a fim de racionalizar suas diferenças e estabelecer critérios a partir de suas próprias categorias para delinear quem faz parte ou não de sua própria categoria. Se Janaína diz que a morte de uma travesti está na invisibilidade, significa que apenas seus pares percebem o impacto dessa morte.

O Grupo Gay da Bahia (GGB), que figura como a mais antiga associação de defesa dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil, divulgou em seu site “O Relatório Anual de Assassinato de Homossexuais”, de 2010, com dados das mortes do público LGBT com significativo aumento em relação a 2009. O GGB foi fundado em 1980, em 1983 firmou registro como sociedade civil sem fins lucrativos e, em 1987, foi

declarado como utilidade pública municipal. Por sua atuação íntegra como membro a International Lesbian and Gay Association (ILGA), a The National Latina/o Lesbian, Gay, Bisexual & Transgender Organization (LLEGÓ) e a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT), além de ser nomeado como membro da Comissão Nacional de Aids do Ministério da Saúde do Brasil, em 1988, desde 1995 integra o comitê da Comissão Internacional de Direitos Humanos de Gays e Lésbicas (IGLHRC), a partir de 1995 a Secretaria de Direitos Humanos da ABGLT, e desde 1998 a Secretaria de Saúde da mesma. O GGB, em seu relatório, chama a atenção para os números de mortes no Brasil:

Foram documentados 260 assassinatos de gays, travestis e lésbicas no Brasil no ano passado, 62 a mais que em 2009 (198 mortes), um aumento 113% nos últimos cinco anos (122 em 2007). Dentre os mortos, 140 gays (54%), 110 travestis (42%) e 10 lésbicas (4%) (Cf. <<http://www.ggb.org.br/Assassinatos%20de%20homossexuais%20no%20Brasil%20relatorio%20geral%20completo.html>> acesso em: 05 de agosto de 2013).

Os números da mortalidade travesti representam 42% de aumento em relação a 2009, e a causa da morte por tiro de arma de fogo figura em primeiro lugar, com um total de 34 pessoas. Além disso, a faixa etária mais vitimada está no intervalo de vinte e um a vinte e nove anos, representando 21 travestis, como indica a tabela abaixo do site do GGB, referente ao ano de 2009, o que sugere uma relação entre o corpo jovem e/ou adulto cruzado com a possibilidade de maior exposição à morte.

IDADE	GAY	TRAVESTI	LÉSBICA	TOTAL
15 – 17	2	3	-	5
18 – 20	4	5	5	15
21 – 29	22	21	2	45
30 – 39	35	7	-	42
40 – 49	25	11	-	36
50 – 59	7	-	-	7
60 – 69	6	-	-	6
70 – 79	2	-	-	2
S/INFORMAÇÃO	14	25	2	41
TOTAL	117	72	9	198

(Fonte: <http://www.ggb.org.br>, acesso em 08/08/2013).

Conforme a tabela do relatório do GGB, o índice de mortandade diminui com o aumento da idade das travestis, o que parece sugerir que elas estão menos expostas. Talvez a rua, o ambiente onde muitas trabalham com seu corpo, tenha chamado a

atenção de Pelúcio (2005; 2011). A autora se insere constantemente nesse campo estabelecendo contatos físicos ou virtuais (2005). No artigo de 2005, “Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti”, após revelar ao leitor o mundo da travestilidade e da prostituição em São Carlos (SP), os termos ênicos, as transformações e as etapas para se chegar ao “produto final” travesti, além de inferir um cenário geral do ser travesti para além de São Carlos, suscita um contraste importante entre a memória da travesti velha e das chamadas “ninfetinhas”, ou seja, as mais novas. Há um pesar nas falas das mais velhas em relação às mais novas, como se estas destituíssem a historicidade daquelas em relação às violências e dificuldades vividas. O que as aborrece é o fato das jovens não admitirem sua inexperiência e “esnobam aquelas que “abriram as portas para elas”” (PELÚCIO, 2005, p. 228). Porém, uma situação assola a ambas, veteranas e mais novas, a violência: “até pegar a “manha”, medo e insegurança são situações de ameaça enfrentadas pelas travestis que se prostituem. Conforme me descreveu *Michele*, ao falar sobre a relação entre as trans mais novas e mais velhas, existe um certo desrespeito das mais novas frente às mais velhas, sobretudo por conta do corpo novo, e novo corpo, que se apresenta que faz com que estas pensem em como o tempo passou ao ver aquelas:

Porque as mais velhas já não tem o mesmo corpo, o organismo já não é o mesmo, o cabelo. Então as novinhas às vezes acabam já não respeitando. É que nem elas falam de dar close, *né*. Elas falam, “ah, dá muito close”, joga o cabelo, mostra que é bonita, e tal. E as mais velhas já se incomodam, porque um dia foi daquele jeito, e se incomodam (*Michele*).

Ainda sim, existe entre algumas mais jovens uma posição de respeito e de aprendizagem frente ao conhecimento das que já estão no processo de modificação corporal há mais tempo, principalmente quando elas se aproximam das jovens para conversar sobre os cuidados com a saúde, como é o caso de *Michele*.

Sim, sim. Principalmente as mais novinhas, querem saber qual é os métodos, que às vezes não conhece, tá começando, não sabe como pode fazer para transformar o corpo, entendeu. Então a gente passa, principalmente eu falo, “toma isso, toma aquilo, não faça isso, não faça aquilo, tem horário certo, assim você pode tomar o comprimido com água, o efeito é melhor com água do que com leite”, entendeu? (*Michele*).

O corpo aqui seria o emblema que separa as jovens das velhas, tal qual uma ‘competição’, como confidencia *Bruna*, é uma espécie de “costume da rua, sabe, uma querer ser melhor que a outra, então é assim”. Essa relação entre as gerações opostas implica em expor no corpo elementos que as diferencie visual e socialmente: “roupa, corpo, o jeito de falar, o jeito de andar, o jeito de vestir, o jeito que você usa o cabelo, o tamanho do cabelo, tudo, entendeu, na rua é essa a disputa que elas vivem” (*Bruna*).

Parece não existir uma relação de afetividade, sob a ótica de *Bruna*, entre as mais velhas e mais novas, ainda que sofram dos mesmos algozes, ou as mesmas violências, talvez como forma de naturalização, ou mesmo um suporte psicológico, ficam indiferentes ao saber o que a outra sofreu, sobre atritos de seus espaços, de questões etárias e da juventude do corpo. Pelúcio (2005, p. 230), quando propõe uma discussão sobre o território de prostituição e as violências encontradas nas ruas, explica que essa naturalização das violências leva à indiferença em relação às rivais como limite espacial, corporal, etário e mesmo pedagógico, uma vez que ela promove uma “carapaça, ante a fatos corriqueiros, para aturar a vida na noite”.

No entanto, a autora salienta que também é possível uma proximidade afetiva entre as diferentes gerações, o que incorre, por exemplo, quando a mais velha se torna ‘mãe’ da mais nova, a fim de ensiná-la a se portar como uma travesti, como se vestir, se relacionar socialmente, como pertencer a uma cultura tanto de travestilidade como do mercado do sexo. É certo, como revela a autora, que a indiferença inexistente entre algumas, mas nas que dialogam nesse processo maternal há a respeitabilidade pelo que já foi vivenciado, uma vez que “era mais vivida e, supostamente, tinha muito a ensinar” (PELÚCIO, 2005, p. 233). Talvez a mais velha pense em perpetuar uma ‘postura travesti’, como critérios específicos para que uma travesti seja considerada como tal. Talvez haja uma projeção de imagem entre ambas: a mais velha que se reconhece no corpo da mais nova e a mais nova que pretende envelhecer e se manter jovem conforme o corpo e ensinamentos das mais velhas. E mesmo que as mais jovens tenham uma relação de antagonismo, elas mesmas precisam aprender os traquejos para transitar na rua, se esquivar das violências no campo da profissão do sexo e assimilar os códigos todos, pois Pelúcio diz que “aprender os códigos da rua e da noite significa sobrevivência, e isso não é coisa de criança nem de adolescentes” (2005, p. 236).

A autora não pretende categorizar a travesti, o que pode criar uma generalização simplificada por demais, sem considerar as variáveis existentes em cada tempo e espaço. Porém, revela caminhos para se pensar as relações da travestilidade, a venda do corpo no mercado do sexo e o desejo de modificações corporais por cada travesti, indiferente do tempo e do espaço. Nesse artigo, ainda que diluído, existem elementos para pensar o envelhecimento e algumas cargas que ele carrega e acarreta. Já no artigo, “Marcadores Sociais da Diferença nas Experiências Travestis de Enfrentamento à AIDS”, de 2011, o foco são os processos de doenças como o HIV/AIDS e do corpo ao longo dos anos das travestis que se lançaram ao mercado do sexo, mas vai além, revela

que os programas de saúde não levam em conta outra doença que as assolam: a depressão (PELÚCIO, 2011, p. 78). A depressão, conforme o Código Internacional de Doenças, pode ser leve, moderada ou grave, e provoca na pessoa diminuição do humor, da energia e das atividades, além de ter a capacidade de sentir prazer alterada. Quando uma travesti, por exemplo, está depressiva, sua autoestima fica comprometida, sua libido se altera, seu desejo pela atividade ou pelo cuidado do corpo diminui. A vulnerabilidade de doenças não parece preocupar as mais novas, o que preocupa as mais velhas, as “veteranas”, que as chamam de “abusadas”, “arrogantes”, ao tentar acelerar o processo de hormonização, ou expor o corpo às intempéries do clima. A autora, em seu artigo de 2011, segue um raciocínio pautado nos conceitos de gênero de Butler (2003), de uma escrita feminista e de como a diferença figura em si como chave analítica para se enfrentar os problemas e paradoxos causados exatamente pela diferença e pelo não enquadramento das travestis frente ao binarismo de gênero. A questão binária divide quase que de forma cristalizada os gêneros das pessoas, deslocando as travestis desse discurso hegemônico e desconsiderando suas “vidas legítimas, uma vez que seus gêneros não são inteligíveis” (PELÚCIO, 2011, p. 79).

O que me importa no texto são os relatos costurados aos processos de memória ou reflexão das travestis e da pesquisadora no tocante ao envelhecimento. Pelúcio (2011), apesar de não estabelecer uma conversa com o artigo supracitado do Ministério da Saúde (2008), nem mesmo o traz no rol de referências, acaba por responder o que lhe falta: a necessidade de uma estrutura antropológica da travestilidade. Ao se compreender essa estrutura, é possível dar voz às próprias travestis para que se pensem programas e agendas específicas a partir delas mesmas, não de um órgão externo que pense como deve proceder em relação a elas, na perspectiva da autora:

Acredito que, para se entender a relação das travestis com a aids e com o sistema oficial de saúde, é preciso que se pense o fenômeno da travestilidade a partir da proposta antropológica de ouvir o que as pessoas têm para dizer de si mesmas. E, a partir daí, buscar o potencial analítico das categorias classificatórias que servem para descrever os outros e a si mesmo (PELÚCIO, 2011, p. 83).

Talvez estas categorias analíticas sejam deixadas de lado por não se considerar as dimensões política e cultural, sendo consideradas quase que exclusivamente sob a ótica da saúde, especificamente em relação às doenças sexualmente transmissíveis e sua vulnerabilidade diante da exposição no mercado do sexo.

Interessante observar que diferente dos artigos brasileiros, os artigos chilenos, 05 ao todo, revelam um viés identitário (KULAWIK, 2008; SOLÍS, 2009) e/ou tratam de questões literárias (BARCELLOS, 2007; CALDERÓN, 2006; KULAWIK, 2008; ROBLES, 2004). Kulawik (2008) mescla a identidade e a política para defender que a insígnia travesti representa a inconformidade com sistemas governamentais, além de suscitar o ‘travestismo’ como fenômeno político e artístico em resposta à opressão política de Pinochet em meados dos anos de 1970 e oposição ao binarismo heterossexual.

(...) expresión artístico-política de inconformismo y oposición; primero al régimen de Pinochet en los años 1970 y 1980, luego al proceso de la transición democrática neoliberal de los años 1990. El travestismo, a menudo asociado con la homosexualidad, se convirtió en una categoría epistémica opuesta al binarismo heterosexual, sancionado por la tradición patriarcal de la cultura hispánica y occidental, en general (Idem, p.101-102).

As quebras paradigmáticas, envolvidas pela ludicidade da representação de si com roupas do gênero oposto (Idem, p. 102), do sistema heteronormativo e binário perturbaram os cânones burgueses e neoliberais, incitados pelos movimentos literários de escrita sexualmente explícita. O mesmo se pode afirmar em relação à nomenclatura travesti, opondo-se em igual medida à nomenclatura destinada a elas, uma vez que se não há nome, não há como se requerer nada a si ou seu grupo. Conceituar e dizer de si implica em culturas, identidades e códigos próprios, como afirma Solís (2009).

En consecuencia, los “sin nombre propio” que no se integran al orden social permanecen inhabilitados para obtener beneficios sociales y culturales. Uno de ellos es el travesti que no se sujeta a una identidad concreta debido a que en su nominación utiliza de un modo inadecuado los códigos de su propia cultura (SOLÍS, 2009, p. 157).

Mesmo tratando de identidade, política, cultura e códigos próprios, inexistem nos artigos chilenos uma escrita relacionada à travestilidade e como se dá seu envelhecer. No entanto, a maior contribuição deles está no fato de trabalharem com a nomenclatura travesti. Quando se fala do corpo de uma pessoa, geralmente se associa a seu gênero e algumas vezes sua idade, cor, etnia, etc. As travestis rompem sobremaneira as ‘normativas’ linguísticas, seja no corpo, seja no uso gramatical. Em castelhano, por exemplo, existem os nomes femininos e masculinos que correspondem a homens e a mulheres, na maioria das vezes o artigo “a” representa o feminino e o “o” o masculino (SOLÍS, 2009, p. 156-157), como disposto em suas leis específicas, porém, esse é o primeiro paradigma rompido pelas travestis, além daqueles rompidos por causa de seus corpos. Para a autora, elas produzem uma *performance* de si, uma espécie de “exibição

hiperbólica do artifício que excede o sistema sexo-gênero” (Idem, p. 158, livre tradução).

Ainda que a relação linguística seja pensada sob a estrutura castelhana, a inferência à estrutura brasileira parece similar. As travestis ‘subvertem’ os artigos gramaticais da mesma forma que o fazem com o binarismo do gênero. Ora se tratam no masculino, ora no feminino sem qualquer problema quanto o que pensem de si, estabelecendo uma nova ordem de seu nome próprio que lhe institucionaliza. Aliás, o nome está associado ao que pensa como fixo, imutável, como se a pessoa possuísse uma identidade também fixa e imutável, o que implica para muitos pensar as travestis da mesma forma: fixas e imutáveis. No entanto, elas não detêm uma identidade concreta porque sua nomenclatura se vale de modo inadequado aos códigos de sua própria cultura, como indica Solís (2009), o que as obriga a extrair do que existe, dentro dos nomes disponíveis, e se valer como representação, ainda que não corresponda ao que sejam como tentativa de corrigir suas “paródias” (Idem, p. 159).

Portugal traz apenas um trabalho associado ao Scielo, na verdade, uma resenha elaborada por Brighente (2009) a partir da dissertação de Hélio Silva, intitulada “Travesti, a Invenção do Feminino”. A resenha apenas indica os trajetos que Hélio Silva enveredou pelo campo travesti: indumentária, problematização de ideias, identidades, vivências em geral, não sob a égide de uma nova cultura, porém, com, talvez, o desejo de desvelar a aura crua da travesti nos espaços urbanos, seus sofrimentos e agruras cotidianas.

As categorias analisadas ao longo de todos os artigos refletem que pouco se elabora discussões acerca do processo do envelhecer das travestis na referida plataforma. Porém, orientam como pesquisadores e/ou autores pensam e investigam a travestilidade e suas implicações políticas, culturais, sociais, médicas e psicológicas. Talvez as questões mais visíveis sejam aquelas que relacionam travestilidade/profissional do sexo e as DSTs, no entanto, apontam também para a necessidade de políticas específicas, elaboradas a partir de uma cultura travesti, pensadas por elas e para elas, para além das noções biológicas. Os conceitos analisados refletem o nomadismo do corpo travesti, as violências a que estão expostas e o embate entre corpos jovens e velhos.

A partir das análises e levantamentos estabelecidos, foi possível pensar em como o conceito travesti ainda se conecta às questões de saúde e prostituição dando ênfase ao corpo e suas transformações sem revelar em que medida se dão seus envelhecimentos ou imaginam como envelhecem, o que me levou a pensar em uma escrita que enfocasse o corpo e seu envelhecimento a partir das falas de corpos jovens.

1.2 Conceituando sujeitos travestis e trans.

A pesquisa de campo revelou que os sujeitos entrevistados se reconhecem sob diversas formas. *Michele* se reconhece como travesti e parte do pressuposto de que as pessoas devem perceber que em qualquer lugar pode haver uma travesti: “Então a gente vai quebrando esta coisa de que travesti tem que ficar na rua”. *Bruna* também se define como travesti dotada de fé e religião: “Eu falo: sou travesti, mas sou uma travesti de Cristo, sou uma travesti diferente”. *Ruana* se intitula transgênero por acreditar que assim deve ser chamada a pessoa que, como ela, nasceu em um corpo masculino, mas seu gênero é feminino. Para ela o termo travesti causa desconforto: “É, travesti porque todo muito fala, daí a gente até acostuma, mas eu não gosto também”. *Áthila* já se reconheceu no passado como homossexual, depois travesti e hoje se afirma com mulher: “então, eu também não me vejo como uma travesti, não me vejo mais, eu era uma travesti hoje eu sou uma mulher”. Para que se compreenda as nuances entre o conceito de travesti que antes algumas assumiam e o conceito de trans que delibero, faz-se necessário explicar o que cada termo significa em confronto com os depoimentos colhidos das pessoas que entrevistei.

Delimito na pesquisa como trans aquelas pessoas que se valem de recursos variados para ter uma aparência do sexo feminino, ou seja, uma subversão biológica e binária do que ‘comumente’ se espera de uma pessoa que nasce do sexo masculino, por exemplo. Explicarei ainda neste subcapítulo o recurso de utilizar o termo trans e não travesti, principalmente focado nos depoimentos das pessoas e sua autodeterminação. Antes exponho em linhas gerais o conceito de travesti como subsídio para se pensar nessa nova autodeterminação de trans. As travestis,

[...] com sua fantasia rebelde, subvertem uma ordem cultural inspirada na diferença anatômica entre os dois sexos que os aprisionam os sujeitos e dois grandes reinos – masculino e o feminino [...] ainda que manipulem igualmente a imagem da mulher conservam sutis diferenças e se reconhecem como identidades distintas, cada uma com sua problemática e com sua legitimidade social (OLIVEIRA, 1994, p. 38).

Oliveira, apesar de utilizar o artigo masculino ao falar de travestis, nota que a plasticidade dos corpos dessas pessoas, dessas figuras femininas, subverte a lógica binarista do masculino/feminino, como esclarece a informante *Bruna*: “acho que nasci assim, como eu sou travesti, então eu sou os dois sexos: o masculino e o feminino”.

Essa consciência de um conceito de si como nômade, que os autores descrevem (BRIGHENTE, 2009; BUTLER, 2003; OLIVEIRA, 1994; PELÚCIO, 2005, 2011; CARVALHO, 2011) é percebida por *Bruna* sem problema algum. Ser/estar e não ser/estar os dois gêneros não implica em dificuldade quando elas falam de si, o que não ocorre quanto à escrita de outras pessoas sobre elas, uma vez que pode ser utilizado o artigo masculino ou feminino ou ambos. *Michele* em seu depoimento revela que gosta de ser tratada no feminino, mas sem problemas com o uso do termo travesti ou como mulher: “em todo lugar que eu vou eu sou tratada como mulher”, o que se relaciona com sua apresentação social às demais pessoas.

Ruana rompe com o paradigma de travestilidade ao se afirmar como transgênero, partindo da ideia de que transexual é quem passa por cirurgias para ‘adequar’ o sexo, mas como nasceu em um corpo masculino e possui gênero feminino, define-se transgênero. A palavra travesti carrega agressividade e pesar a essa entrevistada, mesmo acostumada a ouvir, diz não gostar. *Áthila*, em contrapartida, se reconheceu como travesti no passado, mas hoje se posiciona como mulher:

Até então os olhares de todos aqui são como se eu fosse uma mulher, totalmente diferente, isso eu sinto, eu vejo da forma como eles me tratam, o respeito que eu consegui obter deles é esse, como de uma mulher, que era o que eu queria porque até então eu também não me vejo como uma travesti, não me vejo mais, eu era uma travesti hoje eu sou uma mulher, então, eu acho que tanto eu me ver assim, eu acabo passando isso pra eles [...] (*Áthila*).

O termo travesti gera, assim, diversas polêmicas e discussões quando associado ao feminino ou ao masculino, por isso não há consenso no uso do feminino para travestis. O “Manual de Comunicação LGBT”⁸ (s/d, p. 18) conceitua travesti como pessoa que nasce sob determinado sexo biológico, mas que possui uma identidade de gênero oposta a seu sexo, e para que ‘corrija’ esse descompasso, lança mão de recursos para que essa ‘correção’ se efetive, como uso de hormônios, silicões e roupas. Assim define o manual:

Pessoa que nasce do sexo masculino ou feminino, mas que tem sua identidade de gênero oposta ao seu sexo biológico, assumindo papéis de gênero diferentes daquele imposto pela sociedade. Muitas travestis modificam seus corpos por meio de hormônio-terapias, aplicações de silicone

⁸ O “Manual de Comunicação LGBT” é uma obra realizada pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), com execução do Grupo Dignidade, Centro Paranaense de Cidadania (CEPAC), Dom da Terra, Associação Paranaense da Parada da Diversidade (APPAD), Artemis, Transgrupo Marcela Prado e financiamento do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids – Unids como proposta de subsídio para estudantes, profissionais e professores da área da comunicação a fim de minimizar o uso inadequado de terminologias que afetam tanto a dignidade como a cidadania das pessoas LGBTs, contudo, esse mesmo material não carrega sua ficha catalográfica conforme as normas da Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT), entre elas o ano da publicação do referido material. A solução encontrada foi recorrer ao uso de s/d, sem data, como forma de indicar que o ano é desconhecido.

e/ou cirurgias plásticas, porém, vale ressaltar que isso não é regra para todas (definição adotada pela Conferência Nacional LGBT em 2008. Diferentemente das transexuais, as travestis não desejam realizar a cirurgia de rede-sinalização sexual (mudança de órgão genital). Utiliza-se o artigo definido feminino “A” para falar da Travesti (aquela que possui seios, corpo, vestimentas, cabelos, e formas femininas). É incorreto usar o artigo masculino, por exemplo, “O” travesti Maria, pois está se referindo a uma pessoa do gênero feminino (MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBT, s/d, p. 18).

As referências investigadas revelam esse quadro de travestilidade a partir de modificações não apenas físicas, mas discursivas, políticas e culturais. O “Manual de Comunicação LGBT” (s/d), como citado, chama a atenção para o uso do feminino quando alguém for se referir a uma travesti, no entanto, essa dinâmica é subvertida pelas próprias travestis quando utilizam ambos os artigos para falar de si e das demais. O Manual indica como deve ser utilizado o artigo feminino para o tratamento das travestis, porém, não define como cada travesti fará a apropriação e o uso dos artigos para falar de si e das demais. *Michele*, por exemplo, ao depor suas vivências, oscila entre masculino e feminino ao afirmar, por exemplo, que “O travesti por mais que envelheça, ela sempre vai querer ser vaidosa. Ela sempre vai ser vaidosa, entendeu”. Mesmo que ela não se preocupe em definir o gênero, a partir da linguagem, o mesmo não se passa com a linguagem corporal que transmite ao sair do banho trajando um vestido longo de verão, cabelos médios pintados e voz suave, delicada e educada. Ainda sim, exporei alguns motivos para usar o feminino nos artigos, substantivos e gêneros ligados a elas.

No Brasil, apenas no início de 1980 surgiram grupos específicos para dar visibilidade às pessoas não-heterossexuais e lutar por direitos plenos, como indica Ribeiro (2011). Nesse momento surgem: o Grupo Gay da Bahia (GGB), na Bahia; o Grupo Somos, em São Paulo e o jornal *Lampião*, no Rio de Janeiro, mas houve também a explosão da epidemia da Aids no final do mesmo ano, o que enfraqueceu e desmobilizou vários grupos, comprometendo a discussão da diversidade sexual, entre elas a de travestis, sendo necessários quinze anos para a população LGBT fosse à rua exigir seus direitos.

No total, foram necessários 15 anos para que essa população fosse às ruas com força para exigir seus direitos a plenos pulmões. Entre 1995 e 1997 surgiram as primeiras Paradas do Orgulho LGBT, que não passavam de algumas centenas de pessoas cantando palavras de ordem atrás de um carro de som – mas já davam visibilidade a essa diversidade sexual (RIBEIRO, 2011, p. 155).

Essas reivindicações lançaram luz à população não-heterossexual e suas angústias por não acessarem os mesmos direitos efetivos que os acessados pela população heterossexual no Brasil da década de 1990, o que subsidiou pesquisas na área LGBT, entre elas, as sobre travestis.

Oliveira (1994), por exemplo, investigou travestis como profissionais do sexo em Salvador em seu livro “Dama de paus: o jogo aberto dos travestis”. Nele Oliveira não as define no feminino em sua pesquisa, mas no masculino, ao relacionar travesti e prostituição em Salvador. Para a autora as travestis são diferentes das mulheres reais, uma vez que se encerra no imaginário social, produto de uma imagem que não existe (p. 15), mas não pretende ilustrar uma mulher, não quer representá-la, mas sim causar uma “perturbação com a insistência de sua ambivalência. São homens que se fantasiam de mulheres fálicas. Para eles o pênis não é um drama, não é um constrangimento social ou motivo de revolta” (Idem, p. 46). Para a autora, há o cultivo cotidiano da feminilidade pautada exatamente nesse norte, mesmo que os paradigmas estejam cindidos em dois polos, uma definição primeira do ser travesti seria a de que são indivíduos que modificam sua aparência corporal para se assemelhar ao sexo oposto, como já mencionado, se valendo de recursos diversos para subverter a ordem cultural que se apoia nos dois grandes reinos, o masculino e o feminino. A identidade que surge revela uma imagem manipulada da mulher, contudo, “conservam sutis diferenças e se reconhecem como identidades distintas, cada uma com sua problemática e com sua legitimidade social” (OLIVEIRA, 1994, p. 38).

A pesquisadora Judith Butler contribui para pensar o gênero e como se apresentam os casos brasileiros que tive contato. Butler (2003) afirma que o gênero não passa de uma fabricação a partir de processos internos, uma fantasia que envolve as fronteiras corporais, nada mais destitui a conclusão de que não sejam falsos ou verdadeiros, apenas produtos de um discurso acerca de uma identidade ‘primária e estável’. Tais *performances* de gestos, condutas e corporalidades são produtos manufaturados sustentados pelo discurso (político), porém, a autora revela a existência de uma paródia, sob a perspectiva feminista, da identidade travesti em relação à mulher. Por mais que a travesti crie uma imagem unificada do ser “mulher”, ela também revela a diferença dos aspectos da experiência do gênero que são “falsamente naturalizados como uma unidade através da ficção reguladora da coerência heterossexual” (BUTLER, 2003, p. 196).

Benedetti (2005, p. 19), ao estudar travestis no Rio Grande do Sul do Brasil, se pauta na flexão feminina na linguagem como uma justificativa política, uma vez que o respeito e a garantia à sua construção feminina estão entre as principais reivindicações do movimento organizado das travestis e das transexuais. O uso de artigos e de adjetivos no feminino indicaria, assim, uma categoria política para além do gênero, além da construção pautada na corporalidade em direção ao feminino, ou ao que chamam de feminino, em sua linguagem êmica como forma de se sentir mulher, como pontuado por Benedetti. As travestis querem se aproximar do ser ou se sentir mulher, mas não um feminino como o das mulheres.

Se sentir mulher é uma expressão que por si só traz algumas pistas de como esse feminino é concebido, construído e vivenciado pelas travestis. De fato, a maior parte não se iguala às mulheres, nem tampouco deseja fazê-lo. O feminino travesti não é o feminino das mulheres (Idem, p. 96).

Benedetti (2005) instaura essa definição de feminilidade travesti distinta da feminilidade da ‘mulher’ ao justificar que se trata de um fenômeno negociável, reconstruído, entre outros. O gênero feminino das travestis e das mulheres, dessa forma, se aproximaria quanto a seus corpos e envelhecimentos? A princípio parece que sim, o que legitima o uso do artigo feminino, por exemplo, ao falar de travestis. A dissertação de Shimura (2012), “ANA, DULCINÉIA E EMANUELA: narrativas travestis e discursos científicos sobre a construção dos corpos na escola”, mesmo relacionada às memórias das travestis nos espaços escolares, acaba por revelar falas que podem indicar essas cobranças de feminilidade em relação a seus corpos, como descreve sua informante Ana quando relata que o olhar dos clientes na rua é modificado após o uso de laser, das curvas acentuadas nas coxas e quadris:

Os clientes me olhavam diferente, era como quando você sobe uma posição no seu emprego. Aí comecei a ganhar mais. Seu corpo é sua empresa. Aí no mês seguinte comecei a fazer laser uma vez por mês, oito sessões. Em três meses já não tinha muitos pelos. Em seis meses eu já tinha o rosto meio liso, a bunda e a coxa grande (Idem, 53).

A fala revela como ela fica mais feminina com as modificações corporais e mais valorizada em qualquer espaço que esteja, deixando patente que o olhar do outro para ela se dá como se fosse uma mulher. Antunes (2010) em sua dissertação “Travestis envelhecem?” traz essa observação vinculada à noção de mulher dada pela própria travesti, uma vez que esta afirma que os homens não procuram por uma travesti pensando estar com uma mulher, porém, que sabem que estão com uma “figura feminina com aquele “que” de masculino” como estrutura de excitação, de prazer e curiosidade.

Os homens que saem com uma travesti não querem sair com um homem, eles querem sair com uma travesti. As pessoas acham, a maioria mulheres, que os homens que saem com travesti têm vontade de dar para o travesti e isto é um ledo engano. O que atrai os homens a saírem com uma travesti é aquela figura feminina com aquele “que” de masculino. Aquilo excita e os fazem ter prazer. Eles nem precisam fazer o papel de passivo. Querem pegar, tocar, e ao mesmo tempo pensam: Como uma mulher com peitos lindos, uma bunda maravilhosa, tem um pênis e funciona? (ANTUNES, 2010, p. 154).

A fala da informante de Antunes (2010) levanta a questão que permeia a profissão do sexo em relação aos heterossexuais que as procura: a passividade em

oposição à atividade nas relações sexuais. Sua informante diz claramente que um cliente necessariamente não faz o papel de passivo na relação, o que não exclui tocar seu corpo, seu pênis e ter prazer nessa relação.

Além dessa dualidade corporal, feminino e masculino em um mesmo corpo, uma outra questão pertinente se refere ao uso do feminino nos termos a elas associados, já que representam um gênero social feminino, contudo, o termo travesti não congrega as demais pessoas que se reconhecem como transgênero, por exemplo, mas que outrora se intitulavam, ou eram chamadas livremente travestis, o que levanta a questão sobre o motivo que provocou a mudança do termo. As pessoas que entrevistei se definiram livremente segundo suas vivências, o que levou a pesquisa a enquadrá-las como pessoas trans e não travestis. A autodeterminação de si leva em conta as falas dessas pessoas, como *Áthila* ao expressar que não se vê como travesti, mas como mulher. *Ruana* se pauta no conceito de transgênero como identidade que também anuncia sua feminilidade: “É, não transexual porque transexual é quem opera, mas transgênero por causa do meu gênero: eu nasci num corpo masculino, mas meu gênero é feminino, entendeu?” (*Ruana*). *Bruna* não aparenta uma preocupação em delinear efetivamente se prefere ser considerada travesti ou mulher, desde que a feminilidade seja contemplada, o que fica evidenciado quando ressalta que o conceito de masculino não lhe representa “(...) se eles tivessem que me perguntar entre três sexos qual que você seria: masculino, feminino ou outros, eu já falava pra eles, então outros. Nunca o masculino (*Bruna*). *Michele* também se pauta na sua feminilidade como marco para indicar que é uma pessoa feminina e nos espaços públicos a reconhecem como mulher e não parece existir pesar em sua fala sobre a identidade travesti, contudo, ressalta que a ideia de travesti estar associada à prostituição mantém uma realidade que precisa ser modificada:

Mudar esta realidade, sabe, de que todo travesti tem que estar na prostituição e não tem casa, não tem nada na vida, não tem profissão. Hoje em dia a gente sabe que tem travesti que é pedagoga, é médica. Tem, existe. É mínimo, mas tem. A gente num sabe, mas tem várias por aí que tem um dom, cada uma quer uma coisa e está perdida por aí. É falta de oportunidade, e esta oportunidade a gente vai dar para ela (*Michele*).

Ao partir de uma inferência, mesmo que arbitrária, quero conduzir a escrita de forma a que o leitor compreenda que a categoria trans as contempla mesmo que se identifiquem como mulher, travesti, ou transgênero. O termo trans se enquadra como movimento político e de direitos das pessoas transexuais, transgêneros e travestis mas,

ao mesmo tempo que agrega, pode dissolver algumas particularidades de cada uma dessas identidades.

A identidade de uma pessoa transgênero se espalha na mobilidade de gênero, uma vez que transita entre eles. São pessoas “cuja identidade de gênero transcende as definições convencionais de sexualidade” (MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBT, s/d, p. 17). E o termo travesti, como supracitado, trata-se de uma “categoria política identitária adotada pelas pessoas que tenham feito modificações corporais para alterar sua expressão aparência de gênero, mas que não necessariamente se submeteram por um processo cirúrgico transsexualizador” (CORRÊA et al., 2011, p. 11).

Pessoa (2013, p. 15) teve a mesma problemática em sua pesquisa ao trabalhar com travestis, como já pontuado na introdução, e ao surgir a autodenominação de pessoa trans, ao que argumenta que as pessoas trans são sujeitos que modificam seus corpos biológicos a fim de ‘adequar’ ao gênero eleito, o que não implica, necessariamente em cirurgias, mas podem ser realizadas, assim como o uso ou não de hormônios, ou ainda se valer de indumentárias femininas para a construção social de si.

Seria esse universo trans percebível pelas pessoas que assim se identificam? Parece existir um pesar no termo travesti, o que justificaria o porque de algumas se afastarem dele, como *Ruana* e *Michele*, por exemplo. Talvez a questão possa ser a de associar o termo travesti ao mercado do sexo, como se houvesse uma lógica essencialista entre um necessariamente estar contido no outro. Existem diversos trabalhos que tratam de doenças sexualmente transmissíveis em consonância às questões da travestilidade e do mercado do sexo, conforme exponho no próximo subcapítulo, porém, o conceito travesti parece não ser considerado como referente a uma cultura específica, o que pode refletir em diminuição identitária travesti e no aumento de autoidentificação como pessoa trans, ainda que este se refira a um conceito mais amplo com travestis, *drags*, transexuais e transgêneros. Não se trata de uma crítica aos programas e discussões acerca da saúde, prevenções, políticas pontuais, planos acerca de endemias, mas trata-se de chamar a atenção para como os trabalhos são absorvidos no campo médico, biológico, psicológico ou psiquiátrico e naturalizados pelas pessoas, inclusive por algumas travestis.

2. SOBRE CORPOS

2.1 Corpo trans bricolado de ‘diamantes’

Não pretendo traçar uma história ou antropologia do corpo, uma vez que alguns autores já realizaram esse projeto (LE BRETON, 2012; ORTEGA E ZORZANELLI, 2010; LOURO, FELIPE, GOELLER, 2010; BUTLER, 2008), mas lançar luz às discussões que realizo sobre ele para (tra)vesti-lo com o que os autores oferecem. Dessa forma, questiono: o que seria um corpo trans? Seria uma soma de indumentária, gestos e hormônios? É além disso? O corpo não se resume a apenas tais delimitações, mas representa uma linguagem, uma vez que por meio dele “os significados do feminino e do masculino se concretizam e conferem à pessoa suas qualidades sociais” (BENEDETTI, 2005, p. 55). Há um investimento financeiro, temporal, psicológico, que implica na construção simbólica de uma pessoa trans como ser único, individual. Ela seria um elemento que isola o homem, que lhe empresta o corpo a partir das estruturas sociais individuais, como indica Le Breton (2012), ao descrever que o corpo representaria uma fronteira.

Um elemento isolável do homem, ao qual empresta seu corpo, não é pensável senão nas estruturas sociais de tipo individualista, nas quais os homens estão separados uns dos outros, relativamente autônomos em suas iniciativas, sem seus valores. O corpo funciona à maneira de um marco de fronteira para delimitar perante os outros a presença do sujeito. Ele é o fator de individuação (LE BRETON, 2012, p. 32).

Essa fronteira é flexível. Algumas podem iniciar o processo com a hormonização, outras com a indumentária, outras com processos mais ou menos radicais para chegar ao feminino que almejam. Mas um feminino único, particular, ressignificado por intermédio de suas vivências, como pontua Le Breton (2012, p. 136): “cada um “bricola” sua visão pessoal do corpo, agenciando-a à maneira de um quebra-cabeça, sem preocupar-se com as contradições, com a heterogeneidade dos empréstimos”. *Michele* inicia sua transformação com quatorze anos com o auxílio de hormônios por temer que o silicone industrial lhe cause algum problema de saúde, ainda que o uso seja recorrente e de efeito mais rápido, garante ter alterado significativamente seu corpo com o uso do medicamento: “meu corpo transformou muito, com os hormônios só, na época. Porque quando você é nova, o corpo *tá* em fase de desenvolvimento, você toma o hormônio, rapidamente seu corpo vai se transformar, *né?*” (*Michele*). *Áthila*

também utiliza hormônios para que sua construção como feminina se efetive, fazendo uso com dezoito anos, aliando ao crescimento dos cabelos e unhas como elementos que ‘emoldurassem’ mais a sua identidade.

Por vezes, um dos primeiros empréstimos para que a pessoa se represente como outro gênero se dá a partir da vestimenta, a indumentária que utilizam como recurso para ‘romper’ com o corpo masculino e transitar para o feminino. Ela comunica socialmente um corpo, transmite símbolos que “informam aspectos essenciais daquela pessoa e situação, como o sexo, o gênero, a posição social, a classe, a idade, o tipo de evento em questão etc. As roupas constituem, portanto, uma linguagem” (BENEDETTI, 2005, p. 67). Essa linguagem é absorvida por *Bruna* a partir de suas referências femininas mais próximas, de quem subverte algumas peças para se representar como mulher. Ela se assume à mãe como travesti já com doze anos de idade:

Ah, quando eu era pequeno, *né*, quando eu era pequena eu sempre me vestia de mulher, sempre gostava de tudo que era de mulher, sempre, olhava *nas mulher* e falava “ai, olha que lindo”, tudo era lindo pra mim, tudo era maravilhoso (rindo) *né*. E fui crescendo, fui crescendo, quando cheguei aos 12 anos fui contar pra minha mãe que queria *se* vestir de mulher, que eu tava gostando de homem, que eu não gostava de mulher, ela começou com preconceito, tudo, saí de casa, *se* envolvi com prostituição, outras coisas, *se* envolvi com drogas, fui pra rua, *né*, ‘comi o pão que o diabo amassou’, como diz o ditado, *né*, na rua, e hoje eu *tô* aqui (*Bruna*).

Bruna se vale primeiro das vestimentas para se construir e comunicar aos demais sobre sua feminilidade para depois ‘adequar’ seu corpo com hormônios. *Ruana*, por conta de aparentes repressões familiares, decidiu romper com a ideia de homem homossexual para se construir como trans com vinte e quatro anos sem o processo de hormonização, mas com o uso de silicone industrial para deixar as pernas e quadris mais arredondados, além de roupas femininas, cabelos e unhas crescidos.

A construção de seus corpos tem como horizonte não apenas o corpo em si, mas também “seu entorno”, como afirma Goellner (2010, p. 29), afinal, ele é mais que um conjunto de estruturas orgânicas e biológicas, que um aglomerado de músculos e veias.

Músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo também é a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que dele se produzem, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que neles se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas a serem descobertas (GOELLNER, 2010, p. 29).

O corpo representa como soma de saberes que adquire, ainda que não sob uma fixidez e imutabilidade, mas sem desconsiderar que o seu “sem limite”, como indica Le Breton, está delimitado no tempo e no espaço, representando um amálgama de visão de mundo, estado social, conflitos, assimetrias (LE BRETON, 2012; GOELLNER, 2010). Essas estruturas e dinâmicas do corpo revelam o que Butler (2003) critica: a passividade. Goellner (2010) vai ao encontro de Butler quando também chama a atenção para o fato de a cultura não ser um ente abstrato a governar o corpo, nem mesmo que sejam meros receptáculos a aceitar toda e qualquer ação operada sobre eles. O corpo reage, transgride, negocia, resiste e aceita o que lhe oferece a cultura. O corpo, dessa forma, imprime uma identidade que não pode ser pensada como estrutura passiva a fatores extrínsecos, porém, que requeira a si determinados aparatos, volumes, enfim, modificações intencionais.

Pensar o corpo trans e sua ‘bricolagem’ é pensar como seu gênero se expressa por intermédio de palavras, gestos e desejos. Todas essas dimensões produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, porém, o fazem a partir da superfície do corpo, tendo por orientação o jogo de ausências significantes, que indicam, sugerem, mas nunca revelam, o princípio que organiza a identidade como causa. Esses gestos, atos e atuações, “entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos” (BUTLER, 2003, p. 194).

Butler (2003) defende a ideia de que o corpo e seu gênero, ou como ela chama, corpo gênero, não detém uma realidade ontológica, como se ele fosse, *a priori*, determinado a ser o que é. A autora defende a realidade, enquanto produto fabricado, como efeito e função de um discurso social e público, regulamentado pelas ações públicas da fantasia pela política superficial do corpo, o que sugere uma miragem de existência de um núcleo interno e organizador do que seria o gênero. O gênero, partindo da premissa de fabricação, não poderia ser delineado como falso ou verdadeiro, apenas como produto de um discurso sobre a identidade estável e primária.

O corpo, seu gênero, sua plasticidade, se operam tanto no coletivo como no individual, o mesmo se diz do corpo trans, que se pauta na identidade e corporalidade trans para ser o que é. Ao se valer dos símbolos e ferramentas existentes para construir seu corpo, oculta de si, e dos demais, o corpo de outrora, masculino e sem curvas, contudo, pode ainda ocultar o próprio corpo atual conforme a conveniência, como as trans que podem ocultar intencionalmente sua categoria e dizer aos demais que é uma

mulher (biológica), ou deixar subentendido que o seja. Ele seria o que Le Breton (2012, p. 196) chama de ‘presente-ausente’, algo que permite à pessoa estar inserida no tecido do mundo e nas bases das práticas sociais, inexistindo na consciência, a menos que em casos específicos como: cessar de cumprir suas funções habituais, quando a rotina da vida cotidiana desaparece ou quando se rompe “o silêncio dos órgãos”.

A vivência do corpo trans, sua fabricação e movimentação indicam uma liberdade e criatividade que se alimentam das incertezas e oscilações entre as possibilidades de uma “permanente procura de um *corpo perdido*” (LE BRETON, 2012, p. 139). O seu corpo perdido talvez nunca seja encontrado exatamente porque a fabricação depende de uma série de fatores provocados externamente. Esses fatores podem ser os modelos de corpo feminino ideal, com determinado corte ou cor de cabelo, tom de pele, tamanho dos seios e das coxas, cor dos olhos e de uma juventude prolongada.

2.2 Corpo e juventude

Definir o conceito de juventude a partir de parâmetros etários parece simplificar e pontuar o que ele seja, ainda mais seguindo o que pautam as orientações da Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, Dos Direitos e das Políticas Públicas de Juventude, no primeiro parágrafo: “Para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”. Interessante notar como no Brasil algumas políticas públicas caminham de forma não linear ou mesmo peculiares: o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) data de 13 de julho de 1990 e o Estatuto do Idoso, frente ao aumento de sua população idosa, é instaurado em 1º de outubro de 2003, e dez anos depois desta e vinte e três após aquela é que surge uma Lei específica que estabelece os direitos da juventude.

Em termos numéricos, no Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Censo de 2000, a população jovem somava 47.939.723 pessoas, sendo 23.890.760 homens e 24.048.963 mulheres, conforme os dados do mesmo órgão, o Censo de 2010 revela um aumento no número da população jovem, 51.340.478 pessoas, com 25.650.092 homens e 25.690.386 mulheres. O conhecimento numérico de pessoas que estão em uma mesma faixa etária não permite a unificação delas em uma mesma categoria. A diversidade sociocultural e as diferenças sócio econômicas exigem

que se use a palavra juventude no plural, portanto, quando considerados os recortes de gênero, classe social e grupo étnico ou racial, por exemplo, o mais correto é refletir.

Em relação ao conceito de juventudes, o mesmo se diversifica, como indica Barrientos-Parra (2004), quando adultos organizam grupos de jovens, ou estão associados às igrejas ou mesmo espontaneamente:

Existem juventudes organizadas por adultos, como por exemplo aquelas constituídas no âmbito de clubes, partidos políticos, igrejas e sindicatos. De outro lado, existem grupos de jovens que se formam espontaneamente pela identificação com alguma atividade desportiva, cultural, acadêmica ou científica. Existem outros ainda que se identificam pela hostilidade às “doutrinas e às fórmulas que se voltam para as promessas de um futuro melhor” (...) (BARRIENTOS-PARRA, 2004, p 132).

Conceituar a juventude como um corpo social único que tem os mesmos interesses é incorrer em equívoco dada sua categoria de manipulação ou mutabilidade, como descreve Rosalina Carvalho da Silva (2004) ao indicar que se trata de uma construção cultural e social fortemente marcada pelos limites nada fixos entre a fase da infância e a vida adulta. No entanto, parece mais comum delimitar etariamente os grupos, sem que se esqueça de que “são os limites culturais que tratam de identificar e dar ordem à fase da juventude que aparece tipicamente como transitória” (SILVA, 2004, p. 63). A pessoa pode ser jovem a partir do consumo, como indica Canevacci (2012) ao definir uma distinção entre adulto, aquele que produz, e jovem, aquele que consome. Aqui suas juventudes ganham papel central pois não importa a que classe social pertençam e sim que todos são consumidores, ou seja, ser jovem implica em ser consumidor.

Para que haja certa uniformidade na pesquisa optei pela classificação etária das informantes, o que as delimitou como jovens, mas considerando também o que pensam ser a juventude. *Michele*, por exemplo, considera a juventude como algo que pode retardar ou disfarçar a velhice que se aproxima com marcas aparentes no corpo, para tanto, bastaria se valer de maquiagens e/ou roupas, mas não indica uma idade específica para que uma pessoa trans seja considerada jovem. O mesmo ocorre com *Bruna* e *Ruana*, quando não indicam em suas falas o que seja especificamente uma jovem trans. Diferente delas, *Áthila* revela o motivo de se considerar jovem apesar de sua idade limite sob as definições legais de juventude:

(...) igual, eu tenho vinte e nove anos, eu me considero jovem, me julgo ser jovem, independente da minha idade ou não, pelo fato da educação que eu tive, principalmente da cabeça que eu tenho, porque o que faz ser jovem não é fisicamente. *Pra* eles, aparentemente, é isso que manda: é o físico, e eu não sou assim, essa que é a diferença que eu tenho entre todas, isso que eu vou procurar mostrar, o que faz ser jovem, o que faz você ser uma pessoa é o que você pensa, é o seu caráter, sua índole, *cê* entendeu, não o que você coloca dentro do seu corpo, não o que você toma (...) (*Áthila*).

Áthila rompe com o paradigma que a juventude pode ser mensurável apenas de forma etária ao trazer o âmbito educacional em sua fala. Não é o corpo que a revela como jovem, mas sua estrutura psicológica e religiosa quando afirma que separa o corpo de sua mente, quando se pensa jovem a partir da cultura. *Bruna*, a mais jovem das quatro, suscita uma imagem de corpo diferente, a ser construído: “Quero esticar os quadril, esticar as coxa”, talvez próximo ao que *Ruana* descreve ter feito com o seu quando fala de um corpo com curvas, belo ao olhar e jovem: “O primeiro uso que eu fiz foi o silicone industrial, que foi mudando o corpo embaixo: as pernas, a bunda, o formato, que eu tava formando um corpo mais feminino, *pra* ficar arredondado e fazer cintura”.

Essas modificações podem se aproximar ao conceito de um *corpo-outdoor*, ou corpo-recado, pautado por Graciema de Fátima da Rosa (2004a, 2004b). Rosa descreve em sua dissertação, “Corpos jovens como superfície de inscrição de textos culturais: recados para a educação escolar” (2004a) e um artigo sobre o corpo articulando juventude e gênero, *O corpo feito cenário* (2004b) que o corpo seria uma ‘tela’ ou ‘cenário’ para expor, comunicar e expressar seus desejos e recados o que pode ser percebido também nos corpos das jovens trans que entrevistei. Observe-se os depoimentos de três delas:

(...) o que eu queria que as pessoas, que os homens me vissem, me olhassem, a intenção funcionou, entendeu, de me olhar, de colocar uma calça feminina ficar com corpo, de colocar uma saia e ficar com o corpo legal, deu certo, tudo tem seu contra e seu a favor, *né*, mas eu gostei, eu gostei (*Ruana*).

Sou apaixonada por salto até hoje, *né*. Foi o salto, começava a usar saltos, *né*, então foi dali que eu fui vendo que eu era o diferente, no caso *né*, assim, no modo que eu pensava antes, *né*, que eu era o diferente, então foi o salto, depois foram as roupas, roupas mais apertadinhas, calças boca larga, calças mais femininas, daí foi mudando, no decorrer da idade e das pessoas que eu encontrava, foram mudando, *né*, eu acabei mudando (*Áthila*).

Porque a travesti hoje, o que ela tem? A aparência. Então todo o dinheiro que ela ganha a noite é em prol da aparência (*Michele*).

Parece típico dos jovens o anseio por mostrarem seus corpos, como se ao se dobrar sobre seu próprio corpo e aparência, efetuassem a redução da “incerteza ao se buscar os limites simbólicos o mais proximamente possível” (LE BRETON, 2012, p. 16). Esses limites levam ao individualismo e individuação do corpo, ainda mais com os recursos tecnológicos contemporâneos que servem de subsídio para que ele seja alterado conforme o desejo da pessoa, tal como relata acima *Ruana*, que (re)cria um corpo trans. *Michele*, *Bruna*, *Ruana* e *Áthila* são jovens, mas não apenas por pertencerem à faixa etária disposta pelo IBGE, mas também pela estrutura cultural que revelam a partir de suas linguagens corporais. A ideia de um *corpo-outdoor* (ROSA, 2004a) como algo que possa ser alterável implica em uma estruturação a partir das imagens que essas pessoas têm de si, e das demais, e como querem que elas sejam levadas consigo.

2.3 Envelhecendo o corpo

O Estatuto do Idoso em seu Artigo 1º assegura “regular os direitos às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos” (Ministério da Saúde, 2009, p. 07), o que significa que há uma faixa etária definida legalmente para designar a pessoa idosa. O número absoluto de pessoas com sessenta anos⁹ e mais no Brasil, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação e as Regiões Metropolitanas, foi estimado em 10.722.705 pessoas, frente ao número total de 146.825.475, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1991, o que representava 7,3% da população.

Em 2010 o número total é de 20.590.597 pessoas, conforme dados do mesmo órgão, delineando um aumento significativo de pessoas com sessenta anos ou mais. Interessante notar que os dados de 1991/2000 mostram 5.791.280 mulheres com sessenta anos ou mais, e 11.434.486 de mulheres em 2010, o que representa que a população de idosas quase dobrou em uma década. No entanto, esses dados não indicam que as pessoas pesquisadas sejam do sexo/gênero feminino biológico, uma vez que se pautam na autodeterminação. Como as travestis pesquisadas revelaram que respondem ser do gênero feminino, quando da delimitação do questionário do IBGE, infiro que o mesmo pode se valer para diversas outras travestis ao responderem os mesmos

⁹ Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000, conforme site do IBGE (<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfilidoso/tabela1_1.shtm> acesso em 19/07/2013).

questionários, ou seja, se não temos como quantificar um número exato ou aproximado de travestis ou trans no Brasil, também não é possível quantificar precisamente o número de mulheres.

Assim, é possível dizer da população idosa, quantos são homens ou mulheres, quantos são os negros e os brancos, podemos recortá-los por décadas etárias e descobrir o número de octagenários, nonagenários e centenários. É possível ver a distribuição da população idosa pelas diferentes regiões do país, mas não podemos saber quantos são gays, lésbicas, travestis ou trans. Contudo, é importante considerar que a velhice não pode ser mensurada cronologicamente, uma vez que se trata de um fenômeno social e está atrelada a um “estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem” (BOSI, 1994, p. 77). No entanto, ela é marcada a partir de sinais visíveis na pele, sua textura e rugas, o que para *Bruna* se dá por volta dos cinquenta anos, mas depende mais de sua fisionomia do que sua idade: “Se ela tiver bem acabada pela fisionomia dela por fora, então ela já é considerada velha”, isso se agravaria com o uso de hormônios e silicone (prótese ou não). Essa preocupação não incomoda *Ruana*, diz saber que seu corpo modificado sofrerá a ação do tempo, que seus peitos cairão e que os quadris não ficarão redondos, e que ainda assim será como imagina: uma velha.

Bosi (1994), ao suscitar a discussão entre velhice e sociedade brasileira, revela que esta rejeita aquela no tocante à produtividade: o velho não produz, nada faz. O cenário histórico que a autora apresenta remete ao modo de produção das pessoas segundo sua idade, conforme ela aumenta, diminui a valorização da pessoa, nas épocas de desemprego, por exemplo, a discriminação é incisiva a ponto dos velhos se obrigarem a reduzir sua exigência salarial e se submeterem a condições nocivas à saúde. Mesmo que figure como natural o envelhecer, o preconceito assola a pessoa que envelhece na mesma proporção que os anos se somam a ela, além da ideia de uma ‘desumanização’ da pessoa velha, refletida no que a autora chama de ‘espécie estrangeira’, como termo de substituição criado pela sociedade para designar os velhos, ou seja, aqueles que não pertenceriam mais à sociedade, que não mais produzem.

Debert (2004, p. 46) expõe, também, que a questão cronológica figura-se somente no cenário ocidental como “mecanismo básico de atribuição de *status* (maioridade legal), de definição de papéis ocupacionais (entrada no mercado de trabalho), de formulação de demandas sociais (direito à aposentadoria)”. Essas normativas cronológicas são impostas não por pensarem um aparato cultural voltado à

reflexão pensar sobre o envelhecimento, mas por exigências legais que determinam direitos e deveres do cidadão. Frente a isso, passa a existir uma flexibilização desse “mecanismo para a criação de novas etapas e redefinição de direitos e obrigações” (DEBERT, 2004, p. 48), o que resulta na transformação da idade cronológica como símbolo econômico no estabelecimento de laços entre grupos heterogêneos como, por exemplo, a definição cronológica do que seja uma pessoa idosa travesti, de uma pessoa do campo, etc.

A velhice, o velho, o idoso, o envelhecimento, são estigmas sociais delineados, a princípio, no corpo e pelo corpo. Le Breton (2012) chama a velhice de “Contingente Cinza”, uma “população indecisa, um pouco lunar, extraviada na Modernidade” (p. 224). Seu corpo não está de acordo com a Modernidade, aliás, a pessoa velha é reduzida apenas aquele que carrega marcas, rugas, cabelos brancos, lentidões, enfim, se trata de um ‘corpo danificado’, desfeito e sem história, tal qual um “portador de deficiências, o velho é objeto de seu corpo, e não mais completamente sujeito” (Idem, p. 225-226). Se antes as pessoas envelheciam como decorrência de uma linearidade natural que se valorizava, hoje a Modernidade imprime o oposto ao postular que deve-se esconder e combater o envelhecimento veemente para que se mantenha em seu emprego, em sua posição social e de comunicação com os demais.

Combater os sinais de envelhecimento é combater a proximidade da morte. O velho pode morrer de duas maneiras: biológica e simbólica. A biológica, angústia da maioria das pessoas, representa o cessamento das funções orgânicas do corpo, sua morte efetiva. A simbólica pode ser definida como um processo de interiorização, lenta, que pouco a pouco leva a pessoa à invisibilidade, ao acabamento, ao retraimento, à demência, ao não estar aí. O envelhecimento é um processo destituído de sensibilidade, demasiado lento, que foge à “consciência porque nele nenhum contraste acontece; o homem desliza flexivelmente de um dia ao outro, de uma semana a outra, de um ano a outro, são eventos de sua vida cotidiana que pontuam o fluxo do dia, e não a consciência do tempo” (LE BRETON, 2012, p. 228). Inexistem fronteiras que separam juventude, vida adulta e velhice, isso graças ao reflexo de uma sociedade pós-fordista, marcada pela “informatização da economia, pela desmassificação dos mercados de consumo, da política, da mídia e da cultura, e pela fluidez e multiplicidade de estilos de vida, frutos de uma economia baseada mais no consumo do que na produtividade” (DEBERT, 2004, p. 57).

Essa lentidão toda do processo de envelhecer invade o corpo, se instala e envolve os tecidos todos, ainda que não represente uma fronteira transgredida como se a partir de determinado momento a pessoa migrasse para ser velha. Le Breton (2012) descreve que esse processo modifica o corpo e a saúde de forma silenciosa, invisível e sem nenhum tipo de choque, perceptível somente pela recordação e comparação do que se fazia em anos anteriores com o presente. Ela, a recordação, busca na memória os corpos todos que uma pessoa possuiu ao longo da vida e somente ela revela o abstrato que é a velhice, já que o sujeito não se percebe envelhecendo fisicamente no fluxo do tempo. Apenas um exame e intervalo da consciência são capazes de revelar que o corpo mudou.

A sociedade gradativamente passa a se preocupar com o processo de envelhecimento, talvez mais pelo aumento representativo da parcela populacional do que efetivamente por uma cultura do envelhecimento. O número de idosos no cenário brasileiro aumentou significativamente, o que para Correa (2009, p. 29) dá “visibilidade desse segmento e, como um objeto socialmente visível e uma presença cada vez mais insistente, ele acabou por tornar-se um problema social”. A mídia¹⁰ parece ter percebido o aumento da população idosa, o que me fez trazer uma reportagem, por exemplo, da Revista Isto É, de 2012, intitulada “Envelhecer faz bem ao Brasil”. Ainda que um material de divulgação popular e não um artigo científico é possível perceber qual visão se tem do envelhecimento e do ser velho no Brasil e para qual público efetivamente fala. A reportagem indica que as pessoas com sessenta e mais anos detêm 20% do poder de compra, diferente dos 5% de duas décadas anteriores, se pautando mais em um nicho específico da velhice: a capacidade de consumo.

Se Correa (2009) afirma que a presença dos idosos instaura um problema social, a reportagem, por sua vez, indica, no Brasil, que cerca de 70% dele tem independência financeira, diferente do que ocorria há vinte anos, quando 35% a tinham. Interessante que a reportagem só elencou casos que exemplificavam a independência de empresários, profissionais liberais, professores universitários e o de uma aposentada, sem menção à sua profissão, que viajam periodicamente para o exterior. Segundo a reportagem, 20% dos idosos contratados para o mercado de trabalho em 2011 ocuparam

¹⁰ É possível verificar quantas notícias existem associadas à velhice nos sites da Revista Veja (<<http://veja.abril.com.br/tag/envelhecimento>> acesso em 02 de fev. de 2014), ou da Revista Época (<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG83341-8055-519.00+ARTE+DE+ENVELHECER.html>> acesso em 02 de fev. de 2014) a fim de perceber como a mídia lida tais conceitos.

cargos de gestão, mas nada fala dos 80% restantes. Seriam esses 80% o que Correa (2009) chama de problema social? O corpo velho seria um problema social? Quem é o velho? A maior visibilidade numérica dos velhos exigiu a definição de uma segmentação etária que se desdobrou em: mercado, criação de leis específicas e ciências biomédicas pontuais (geriatria e gerontologia)?

O mercado, ao perceber que o envelhecimento é inerente às pessoas, dispõe toda a sorte de produtos para retardá-lo ou minimizar seus primeiros sinais. Ele começa a ser percebido, como indicam Casotti e Campos (2011, p. 117), como aura que agrega cada pessoa e um mal que precisa ser vencido, afinal, a juventude deve ser mantida. As autoras investigaram a velhice, consumo e beleza em pesquisas com grupos de mulheres idosas e perceberam que, com o passar do “tempo cronológico, o envelhecimento passa a pautar escolhas e modificações das práticas de beleza das consumidoras” (CASOTTI; CAMPOS, 2011, p. 118), assim, envelhecer requer mais cuidados de si. Esses cuidados partem do pressuposto de disfarçar os sinais do envelhecimento, uma vez que representam a proximidade da morte (BARROS, 2011, p. 50). O mercado percebe a ‘necessidade’ de se ocultar a velhice, de mascarar o corpo idoso e, por isso, oferece toda sorte de produtos com esse objetivo.

Embora pensar a velhice e seu processo conforme a cultura ajude a compreender suas relações na/para sociedade, as idades ainda são “uma dimensão fundamental na organização social: a incorporação de mudanças dificilmente se faria sem uma cronologização da vida. Seria um exagero supor que a idade deixou de ser um elemento fundamental na definição do *status* de uma pessoa” (DEBERT, 2004, p. 57).

As ciências biomédicas, profissionais e instituições, ao perceberem o aumento do contingente de velhos, criaram um campo de saber específico: a gerontologia, em uma tentativa de homogeneizar as representações da velhice. Salgado (apud SANTOS, 1980) define gerontologia como estudo do processo de envelhecimento pautado nos conhecimentos das ciências biológicas, psicocomportamentais e sociais que, por sua vez, fortalece a geriatria, que se debruça nas doenças ligadas ao envelhecimento. Santos (1980) defende que a gerontologia se relaciona com questões sociais mais expressivas, como o aumento da expectativa de vida, problemas de ordem demográfica, demandas dos serviços de saúde, desigualdades sociais, Doenças Crônicas Não-Transmissíveis (DCNT) e exercício da cidadania, no entanto, o autor chama a atenção à ideia de que não cabe à gerontologia apontar a velhice como problema social, mas sim concebê-la como fase de vida e possibilidades de ações multidimensionais.

Contudo, a gerontologia e a estrutura cronológica homogeneizada abarcariam as distinções de gênero? Homens e mulheres envelhecem de igual modo? Então, o que dizer das trans? Para Sibilia (2012, p. 148) toda a carne “humana se degrada com os avanços da idade, portanto, os corpos só podem ficar “piores” com o passar do tempo”, uma vez que tudo parece ser, gradativamente, corpo, pois é o que somos. A velhice dos corpos implica em censura, em obscenidade e vergonha e deveriam ficar fora de cena e sem “ambicionar a tão cotada visibilidade” (Idem, p. 150), ostentar suas imperfeições, rugas e manchas equivale a praticar uma nova forma de obscenidade, uma afronta “à tirania da pele lisa sob a qual vivemos” (SIBILIA, 2012, p. 151).

Le Breton (2012) pensa no âmbito social quando distingue os juízos e estigmas entre os gêneros na velhice, uma vez que a mulher envelhecida deixa de ter sua sedução gradativamente, bem como sua juventude, oposto ao homem idoso que ganha sedução, maturidade e experiência com o tempo.

A mulher idosa perde socialmente uma sedução que ela devia essencialmente ao seu frescor, à sua vitalidade, à sua juventude. O homem pode ganhar com o tempo uma força de sedução crescente, porquanto se valoriza nele a energia, a experiência, a maturidade. Fala-se de “sedutor das têmeoras cinza”, de “belo velhinho”; esses qualificativos, porém, nunca são associados a uma mulher (LE BRETON, p. 233).

Dessa forma, o gênero feminino ‘perde’ significativamente seu frescor, sua vitalidade e juventude em comparação ao masculino, que ganha adjetivos positivos sobre seu corpo. A cosmetologia, as ciências biomédicas e as alterações corporais tentam, frente ao aumento da população idosa e sua atividade, retardar os efeitos do tempo no corpo, mas o ‘peso’ maior está no corpo feminino, e aqui parece representar um estigma a todas as pessoas do gênero feminino, e o mesmo pode ser pensado, por extensão em relação aos corpos das travestis e trans, posto que elas se autodenominam do gênero feminino.

3. ENVELHECENDO SEUS CORPOS: ANÁLISES DE ENTREVISTAS

3.1 Ambientes e impressões

3.1.1 *Michele* sob as contas de Rosário

Consegui o contato de *Michele* graças a uma graduanda de filosofia de uma instituição onde leciono. Como essa graduanda, a que chamo de Aparecida, trabalha junto à secretaria de saúde do município de Apucarana, diretamente ligada às questões DST/AIDS, pensei em utilizar os contatos que dispunha junto à comunidade travesti da cidade e região. Ainda que trabalhos importantes e salutareos acerca da travestilidade, como o de Pessoa (2013) e Shimura (2012), já tenham deixado trilhas abertas ao acesso a determinadas travestis da cidade de Maringá, penso que seria interessante acessar outras pessoas, outros espaços, e chamo a atenção para o fato de que em nossas conversas sobre a construção de suas dissertações, discutíamos as falas, as memórias, gestos e atos das travestis, o que acabou por contaminar, em certa medida, meu olhar sobre essas mesmas travestis, preferindo eu, então, abrir outras possibilidades de entrevista.

Ao ligar para Aparecida durante as férias de janeiro, dia 29 de janeiro de 2013, para ser mais exato, que sempre se dispôs a me ajudar, consegui o número do celular de *Michele*, uma travesti que trabalha junto à secretaria de saúde dando palestras sobre os temas de gênero, sexo, travestilidade e doenças sexualmente transmissíveis. Liguei para *Michele* no dia 30, a fim de marcar um encontro. Ao ligar, tive contato com uma voz feminina, doce e bem decidida, e com uma pessoa solícita em atender um desconhecido a fim de abrir sua vida e memórias, em partilhar dados íntimos e caros para que sejam analisados, (re)interpretados. Marcamos para o sábado seguinte, dia 02 de fevereiro, após as 16 horas, na casa da própria *Michele*, mas eu a ligaria quando estivesse perto do terminal rodoviário. Consultei os horários de ônibus de Mandaguari a Apucarana. Não tinha certeza se iria de carro ou de ônibus. Defini como iria se chovesse ou não. Se chover, iria de carro, caso contrário, de ônibus mesmo. Optei pelo transporte coletivo, que embarquei as 14 e 40, com a estimativa de uma hora de viagem.

Para o encontro visto um jeans azul básico, sapatênis com jeans e couro, uma camisa preta indiana com bordados cobres em torno da gola e brincos pequenos de argola. Levo ainda uma sacola de tecido cru que contém o gravador, emprestado de uma amiga que insistiu para que eu não comprasse um, um livro para ler durante a viagem,

caneta, o termo de consentimento, as questões para orientar a entrevista e meu caderno de anotações. Decido utilizar o caderno durante a viagem e anotar minhas impressões. Faz muito calor, transpiro. Não deixo de pensar no atraso em me lançar no campo, muito menos em pensar no próprio dia, que é de Iemanjá, o que vai ao encontro do título provisório da dissertação: As sereias também envelhecem. Penso em comprar bombons ou sonhos para *Michele*. Coisas que aprendi com minha mãe, em não visitar a casa de uma pessoa pela primeira vez de mãos vazias, mas ao chegar à cidade decido.

Ao desembarcar do ônibus, no centro mesmo, me encaminho a um supermercado. Vou à padaria e observo os produtos dispostos: doces brilhantes, salgados variados e bem volumosos. Nunca sei o que comprar. Desconheço a pessoa e seus gostos, se ficará ofendida, se pode ou não comer isso ou aquilo. Resolvo por comprar pães de queijo e cuecas viradas. Pronto. Ao chegar diante do terminal ligo para *Michele*, que me indica caminhar até o cemitério, na mesma rua, cerca de três quadras de onde estou, porém, que não me encontrará lá, uma vez que está se preparando para o banho. Segundo ela, um rapaz me encontrará. Digo que estarei diante do portão do cemitério e descrevo como estou vestido. Agradeço e vou para o local combinado. Não faço ideia de quem é o rapaz que me buscará. Estou diante do portão e vejo um rapaz de boné gesticular para mim, gesticulo também se sou eu quem procura e ele acena positivamente. Me aproximo e fico tranquilo ao ouvir meu próprio nome. O rapaz diz o nome e que é esposo de *Michele*, ainda que ela não me tenha dito que o esposo me buscaria. Mas também não tenho que saber. A casa deles fica numa rua ao lado do cemitério, e ao chegar ao portão encontramos C., uma mulher que trabalha no NATTA (Núcleo de Aconselhamento Testagem e Tratamento de Apucarana), que aparenta cerca de quarenta anos e vai conosco para a casa de *Michele*. Entro e tento captar a casa. Pequena, bem dividida, extremamente limpa, possui quatro cômodos e está toda equipada com aparelhos domésticos. Entramos pela cozinha e vamos para a sala, onde observo um pequeno altar suspenso com algumas imagens religiosas, católicas. C. se apresenta como funcionária do NATTA, explica o que faz, onde foram a poucos dias, como são as palestras, etc. Não sei o que C. faz ali. Fico assustado, confuso e tento não revelar. Após alguns minutos chega *Michele*. Cabelo loiro escuro curto e molhado. Traja um vestido longo, até os pés, num misto de rosa, branco e cinza, com um pequeno e curto bolero branco, com uma barra rendada. Nos pés, um chinelo masculino. Mesmo o bolero e o vestido não escondem as alças do sutiã rosa, ou o decote que revela um colo amplo em contraste com seios pequenos. No seu pescoço, do lado direito, uma

tatuagem de borboleta, uma mistura de tribal com arabescos e uma aliança prata no dedo anelar esquerdo, similar ao do esposo, um símbolo de compromisso, de matrimônio entre ambos. Nos apresentamos. Ela se senta num sofá onde já estou, mas como ele é em 'L', ficamos um diante do outro. C. fala mais um pouco, fico em dúvida se ela ficará conosco, caso fique, conversaremos, estabeleceremos um dia a sós para conversar. Espero uma brecha na conversa, uma vez que C. é bem comunicativa. Quando consigo, explico sobre a pesquisa, de onde vim, qual o objetivo e dou o termo de consentimento para *Michele* ler, que o repassa a C., que lê o termo e diz que não há problema, mas que teria que revelar sobre sua vida. *Michele* sorri, lê o termo e o assina. Parece que ela precisava de uma aprovação de C., de um respaldo, que só compreenderei durante a entrevista o motivo desse ato. A partir de nossa conversa, entre C., *Michele* e eu, sendo observados pelo esposo de *Michele*, que entra e sai da sala a todo instante, me animo com a possibilidade de uma entrevista com Carlota, uma travesti que está em Jaguapitã com mais de 40 anos, conhecida por ambas e que C. tentará conseguir o contato para mim. Conversamos mais alguns minutos e C. decide ir para casa, nos despedimos e digo que entrarei em contato para saber da possibilidade de ir a Jaguapitã. Questiono se está apta a conceder uma entrevista, ou prefere uma conversa informal de início para nos conhecermos. Ela me retribui me questionando se estou com tudo para uma entrevista. Digo que sim, mostro o gravador, explico como será. Ligo-o, coloco no sofá a seu lado e começamos a entrevista.

3.1.2 Bruna: do profano ao sagrado

O contato com a Igreja da Comunidade Metropolitana do Paraná (ICM) se deu a partir de uma amiga de trabalho no Núcleo Regional de Educação que sabia da minha pesquisa. Ela havia me contado sobre uma reportagem na televisão que fizeram sobre a instituição, em como ela agrega as pessoas LGBTs e as acolhe. Ao pesquisar na internet encontrei o site oficial da ICM de Maringá, os telefones e demais contatos. Enviei um e-mail para a entidade na esperança de uma resposta positiva e a obtive. O pastor dessa igreja me enviou os números de celulares de contato para eu agendar uma visita.

A ICM, conforme o site oficial da igreja (<http://www.icmmaringa.com>), foi fundada em 1968 nos Estados Unidos, e hoje está presente em mais de 46 países. No Brasil, possui 07 sedes: Ceará (1), Espírito Santo (1), Minas Gerais (2), Paraná (1), Rio de Janeiro (1) e São Paulo (1). Um dos focos da igreja é o de inclusão radical e

totalmente cristã, com abertura ao diálogo inter-religioso e toda a diversidade, principalmente ao público LGBT.

No dia 31 de maio, às 14 horas e 22 minutos, depois de ter dado várias voltas pelo bairro e ter me perdido, consigo finalmente chegar à ICM. Desço do carro e bato palma e sou atendido por quem imagino ser *Bruna*, mas me equivoco. Ela diz que não é a *Bruna*, mas Paula, a secretária da igreja. Me convida a entrar na casa da igreja, me apresenta ao reverendo, que me explica sobre a igreja, o trabalho social que desenvolve, sobre as pessoas que acolhe, me apresenta uma prima que está de passagem em Maringá – veio para visitar um filho. Explico a eles quem sou, o que faço e qual a proposta do projeto. O reverendo me informa que *Bruna* se ausentou, mas que voltará em breve, mesmo assim, decide ligar para falar do compromisso. Ao desligar avisa que em breve chegará. Peço licença para ir ao carro. Busco meu material, pães, bolos e sucos para um café depois da entrevista.

Bruna chega da rua acompanhada de sua amiga N., conversam alegremente, mais *Bruna* que N., que parece sempre na defensiva com a amiga. *Bruna* veste uma calça de malha vermelha, bem justa, um pouco puída pelo uso, um tênis tipo *all star* preto com estrelas brancas, uma blusinha preta com detalhes em renda no colo, sem mangas e agarrada a seu corpo magro. *Bruna* é alta, negra, cabelos bem curtos, crespos e alisados quimicamente. Seu rosto está marcado pela acne e expressões. Possui gestos bem amplos com todo o corpo, está agitada. Uma sombra azul adornando os olhos, mas levemente apagadas, gastas pelo dia. N., por sua vez é de estatura baixa, deve ter menos de 1,60 de altura, agitada, menor de idade. Seus cabelos são mais curtos do que os de *Bruna*, mas também alisados. Seu olhar é perdido, diz coisas confusas, depois descubro que faz uso de medicamentos e que veio de Tietê (SP). Seu pai está preso, mas não fui informado sobre a mãe. Foi deixada pelo conselho tutelar na ICM depois de terem cortado seu cabelo para ‘ajudar’ a ser ‘mais menino’.

Nos encaminhamos à casa de apoio, N., Paula, *Bruna*, uma prima do reverendo e eu. Entramos na casa onde a ICM acolhe as pessoas que procuram apoio, um local para dormir, provisoriamente e que fica ao lado da casa onde o reverendo mora. Paula, *Bruna* e N. me mostram a casa e seus cômodos. A casa é de madeira, velha, pintada de verde na parte interna. Possui uma sala, uma cozinha ampla e três quartos. Decidimos ficar na sala, onde existem dois sofás, um *rack* pequeno com uma televisão em cima. Explico a proposta da dissertação, sobre o envelhecimento e a travestilidade, mas sem expor o que penso que será a resposta, ou o fechamento da pesquisa. Ao entregar o termo e a caneta

para *Bruna*, que se senta na ponta do sofá abaixo da janela que dá acesso à rua em oposição ao sofá em que estou, também sentado na ponta, percebo que está trêmula, nervosa e ansiosa. Sorrio para ela frente a seu nervosismo, a fim de tentar tranquilizá-la. Penso que não é fácil expor partes de suas memórias, de sensações mistas às dores e alegrias de uma vida. Mostro o gravador e pergunto se há problema que grave a conversa. *Bruna* não se opõe. Pergunto ainda se posso deixar no braço do sofá em que está e recebo a confirmação de que posso.

A entrevista com *Bruna* foi tranquila. Ela respondia às questões com calma, mas suas respostas eram bem sintéticas. Seus gestos eram expansivos e longos. O tronco ia para frente quando ria, o sorriso era largo e suas pernas se mexiam constantemente. Mesmo com outras pessoas na sala, não se sentiu intimidada, falava como se não tivesse nada a esconder, porém, quando mencionava sua vida e a igreja, o tom passava para a seriedade, principalmente por pretender ser uma missionária junto à ICM. Quando terminei de colher as informações, agradei e desliguei o gravador. Depois disso fomos tomar um café, rir e conversar sobre nossos trabalhos, sobre a cidade de Maringá e algumas de suas manifestações LGBTs.

3.1.3 A fênix *Ruana*

Conheço *Ruana* antes do processo de suas modificações corporais, quando morávamos em Mandaguari e por isso a convido a conceder um depoimento. Como tenho seu contato em uma rede social (*facebook*) a convido utilizando esse recurso.

No dia seguinte, dia 29 de maio, na hora de meu almoço, às 12 e 13 subo os degraus que dão acesso ao salão escola, uma sobreloja na avenida central de Maringá, a fim de conversar com *Ruana* sobre o depoimento, minha pesquisa, e outros detalhes. Ela está de calça jeans escura, camiseta feminina bem agarrada ao corpo, um jaleco branco e tênis. Combinamos para o dia 31 de maio, uma sexta-feira na hora de seu almoço. Me despeço e agradeço sua prontidão.

No dia combinado, 31 de maio, saio de casa às 10 horas e 43 minutos, após levar 20 minutos para conseguir uma vaga para o carro, o que representou um caminho de quatro quadras e meia, cheguei à entrada da escola profissionalizante, situada na avenida Brasil, no segundo andar. Na entrada encontro G. fumando, um amigo de *Ruana*. Cumprimento-o com um beijo no rosto, pergunto como está, sobre o curso e de *Ruana*. Ele, sério, diz que ela faltou, mas que viria a tarde. “Eu vou ligar pra ela”.

Insisto que não, que depois retornarei, em vão. G. saca seu celular e pergunta onde ela está, diz que estou ali para falar com ela. Desliga e fala que *Ruana* havia esquecido, mas estará lá por volta das 13 horas, uma vez que está em Mandaguari e levará uma hora no ônibus até a escola. Agradeço a G. e informo que voltarei depois das 15 horas, já que tenho outra entrevista a realizar. Nos despedimos. Me encaminho para o carro, com o peso da bolsa em meu ombro direito, além do peso da frustração de não encontrá-la.

Após a pesquisa com *Bruna*, meu horário com *Ruana* foi comprometido, envio uma mensagem explicando a ela que não será possível, porém, que passarei por Mandaguari e ofereço carona já que tenho que ir para Apucarana, e nossa conversa pode ser mais que agradável. Chego ao salão às 17 horas e 15 minutos, entro e pergunto à recepcionista sobre ela, porém a mesma não sabe, a professora também não sabe. Perguntam para um dos alunos onde ela está, se foi embora, porém, como as coisas dela estão em uma das cadeiras, concluem que está na escola, talvez em uma das salas ao fundo. A professora gentilmente diz para eu procurá-la. Vou à procura de *Ruana*. Ouço sua voz, chamo seu nome. Ela diz que está ao celular e que depois virá. Sento em uma poltrona e aguardo. Impossível não perceber que discute com alguém, parece firme, não se exalta, mas revela angústia. Passam 10 minutos, entra um aluno, o mesmo que disse que as coisas estavam por lá, pergunta por ela e digo que está em algum lugar mais para dentro, por detrás das divisórias. Ele entra e logo volta: “está falando no celular”. Digo que tudo bem. Espero mais uns cinco minutos e decido descer. Não quero que pense que estou ouvindo sua conversa particular. Na calçada resolvo enviar uma mensagem pelo celular, afinal, não quero que pense que não a levarei para Mandaguari. Depois de cinco minutos ela desce, afoita. Diz que logo descera e pergunta se A e seu companheiro irão conosco. Informo que não os chamei, porém, não há problema algum para mim. Aguardo a descida dos três e nos encaminhamos a meu carro, que está um pouco distante.

No caminho digo que não gravarei nossa conversa, que deixarei para outra ocasião, afinal pela manhã ela não pode, e pela tarde passei com *Bruna*. Ela concorda, diz não haver problema algum gravar ou marcar para outro dia.

A viagem foi tranquila e rica de informações dos três. A., branca, de família decasségui, já fora travesti, se aventurou na prostituição na Europa com seu esposo. Conta os detalhes, quanto e como ganhava dinheiro, perfil de clientes, os conflitos, o turismo sexual e outras questões. Hoje não possui seus seios, o cabelo está curto, se veste com roupas masculinas, seu corpo está ‘quadrado’, masculino. Seu esposo é

masculino, branco, mais velho, o rosto marcado pela acne do passado, também cursa o profissionalizante, se envolveu em prostituição por causa de A., mas poucas vezes, segundo eles.

Ruana nunca foi para a Europa, mas para outros Estados para certo ‘turismo sexual’. Acha que a Europa deve ser melhor que aqui, com travestis andando de mãos dadas com seus pares, sem preconceitos, violências e com mais segurança.

Questiono sobre a utilização dos hormônios, se *Ruana* os usa, mas diz que não. O uso contínuo implica em riscos ao corpo, geram problemas ao fígado, por exemplo, “a gente fica com o corpo bonito, mas a vida dura menos. Prefiro ter uma vida mais longa e ainda ser bonita”. Ela possui próteses de silicone, cirurgia realizada em São Paulo, cabelos médios e lisos, mechas entre o castanho e o loiro. É alta, tem mais de 1,75 m, usa tênis, calça jeans escura e bem agarrada ao corpo, uma blusinha vermelha bem justa ao corpo e o guarda-pó branco sem mangas por cima. Sempre alegre. Sorridente. No caminho ao carro me confidencia que largou o curso de técnico de enfermagem, pois sabia que não teria grandes chances de emprego como travesti, fora que a vida na ‘pista’ dificultava o estudo. O curso de cabeleireira ganhou de um namorado, que mora em Curitiba, casado com mulher, mais velho, que gosta dela e quer que tenha uma vida digna, fora da prostituição. Pergunto onde o conheceu, não explica, apenas declara que trabalha com construção civil e que esteve envolvido em uma obra na cidade, por isso se conheceram. Imagino que foi na própria rua, na ‘pista’. Não ousou questionar.

A conversa no trajeto oscilou diversas vezes. Falamos de pessoas que conhecemos em comum, de trivialidades, de projetos pessoais, de nossos relacionamentos. Em Mandaguari, no centro, deixo A. e seu esposo. Nos despedimos. Dirijo em direção ao bairro de *Ruana*, que fica na periferia da cidade. Ela pergunta se a levarei até lá e afirmo que sim. Combinamos que no dia seguinte conversaríamos sobre o depoimento, a gravação, no seu horário de almoço, às 12 horas e 40 minutos. Quando chego no horário combinado, descubro que ela não está, então, resolvo enviar uma mensagem via celular para marcamos outro dia.

E, assim, somente no dia 06 de junho às 12 horas e 07 minutos, consigo ir novamente ao encontro de *Ruana*, que está de jeans claro, uma camiseta justa laranja, tênis branco e um guarda pó. A encontro em pé, diante dos espelhos da escola técnica. Nos cumprimentamos com um beijo no rosto, cumprimento G. com um beijo também. *Ruana* é alta, de tronco grande, com seios e quadris volumosos, cabelo médio, castanho

escuro com luzes loiras. Não está de brincos, nem batom, de maquiagem apenas traz lápis em torno dos olhos.

Fala o tempo todo sorrindo, gesticulando as mãos. Me leva até a entrada do salão, onde existem duas poltronas individuais, uma ao lado da outra. Ela se senta de pernas cruzadas, em diagonal a mim, da mesma forma o faço, para que fiquemos com os rostos voltados um para o outro.

Ruana fala bem, tem gestos suaves, por vezes toca meu ombro esquerdo com sua mão direita, sempre suave, não passa as mãos pelos cabelos, o que chama minha atenção, mas para além disso, cruza e descruza constantemente as pernas. Mesmo ao falar das dores, angústias, não deixa sua suavidade, talvez a idade lhe dê essa segurança, a mesma observada com *Michele*, diferente de *Bruna*, mais novas que as outras duas, com seus gestos mais superlativos, aparentemente próprio da idade.

Ruana não é branca, representa uma miscigenação, porém, não é negra sua pele, talvez não tenha conformidade entre esses polos da pele, da mesma forma que seu corpo ‘transgênero’ ao romper os paradigmas de masculino e feminino.

3.1.5 *Áthila*: guerreira e decidida

No dia 25 de agosto, um domingo, vou ao encontro de *Áthila*, O contato com ela foi conseguido por intermédio de minha irmã , que mora em Cruzeiro do Oeste. Minha irmã, B., conversou com ela em um sábado, um dia antes de minha visita a ela, para perguntar se poderia me receber e conversar sobre a pesquisa. *Áthila* disse que não haveria problema. No sábado pela noite B. me ligou para explicar que eu poderia ir no domingo mesmo. A história de *Áthila* tinha conhecido por B. há meses, mas minha irmã não sabia onde ela morava ou como conseguir uma aproximação, no entanto, a curiosidade sobre a vida de *Áthila* foi aguçada quando a mesma casou civilmente com seu esposo em um casamento comunitário, com direito a fotos no site do município de seu vestido branco e buquê.

No domingo, às 14 horas, minha irmã e cunhada, W., me levam de carro até o bairro em que *Áthila* mora. O bairro fica na periferia da cidade e não possui pavimento em todas as ruas. Paramos em frente à casa vizinha da dela, chamamos por ela, porém, a vizinha explica que a casa é a do lado. A casa está em fase de construção, não possui muro ou cerca, não está rebocada completamente, faltam vidros em algumas janelas. Quando B. chama por ela, sai e nos recebe prontamente, ouve B. explicar quem sou e

diz que retornará quando eu ligar. *Áthila* é alta, magra e de uma de pele de tom canela, possui seios pequenos e sobranceiras longas e marcantes, está de calça jeans azul escura, uma camiseta branca por baixo se sua blusa de lã branca com listras azuis, um par de chinelos pretos e altos. Seu cabelo é preto e parece longo, mesmo com um coque desarrumado que possui. Usa um par de brincos prateados com pequenas ‘escamas’ sobrepostas formando um losango. Eles produzem sons com os movimentos todos de sua cabeça e quase tocam seus ombros, de tão longos que são.

Me convida a entrar na sala, onde está uma moça no sofá que se retira quando entramos. Sua casa também está inacabada por dentro, está no contrapiso, não tem portas nos cômodos, os sofás são velhos e cobertos por mantas. A casa é fria pela falta do forro e dos vidros nas janelas. Seu esposo almoça calmamente, nos cumprimentamos enquanto sua esposa desliga a televisão. Sento no sofá que está desocupado e *Áthila* também, de forma a ficarmos com os rostos voltados um para o outro. Após explicar sobre o projeto, e seu aceite em participar, ela assina o documento, diz não haver problema em utilizar seu nome social, que é o mesmo de civil, ligo o gravador e começamos a conversa.

Seus gestos são curtos e tranquilos, fala e se expressa muito bem, com um tom de voz meio grave e nem alto ou baixo. Seu esposo fica o tempo todo a nos ouvir, quase sem expressar nada em seu rosto, como se estivesse alheio à nossa conversa. Após uns 20 minutos de conversa, entra um senhor, sem dizer nada, entra em um dos cômodos, vai para a cozinha e chama o esposo de *Áthila*, que o atende. Não dá ouvir o que falam.

Áthila revela que é respeitada pela vizinhança e pelas pessoas da cidade. Após nossa conversa, informo que retornarei para conversarmos mais sobre a pesquisa, sobre sua saúde, que está debilitada por causa de um problema respiratório. Minha irmã chega para me buscar, *Áthila* me conduz até o carro, conversa alegremente com minha família e mostra orgulhosa a certidão de casamento com seu nome acompanhado pelo sobrenome do esposo. Nos abraçamos e a deixamos em sua casa.

3.1.6 Sintetizando as informantes

As quatro informantes possuem perfis e posturas distintas em relação às suas ocupações, como modificaram seus corpos, quais pretensões futuras, como pensam a velhice e seu próprio corpo. *Michele* foi profissional do sexo, trabalha como costureira e com políticas de saúde junto ao público que está no mercado do sexo, do qual fazia

parte. Suas ações envolvem conversas com outras travestis na rua, sobre o uso do preservativo, drogadição, DSTs e palestras com profissionais da educação sobre a travestilidade e o público LGBT. Sua fala remete à militância e à absorção dos conceitos dos movimentos LGBTs, bem como o prazer que sente em difundir o uso correto de nomes e dos conceitos do movimento. Seu corpo é esguio, jovem, feminino e com os cabelos pintados, está em uma união estável e pretende adotar um filho no futuro. Não parece temer o fato de envelhecer.

Bruna, a mais jovem, é membro de uma igreja cristã, mas não convencional, uma vez que a instituição agrega o público LGBT e o uso da bíblia sem problemas dogmáticos. Sua fala, por vezes confusa e de sentenças curtas, remete a Deus e à força que nele encontrou para se livrar das ruas que lhe ofereciam as drogas e o mercado do sexo. Pretende estudar um curso técnico para acessar ao mercado de trabalho e ser missionária da ICM para levar seu testemunho e palavra de conforto e fé a todos que congregam a diversidade. Como está na juventude, sua alegria e empolgação contagiam quem está à sua volta, além de suas roupas serem mais ‘despojadas’, sem preocupação com o que as demais pessoas pensariam a seu respeito.

Ruana já foi profissional do sexo, mas hoje se prepara para trabalhar no campo da beleza. Ela cursa o técnico de cabeleireira para que possa se manter financeiramente e voltar a um curso de graduação, largado para iniciar o processo de modificação corporal. É alta, de uma pele ‘morena’, fala sempre sorrindo, representa sua juventude em seu corpo e roupas e tem por imagem da velhice uma *Ruana* velha como qualquer outra figura feminina.

Áthila já esteve no mercado do sexo nos estados de São Paulo e do Paraná, mas hoje está casada civilmente com um servente de pedreiro e sua ocupação se resume aos cuidados do lar. Parece ser a primeira travesti a casar civilmente em Cruzeiro do Oeste e a frequentar uma religião cristã, a Igreja Pentecostal de Jeová Rafá, que em sua doutrina não se destina ao público LGBT, como a ICM. Pretende voltar aos estudos para ingressar no ensino superior e demonstra interesse pela carreira política. Tem 29 anos, não se prostitui mais, fala com muita segurança e com uma voz baixa como a de *Michele*, está casada civilmente e desempenha as funções domiciliares, que lhe são próprias, como ela informa.

As quatro se reconhecem ou se reconheceram como travesti em algum momento da vida, mas suas falas reportam outras identidades a que traduzi como trans. No

entanto, é necessário que se estabeleça em que medida elas se reconhecem e como pensam o envelhecer e o ser velha.

3.2 Gênese trans: um ponto, um conto

O início de construção de uma trans, embora não detenha uma universalidade, perpassa por alguns pontos similares. Ainda que em ordens diferentes entre si, nem todas invocam o hormônio para sua gênese, outras nem se percebem femininas na adolescência, contudo, alguns pontos costumam suas vidas em pontos similares. *Michele*, vinte e oito anos, por exemplo, se identificava como *gay* na adolescência, com quatorze anos, por vezes, trajava as roupas e salto alto de sua mãe, o que lhe revelou o gosto por se vestir com roupas femininas e o interesse por meninos, inferindo a ideia de que esse processo é praticamente universal a todas as trans.

Então, eu nasci em Rosário do Ivaí, vim pra cá bem novinha, fui criada aqui pelos meus pais, com minha mãe, não cheguei a conhecer meu pai. E... minha história é a seguinte: quando entrou minha adolescência, com meus 14 anos, foi quando eu comecei a perceber que eu gostava de meninos, e... colocava a roupa da minha mãe, salto, isso é geralmente o que acontece com a maioria, né?

Sua saída de Rosário do Ivaí para Apucarana e a falta do pai não foram obstáculos para que *Michele* se pensasse, a princípio, homossexual, o que gerou conflito posterior com sua família. Interessante notar como as relações de se pensar na adolescência, do uso das roupas da mãe e de sua sexualidade, possam condicioná-la a pensar que existe certo padrão para ser travesti, por exemplo.

Bruna tem vinte anos e desde pequena gosta de usar roupas femininas e tudo que pertence ao universo feminino, mas é na adolescência que sua identidade se evidencia a ponto de revelar à mãe como quer se vestir, com quem quer se relacionar:

Ah, quando eu era pequeno, né, quando eu era pequena eu sempre me vestia de mulher, sempre gostava de tudo que era de mulher, sempre, olhava nas mulher e falava “ai, olha que lindo”, tudo era lindo pra mim, tudo era maravilhoso (rindo) né. E fui crescendo, fui crescendo, quando cheguei aos 12 anos fui contar pra minha mãe que queria *se* vestir de mulher, que eu tava gostando de homem, que eu não gostava de mulher (...)

Bruna também revela o acesso às roupas femininas, porém, diferente de *Michele*, demonstra efetivamente que gosta e acha lindo o universo feminino, a tal ponto de revelar à mãe que quer se vestir sempre de mulher.

Ruana, vinte e nove anos, não relata nada acerca do uso de roupas femininas, da mãe ou da irmã, mas se percebe ‘diferente’, ainda que não soubesse do que se tratava, reprimiu sua sexualidade até os dezoito anos, quando conheceu parentes que tinham uma sexualidade diferente da heterossexualidade. Segunda ela, eram “assim, bem femininos, veio aquela ideia, surgiu novamente com força, daí foi onde que eu comecei a criar, a querer mudar”. Com dezoito anos, *Ruana* conhece travestis, *drags* e *gays* afeminados em casas noturnas nutrindo uma identificação e vontade de modificar o corpo, quando tivesse a oportunidade. Sammarco (2010) chama a atenção para os dados que revelam que muitas travestis

desde criança já vestiam escondidas, roupas de suas mães ou irmãs. A roupa é o primeiro recurso que já permite a aparição de características consideradas femininas, independentemente de qualquer intervenção hormonal ou cirúrgica. (...) Vestimentas também são usadas como formas de se comunicar, pois transmitem aspectos simbólicos a elas associados e convencionados pelas normas sociais estabelecidas. De acordo com aquilo que se pretende transmitir, a combinação de roupas é feita (SAMMARCO, 2010, p. 74-75).

O uso das roupas, como linguagem, revela importante “processo na construção da travesti, por ser uma das primeiras estratégias acionadas para dar visibilidade ao desejo de transformação”, como indica Benedetti (2005, p. 67), o que pode ser reportado para a transformação de uma trans feminina. Essas indumentárias cobrem as masculinidades e informam à sociedade sua feminilidade, seu gênero, sua identidade.

Outra questão para a gênese do corpo feminino se dá no uso de hormônios para deixá-lo mais curvilíneo, com seios e com a voz mais aguda. No entanto, não há consenso de qual hormônio, como e quanto usar, o que se nota no uso são as modificações em seus corpos. *Michele* diz ter usado hormônios para que seu corpo se transformasse, e que o efeito é mais rápido quando se é nova. *Bruna* e *Áthila* também revelam seu uso, o que refletiu em modificações na voz e na diminuição de pelos. Passo a seus depoimentos:

Meu corpo transformou muito, com os hormônios só, na época. Porque quando você é nova, o corpo tá em fase de desenvolvimento, você toma o hormônio, rapidamente seu corpo vai se transformar, né? (*Michele*).

Então, mudou, porque tipo meu seio cresceu, a minha voz melhorou porque era mais grossa, melhorou, entendeu, ficou mais afinada. O corpo também tinha lugar que crescia pelo, o hormônio já cortou, já não cresce mais por ser um hormônio feminino. Mudou bastante coisa (*Bruna*).

(...) então, quando aos dezoito anos foi quando eu decidi realmente ser uma travesti, conheci várias travestis e achava belíssimas, meu sonho sempre foi querer ser mulher, então comecei fazer uso de hormônio, tomava dexamprovera, né, o hormônio feminino, e deixei cabelo crescer, unha crescer, e começou peito a estourar, a bunda crescer, tudo foi se modificando, tudo foi mudando (...) (*Áthila*).

Todas parecem satisfeitas com o uso de hormônios para que construam seus corpos como pensam. Atestam o fato de que seu uso modifica consideravelmente suas estruturas masculinas, a fim de que se tornem mais femininas, de deixar o corpo ‘quadrado’ de homem para alcançar as curvas femininas, como se fosse “do masculino *pro* feminino”, como explica *Áthila*.

O surgimento de peitos é de grande importância para as travestis, pois querem modificar um corpo e gênero masculinos em corpo de gênero diverso, não necessariamente um corpo feminino, porém, outra construção de feminino. Contudo, o corpo “masculino está siempre presente em la transformación corporal de las travestis, sea para borrar sus marcas o para tenerlas a la vista y prever futuros contratiempos” (FERNÁNDEZ, 2004, p. 164). O que se constata é que os peitos são lugares de valorização corporal feminina, principalmente para as trans, como se fosse uma marca de acesso ao universo feminino a partir do momento que os tem.

uno de los sitios más fuertemente valorizados como signo corporal femenino y, por tanto, más deseado por las travestis en su proceso de transformación; una vez adquiridos se abre la puerta al género femenino” (FERNÁNDEZ, 2004, p. 172).

Esses ritos de passagem, vestimentas e hormônios, caracterizam a trajetória, o *status*, de transformação dessas trans em nossa sociedade. Além de comporem processos simbólicos e linguísticos são efetivados por uma tecnologia médica e estética que racionalmente opera a transmutação num total investimento físico no corpo (BENEDETTI, 2005; OLIVEIRA, 1994). Esses são indícios de identidade e diferenciação social. Além disso, a vivência da utilidade corporal parece estar vinculada à idade em que a travesti inicia sua atividade no campo da prostituição.

Ruana não seguiu a dinâmica do uso de roupas femininas na infância e adolescência. Sua modificação para o feminino se orientou pelas roupas que comprou aos vinte e quatro anos antes de “fugir” para Balneário Camboriú, em Santa Catarina,

ainda que sem saber quais peças comprar, já que nunca invadira o guarda-roupa feminino antes. Aliado à compra de algumas roupas, sua ‘mutação,’ como ela mesmo intitula seu processo de construção corporal, se deu por intermédio da dinâmica de modelagem a partir do silicone industrial para modificar rapidamente e radicalmente. O produto (re)modelou suas pernas, bunda e cintura, mas o conhecimento do processo só se deu no dia em que foi submetida, como ela pontua:

foi mudando o corpo embaixo: as pernas, a bunda, o formato, que eu tava formando um corpo mais feminino, *pra* ficar arredondado e fazer cintura. Até então eu não sabia que podia, no futuro, me causar problemas, o silicone industrial, não sabia. Só sabia que as meninas saíam de casa e no outro dia voltavam com o corpo belíssimo, mas não eu nunca tinha visto o processo, então eu paguei, descobri o que fui fazer, eu descobri o que era na hora (*Ruana*).

O recurso do silicone industrial, diferente do hormônio, é capaz dessa ‘mágica’ transformação de um corpo reto para um dotado de curvas e ‘belíssimo’, como indica *Ruana*, porém, seu risco só foi conhecido posteriormente.

Essas três ‘armas’, roupas, hormônio e silicone, gestam a trans, suscitam a sua identidade feminina, ainda que cada uma, conforme relata Benedetti (2005), vivencie de uma forma singular e segundo suas especificidades. Cada técnica é eleita tendo por orientação, sobretudo, o que conhecem de outras travestis que já vivenciaram essas ‘armas’, seus benefícios e malefícios.

O silicone industrial, por exemplo, geralmente é injetado no corpo das trans por uma travesti mais velha, chamada de *bombadeira*, por ser aquela que irá *bombar* o corpo a fim de que ele seja moldado com suas aplicações, mãos e amarrações das áreas aplicadas para que não escorra, geralmente “é uma travesti mais antiga” (*Ruana*). *Michele* teme pelo uso do silicone industrial e sua possível deformidade no corpo, como seios que se unem formando o “peito de pombo” ou “peito de sapo” (SAMMARCO, 2010, p. 78), o escorrimento do silicone para os pés ou joelhos, uma rejeição do próprio corpo, infecção ou câncer. Teme até mesmo pelo uso de prótese porque “não é um silicone recomendado pelo médico, é um silicone industrial. O melhor silicone hoje para se por é a prótese e mesmo assim ainda tem algumas que estouram dentro da pessoa. Por isso tem que saber que tipo de profissional que está lidando” (*Michele*).

Bruna não utiliza mais hormônio por não ter condições financeiras para isso, mas pretende utilizar assim que possível para “esticar os quadril, esticar as coxa”, ao que indica ao rir e bater nessas áreas mencionadas, talvez como gesto de força, de

desejo para chegar a seu ideal de feminilidade. Questionada sobre o uso de silicone, nega, mas revela seu desejo em utilizar próteses que possam conferir mais volume a seu corpo: “Se pudesse hoje, seu eu tivesse condições hoje, eu faria uma plástica no rosto, fazia enchimento de bumbum e *ponhava* prótese”. *Áthila*, por problemas de saúde, foi orientada a deixar o uso por causa do tratamento de um suposto câncer nos pulmões.

Enquanto *Michele*, *Bruna* e *Áthila* não possuem silicone industrial ou o temem, *Ruana* segue o oposto. Sua viagem e abandono de emprego e curso fazem parte dessa construção de nova pessoa, da nova identidade. Parece que teve pressa em voltar feminina, mudada e moldada. Seu temor está exatamente onde as duas outras sentem segurança: os hormônios. A princípio diz não tê-lo utilizado, mas ao longo da conversa indica que usou pouquíssimas vezes, o suficiente para saber que não gostou e de ser contra seu uso por considerar que altera por demais o estado de humor, por causar malefícios ao fígado e quando seu efeito desaparece, o que antes escondeu, como os pelos, volta de forma potencializada.

Ruana – É, eu sou contra hormônio.

Eu – Por que?

Ruana – Porque hormônio faz mal. O hormônio, ele meche com a tua cabeça, ele te deixa sensível, você chora muito, você toma muito ele faz mal *pro* fígado, eu já te falei que eu tive uma amiga que ela tomou muito hormônio e aí teve uma que atrofiou, que ela não tinha mais ereção nada, muito perturbada, a pessoa fica muito perturbada, sabe, e eu não gosto de ser assim, mas só na realidade, eu não gosto de viver no mundo da fantasia, o hormônio te dá muita fantasia, aí você para de tomar aí aquele efeito volta ao contrário em dobro, o efeito, então não quero isso pra mim, eu quero fazer uma coisa definitiva, igual, o hormônio diminui o teu pelo, você acaba de tomar volta o triplo, a depilação a lazer, ele mata o seu pelo, é muito diferente, né, é mais dolorido mas compensa mais.

Como pontua Benedetti (2005), o silicone industrial pode ser aplicado em “praticamente todas as partes do corpo: pernas, joelhos, coxas, quadris, nádegas, seios, face, boca, testa, etc.” (BENEDETTI, 2005, p. 81) e lhe concede a metamorfose desejada, mesmo que o processo seja doloroso, vergonhoso, clandestino, perigoso e mais barato. *Ruana* descreve que essa sensação de vergonha esbarra na ideia de ilegalidade, de como o processo é realizado a partir de instrumentos precários, de uso veterinário, com risco e dor. *Ruana* diz que o processo gera certo pesar e vergonha pela sua clandestinidade:

mas ali na hora é muito vergonhoso, não é muito assustador, é vergonhoso, sabe porque você *tá* fazendo algo ilegal, entendeu. Aquelas seringas são seringas que são usadas em cavalo, não é de usar em humano, aquilo lá cheio de silicone, daí é um copo ali com os galão e você vendo aquilo é um processo assim de mutação, entendeu, não é um processo, não é uma cirurgia que você *tá* no hospital, é coisa assim ilegal, normalmente você pode morrer ali e já era. Mas daí *tá*, eu coloquei cinco litros, consegui, aguentei a dor de colocar, e é sem anestesia, a anestesia é só *pra* fazer o furo, mas eu sentia dor porque o silicone ele separa a sua pele do músculo, ele entra ali, depois eu fiquei uma semana deitada de barriga *pra* baixo, toda amarrada, *pra* ele não andar, né, você amarra perna, amarra cintura que daí ele fica parado ali até ficar mais grosso, são sete dias, é e você fica deitada de barriga *pra* baixo, dói muito.

Apesar do processo, do conceito de ilegalidade, das dores, da vergonha, sente-se satisfeita com os resultados, tanto do industrial como das próteses que possui nos seios. O que sofreu e viveu com o uso do silicone chegou ao resultado esperado: atrair os olhares. *Ruana* gostou do resultado, de poder utilizar calças femininas com um corpo volumoso. Para além disso, possui duas próteses mamárias, resultado de suas economias, e agora economiza para ‘fazer o nariz’.

A *tá, tá*, sim, acima de tudo isso, o que eu queria, tipo assim, o que eu queria que as pessoas, que os homens me vissem, me olhassem, a intenção funcionou, entendeu, de me olhar, de colocar uma calça feminina ficar com corpo, de colocar uma saia e ficar com o corpo legal, deu certo, tudo tem seu contra e seu a favor, né, mas eu gostei, eu gostei. Ficou bom. Aí *tá*, aí depois fiquei um tempo lá, aí vim *pra* Maringá, já juntei dinheiro *pra* minha prótese, que daí fui pro médico e coloquei e agora quero fazer o nariz, *pro* nariz ficar mais bonitinho, mais bonito.

O corpo de *Ruana* diz dela ao mundo. Informa suas curvas, próteses e gestos, da mesma forma que *Michele*, *Bruna* e *Áthila* o fazem com suas roupas e hormônios. As trans sinalizam e simbolizam “por meio de seu corpo (seus gestuais, suas mímicas etc.) a tonalidade de suas relações com o mundo. Nesse sentido, o corpo, quaisquer que sejam as sociedades pode estar à “sombra ou à luz da sociabilidade” (LE BRETON, 2012, p. 193), penso que as trans também se valem desse jogo de sombras e luz, ocultam, quando querem, o corpo masculino e dão luz ao corpo feminino, evidenciando com suas ‘armas’ um novo corpo, seu gênero e sua sexualidade.

Essas novas configurações forçam a sociedade a (re)pensar características que outrora inexistiam nos corpos (trans), como próteses de silicone e a inserção de silicone industrial nos glúteos, coxas e quadris, implicando em acessórios que alteram a percepção de si e dos outros para si (ORTEGA; ZORZANELLI, 2010, p. 82). Ainda que Ortega e Zorzanelli (2010) tratem do campo da saúde mental, pensar no corpo e

artimanhas para modificá-lo, legítima como travestis criam “modelos ideais de sujeitos baseados na performance física e se estabelecem novos parâmetros de mérito” (ORTEGA; ZORZANELLI, 2010, p. 75) a fim de que suas ações pessoais sejam guiadas ao encontro da melhor forma física.

A melhor forma física, para elas, seria a mais feminina o possível. Seus corpos siliconados, hormonizados e vestidos (ou não) representam uma marca de modificações, um palco performático (ORTEGA; ZORZANELLI, 2010, p. 80) para si e para as demais pessoas, contrários à ideologia da saúde perfeita que nos leva a “crer que um corpo fora dos padrões de autocontrole tem origem em uma falha de caráter, em uma falta de manejo de si próprio” (ORTEGA; ZORZANELLI, 2010, p. 95). Pessoa (2013, p. 53) diz que “as transformações corporais são muito mais que simples mudanças na anatomia, são também pensamentos, imposições, princípios religiosos, etnia, consumo, tecnologia e modos de adequar-se ao meio social e cultural”.

O corpo trans representa uma engenharia que provoca os limites higiênicos e hegemônicos da normalidade e da tradicionalidade médicas-biológicas imprimindo novas práticas, normativas, instrumentos, mecânicas e dispositivos. O manejo de si revela quem estava oculto.

3.3 Família e profissões

Michele trabalha como costureira em Apucarana, casada e estudante na modalidade de Educação para Jovens e Adultos no período noturno. É de uma família de oito irmãos, tendo apenas uma irmã. Nascida em Rosário do Ivaí, mas criada desde cedo em Apucarana. O início de seu processo de transformação corporal, ao que parece, foi na adolescência, com quatorze anos, ao perceber que se sentia atraída por meninos, mas, sobretudo, ao se valer das roupas da mãe e do salto alto em segredo, talvez a feminilidade que a roupa carrega seja tão emblemática quanto os seios ou os cabelos. No entanto, por conta da fúria do irmão, que comprara uma arma e a ameaçava constantemente, a mãe pede que saia de casa. Acolhida por um amigo, sem profissão ou emprego, decide ajudar nas despesas com o uso do corpo na prostituição, como *Michele* afirma:

Quatorze anos... sem uma profissão, né? Eu fui obrigada a sair do colégio porque eu não tinha... como que eu ia me sustentar, onde que eu ia morar, como que eu ia ter colégio todo dia? Aí parou, minha vida parou. Aí eu conheci um amigo, né, um amigo, e ele me acolheu na casa dele, só que aquela coisa, como que eu ia comer, dormir, tudo de graça? Hoje em dia é difícil, né, alguém fazer alguma coisa pela gente de graça, entendeu... então eu tinha que me sustentar, tinha que ajudar nas despesas. Que aconteceu? Pra *mim* ajudar eu conheci a prostituição na rua. Então foi assim, a coisa foi acontecendo rápido demais, uma coisa assim forçada, assim forçando eu fazer aquilo, eu não imaginava em ser travesti, eu não pensava assim: “ah, eu quero ser travesti”. Eu era gay! Desde menino eu gostava de homem... só que daí eu fui obrigada a colocar saia, fui obrigada a colocar salto pela situação, né, por que? Porque eu *tava* na vida, na prostituição, então eu tinha que me vestir como mulher pra poder ganhar meu dinheiro pra me sustentar...

A expulsão de casa parece a ter levado à prostituição, aliado ao fato de ser menor de idade e não ter escolaridade concluída. Não se intitula travesti no começo de nossa conversa, mas *gay*, um adolescente homossexual que se viu obrigado a se valer das vestimentas femininas para se vender. As ruas de Apucarana, como *Michele* descreve, ofereceram a ela, ainda como o adolescente que se travestia, valores reduzidos para seu sustendo. Era a rua quem lhe dava preço, não ela que estipulava seu valor: cinco reais. Fora o valor, existia os perigos com os clientes armados, mal intencionados, com as pessoas que circulavam pela noite a fim de agredir as travestis. Mesmo com medo, *Michele* pensava em desistir da rua, porém, no dia seguinte lá estava ela, como se fosse um “vício”, como ela mesma chama, pela prostituição.

A família aparece como indicador e talvez divisor de águas para diversas travestis, principalmente na escolha de suas ocupações, seus trabalhos. Conforme a relação e a postura adotada por ela, a travesti terá essa ou aquela ação. *Michele* diz que cada pessoa tem um motivo particular para ir para a prostituição, pode ser o abandono familiar, abuso, falta de apoio, “muitas coisas levam à prostituição, não é porque eu quero me prostituir, eu vou me prostituir. Têm vários motivos, a gente não pode julgar” (*Michele*).

Bruna não trabalha no momento. Foi expulsa de casa aos doze anos, ao contar para a mãe que gostava de homens e de se vestir com roupas femininas. Com a expulsão de casa, veio a imersão na rua, no mercado do sexo, sendo exposta a todas as violências todas com 12 anos de idade, como ela revela:

Quando cheguei aos 12 anos fui contar *pra* minha mãe que queria *se* vestir de mulher, que eu *tava* gostando de homem, que eu não gostava de mulher, ela começou com preconceito, tudo, saí de casa, *se* envolvi com prostituição, outras coisas, *se* envolvi com drogas, fui pra rua, né, ‘comi o pão que o diabo amassou’, como diz o ditado, né, na rua, e hoje eu *tô* aqui.

Da casa para a rua e diversos abrigos por onde passou, entre idas e vindas, *Bruna* relata ter passado por mais de cento e quarenta cidades brasileiras ‘rodando’ de lugar a outro, se prostituindo e utilizando drogas em geral. Essa migração de um lugar a outro se deu por caronas e ônibus, e a cada novo lugar pedia dinheiro às pessoas, a fim de sustentar seu vício. Quando sua presença se revelava constante, migrava novamente.

É ônibus, carona... eu não tinha, por causa da droga, então ao mesmo tempo que eu *tava* aqui, quando eu via que aqui eu *tava*, eu pedia muito *pras* pessoas, falava que era *pra* uma coisa e era *pra* outra. Então, tipo assim, como eu pedia muito *pra* pode tá fazendo uso da droga, então, ao mesmo tempo que eu *tava* aqui, quando eu via que aquelas pessoa já *tava* batido demais na cidade, eu ia *pra* outra, ia *pra* outra, ia *pra* outra... né, e hoje faz dois meses que eu não uso drogas. Hoje não, na verdade dia 27 de maio completou dois meses que eu não uso mais nenhum tipo de droga, nem injetável, nem cocaína, nem maconha, nem crack, nada, nem bebida alcoólica. Faz dois meses que não uso (*Bruna*).

Mas quando estive nos abrigos de Londrina, no Paraná, *Bruna* teve acesso a empregos, ainda que não fixos por muito tempo, em empresas diversas, como um do ramo de alimentação e outro da saúde.

Só que eu trabalhei por um ano, e nesse um ano eu trabalhei em três empresas em Londrina, trabalhei no Mac Donalds, trabalhei na UNIMED, trabalhei na... na, ahh é uma empresa de, de, ah sim, é uma empresa que mexe com defunto mesmo assim, é ... tanatopraxia, que mexe só com montagem, tipo um curso que eu *tava* fazendo, mas eu *tava* trabalhando lá.

Apenas em uma grande rede de mercado da cidade é que permaneceu um bom tempo. Atualmente pensa em retornar aos estudos e realizar um curso profissionalizante de corte e costura, a fim de retornar ao mercado de trabalho. Interessante observar que similar a essa prática, *Michele* fez um curso de costura em Apucarana, mas somado à uma jornada tripla de trabalho: prostituição, auxiliar de costura e o curso de costura.

Ruana não é expulsa de casa, escolhe sair para ser *Ruana*. A família para ela detém uma representatividade positiva e de apoio, menos no que diz respeito à prostituição, pois temiam por sua segurança. Conheceu a prostituição em Balneário Camboriú para sustentar suas modificações e necessidades na casa da cafetina. Hoje está em um curso profissionalizante de cabeleireira, em uma tentativa de retomar a ‘vida normal’ como transgênero, de voltar a estudar, de ser respeitada como trabalhadora que não se vale mais do mercado do sexo.

Áthila sai de casa aos dezoito anos para ser quem sempre desejou ser: feminina. Sua mãe e seu pai não aceitaram primeiro o fato de um filho homossexual e depois que ele rompesse com o gênero biológico. Após o início de sua transformação se vê obrigada a parar com seu processo de ‘montagem’ com vinte e um anos:

Só que aí teve uma vírgula nesse ponto, eu já tava praticamente quase montada, *né*, já como travesti, a minha mãe veio a ficar doente, *né*, minha mãe teve câncer de pulmão e precisou de mim, só que eu não podia aparecer do jeito que eu tava afeminada, do jeito que eu tava tão afeminada já, então eu tive que voltar a ser homossexual de novo, raspei a cabeça, parei de tomar hormônio, *né*, e fui cuidar dela (*Áthila*).

Ainda que a família não tenha aceitado suas modificações, a doença da mãe a faz retornar tanto à casa como a posição de homem homossexual, possível com a retirada da linguagem que lhe representava no mundo: roupas, cabelos, unhas e hormônio. Sua mãe não a aceitava como figura feminina, então, para que fosse possível o cuidado, respeitou a decisão materna de ter o filho como cuidador. Mas o falecimento de sua mãe marca o reinício de sua montagem e da postura de ser o que queria sem qualquer imposição de outra pessoa.

Todas essas trans, como já mencionado, viveram a realidade do mercado do sexo para se manter fora de seus lares, mesmo sabendo que ele envolve a violência e o medo constantes, o que gera uma banalização, como indica Benedetti (2005), desse mundo trans, que tem seu maior turno pela noite. Esse medo é que norteia as ações das pessoas que transitam por esse mundo noturno como forma de sobrevivência a ele, segunda a autora, a

banalização da violência que existe no universo trans e no mundo da noite é constitutiva dos valores e códigos presentes nesses contextos. Assim, não é à toa que o medo é um dos sentimentos onipresentes e que serve de guia para as ações de muitas pessoas que habitam esse universo (BENEDETTI, 2005, p.47-48).

Michele fala sobre algumas situações de violência vividas quando trabalhava ‘na rua’. Era explorada, furtada e enganada, além de vender seu corpo por um preço pequeno. Temia sempre pelas agressões por parte dos clientes, pois acredita que existem aqueles que saem nas ruas apenas para fazer maldades, saem armados e prontos para violentar uma travesti, como relata:

Eu tinha uma meta, eu cobrava aqueles cinco reais por um programa completo. E ali assim, eles abusavam, faziam o que queriam, a gente passava assim muita, muita vergonha, sabe? Acho que... humilhação, sabe muita humilhação, muitas vezes eles pegavam, pagavam com notas falsas... e ainda tiravam sarro, jogavam assim, falavam assim: “é isso que você merece”, sabe. Outros tentavam, é, parti da agressão, entendeu? Então, era muito arriscado, fora os que *anda armado* que a gente sai mas a gente não sabe com quem a gente tá saindo... tem a pessoa que quer mesmo fazer programa e o que fazer maldade... eu peguei muito, já peguei homem armado que tentou me matar, homem com faca, eu fui obrigada a correr... e assim, nessa idade, quando isso acontecia comigo, toda vez que eu enfrentava uma pessoa dessa, agressiva, e tudo, queria mesmo pra bater, pra espancar, e antigamente as pessoas vinham *no* ponto, assim, das travestis, que eu lembro, vinham muito em grupo, aquele grupo de rapazes que iam pra espancar mesmo, pra bater, né, aí espalhava a conversa, quem nem, todas as travestis ficavam sabendo...

Ruana enfrentou a rua, mas não menciona de forma objetiva as violências vividas, no entanto destaca o fato da família se preocupar quando se prostituía, por temerem por sua segurança. *Bruna*, por sua vez, tem experiências de diversas formas de violência: verbais, físicas, sociais, todas vindas das ruas. Seu corpo carrega sinais, como ela pontua abaixo, marcas físicas da violência, que vinham tanto de homens como de mulheres.

Agora nas ruas, eu como eu era novinha, então nas ruas as pessoas me olhavam, eles xingavam, me tacava pedra, eles me batiam, isso daqui foi uma facada que eu levei (mostra uma cicatriz no queixo), entendeu, tem nas costas, tem bastante agressão, assim, de povo homofóbico, até de mulheres também, entendeu...

Por causa dessa exposição às violências, diz preferir bares à rua por conta da segurança, da alimentação na hora certa, dos clientes que pagam antecipadamente e não a exploravam ou abusavam, contudo, a rua permite o uso de drogas que consumia naquela época. Existe a segurança em casas e bares, mas é proibido o uso de drogas ilícitas, o que a levava novamente para as ruas, mesmo exposta aos perigos.

Na rua eles te *maltrata*, eles te batem, eles te *esfaquia*, te usa, abusa sexualmente, entendeu, na rua você não tem, não tem, como que se fala, segurança, que a qualquer momento que você pode *ta* ali pode levar uma bala perdida, uma facada, entendeu, então é diferente em bares, casas pra programas, saunas, são diferentes do que a rua, eu já *preferia* mais ficar *memo* assim na rua porque era o caso de eu usar droga, então no bar eu já não poderia usar, na rua já poderia usar, então é diferente, no bar eles não aceitam usar droga dentro do bar, agora na rua já usa, então...

A drogadição também é vivenciada por *Áthila* quando esteve nas ruas vendendo seu corpo. Esse processo de prostituição para ter dinheiro com a finalidade de manter a

feminilidade sob uso dos hormônios é possível, a seu ver, a partir das drogas. Segundo ela, as drogas ajudaram a suportar a noite e o trabalho

(...) *pra* aguentar a noite tinha que usar droga e *pra* ter um corpo de mulher pra poder ganhar o dinheiro *pra* sustentar aquele vício ou pra ter aquele corpo, *né*, eu tinha que me prostituir porque ninguém dá trabalho pra uma travesti, travesti é desconsiderada, travesti não é bem vista diante da sociedade, se já tem preconceito contra o homossexual, com uma travesti então é maior ainda (...) (*Áthila*).

As dinâmicas que as levam à prostituição parecem se aproximar por causa dos conflitos familiares, exceto Ruana, que não foi expulsa de casa, mas optou em sair para se transformar e vivenciar a prostituição. A família pode ser a causa das violências ou não, no entanto, o trabalho com a prostituição não se revela mais ameno em nenhuma das falas, de suas memórias.

3.4 Religiões como fronteiras

A religião apareceu nas falas das trans como uma questão marcada por suas vivências positivas e negativas associadas às suas sexualidades e corpos, o que implicou em dar destaque e atenção nas análises provenientes dessa relação entre cada uma delas com a religiosidade. Apesar de em meu roteiro de entrevista haver perguntas sobre a religião de cada uma e de suas famílias, o foco era outro, contudo, o campo expôs de forma mais pontual a relação entre suas sexualidades e trânsitos nos espaços religiosos. Martelli (1995, p. 135) revela que a religião está ligada de forma íntima à sociedade. Para esse autor, o indivíduo delinea a religião como uma relação interior com a realidade transcendente, isto é, a partir da experiência do sagrado vivida interiormente. Como as entrevistadas revelaram vir de famílias com práticas religiosas, ainda que distintas, talvez seja possível inferir a ideia de que suas travestilidades implicaram em objeções ao acesso de tais práticas. *Michele* representa a exceção entre elas. Sua família não tem religião, apesar disso, *Michele* afirma acreditar em Deus e defende que os atos são mais importantes do que frequentar a igreja. A sala de sua casa possui algumas imagens religiosas católicas, o que pode corroborar a ideia defendida por ela, de que Deus está em todo lugar. Essas noções de atos, comportamentos e instituição se devem a um episódio vivido por ela em uma igreja, onde as pessoas se afastaram dela exatamente por ser travesti.

Michele – Em todo lugar que a gente vai, a gente é encarado, é mal visto. As pessoas têm, às vezes você senta, quem tiver do lado sai, eu já passei por isso. Eu me senti envergonhada assim, sabe, porque imagina você: tem varias pessoas no banco, ai você vai e senta e sai todo mundo. Que nem aconteceu na igreja, aqui na catedral, foi um episódio que me marcou muito, esse foi o fato de eu talvez não ter uma religião hoje.

Eu – Faz tempo isto?

Michele – Ai, não faz muito tempo não. Mas eu lembro que era no domingo de páscoa e eu entrei para assistir a missa do nada, me deu aquela vontade “ah, eu quero assistir a missa hoje”, me deu vontade, e eu entrei na igreja, mas quando eu sentei saiu todo mundo. E quantas pessoas estavam nesta igreja? Quinhentas pessoas, *tava* lotada. Então imagina como eu me senti na hora. A vontade que eu tive era de levantar e ir embora. Só que o que eu pensei na hora é assim, eu não vim pelas pessoas, eu vim por mim mesma e por Deus. Vim buscar a Deus, então eu não tenho que sair. Aí eu fiquei até o final. Mas eu não voltei mais, porque eu me senti muito constrangida e fora isso também, eu canto no coral, a voz do coral, sou soprano e quando tem apresentação assim em igreja, geralmente eu não vou. Eu vou, muitas vezes eu fui até a porta da igreja e não entrei, não consegui, mesmo para cantar. Então assim, eu vou em clubes, e tal, a gente vai representar o teatro, mas na igreja...

Michele revela o que compreende por religiosidade e instituição quando sugere a ideia ligada ao acolhimento dos demais membros ao que ela é, porém, a frieza apresentada pelas pessoas ao levantar do mesmo banco em que senta, representa o oposto do que esperava, o que a afastou desses espaços religiosos. *Ruana* também fala que sente falta do espaço religioso. Tem vontade de frequentar a igreja como antes, mas receia sempre, por isso não vai: “Eu acredito em Deus, mas não, eu não vou a nenhuma igreja, tenho muita vontade de ir, tenho muita vontade. Às vezes quando chega uma hora, me dá vontade de ir em uma evangélica, mas não vou” (*Ruana*).

A religião parece significar um espaço importante para as trans entrevistadas, principalmente após o processo de travestilidade. Para *Michele*, por exemplo, a experiência de entrar em uma igreja e todas as pessoas do banco em que se senta, se levantarem, parece ter gerado um trauma tamanho que hoje não consegue entrar em igreja alguma. *Ruana* se afastou após o processo de modificação corporal das igrejas, apesar de ter visitado um rito budista e ter se sentido acolhida, prefere espaços onde a matriz cristã seja manifestada, onde pode ouvir falar de ‘Deus’. *Bruna*, por sua vez, foi acolhida por uma igreja que congrega o público LGBT, morando ao lado de onde ocorre os cultos, uma espécie de casa de acolhimento mantida pela ICM, o que propicia expressar sua identidade sem confronto a dogmas heteronormativos, mas antes

participou do candomblé¹¹, que pensa ser uma manifestação religiosa com ‘maldade’, por influência paterna:

Eu fui entregue com oito anos de idade, quando meu pai morreu, aos nove anos que meu pai morreu, eu fui entregue com oito anos, ele me ofereceu dentro do Centro de Candomblé, foi na encruzilhada, furaram meus dez dedos, fora lá, *dero pro bode*, tomei o sangue do bode, o bode transitou meu sangue dentro do sangue do bode, eu lembro até hoje, eu lembro como se fosse hoje, tudo certinho. Depois *entramo* na mata, fiquei sete dias deitada na *paia* de côco, na *paia* de coqueiro, dentro do terreiro, fui *deitá* lá era no domingo, fui acordar era na sexta-feira a noite, na *paia* do terreiro... é, quando era criança.

Seu histórico de drogadição, estar no mercado do sexo nas ruas e participar de uma religião de matriz africana, lhe dá uma atmosfera de pesar e pecado, o que é redimida com a inserção na ICM e a salvação por intermédio de Jesus. Sente-se feliz por ter sido acolhida pela ICM e deixa exposto essa felicidade no início de nossa conversa, mesmo com certo nervosismo na fala, e objetiva estar casada e ser uma missionária no futuro para “levar a palavra¹²” (*Bruna*). Sua relação com a ICM e sua identidade não demonstra conflito por se tratar de uma entidade que agrega pessoas sem qualquer distinção de sua identidade de gênero.

Áthila vê na religião um conforto e um respeito frente à sua imagem feminina, tanto que diz ser tratada como mulher, uma irmã da igreja que congrega:

Normal, como seu eu fosse uma irmã da igreja. Eles não olham pra mim como travesti. Até então os olhares de todos aqui são como se eu fosse uma mulher, totalmente diferente, isso eu sinto, eu vejo da forma como eles me tratam, o respeito que eu consegui obter deles é esse, como de uma mulher, que era o que eu queria porque até então eu também não me vejo como uma travesti, não me vejo mais, eu era uma travesti hoje eu sou uma mulher (*Áthila*).

A religiosidade parece elemento importante para ela como subsídio para um reconhecimento de sua corporalidade, fê e conforto, além de ser um direcionamento

¹¹ “Candomblé – religião brasileira dos orixás e outras divindades africanas que se constituiu na Bahia no século XIX – e demais modalidades religiosas conhecidas pelas denominações regionais de xangô, em Pernambuco, tambor-de-mina, no Maranhão, e batuque, no Rio Grande do Sul, formavam, até meados do século XX, uma espécie de instituição de resistência cultural, primeiramente dos africanos, e depois dos afro-descendentes, resistência à escravidão e aos mecanismos de dominação da sociedade branca e cristã que marginalizou os negros e os mestiços mesmo após a abolição da escravatura” (PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. In: **Estudos avançados**, v. 18, n. 52. São Paulo set./dez., 2004, p. 223-238).

¹² Um referência às palavras e interpretações contidas na bíblia.

para ideais como a esperança, o amor ao próximo e um foco para que a pessoa seja elevada (*Áthila*).

3.5 Envelhecimento

Seus corpos podem ser traduzidos como signos, como linguagem e é por intermédio dele que os significados dos depoimentos revelam a experiência de vida acumulada junto ao envelhecimento e a imagem que formam tanto do processo como do ser velha, além de cruzar as relações entre seus corpos trans e envelhecimento, não para postular uma invisibilidade óbvia, mas como pressuposto para pensar os traços que informam aos demais como são/estão seus corpos, seus cenários de mobilidades, inacessibilidade, presenças e identidades.

Os espaços eleitos para as movimentações das trans, e desta análise, são as cidades que, como afirma Simmel (1976, p.21), “são sede da mais alta divisão econômica do trabalho”, onde fenômenos extremos ocorrem bem como a oferta crescente de mais trabalho e mais divisões do mesmo. As pessoas encerradas nas cidades precisam superar a dificuldade de firmar sua própria identidade e personalidade, onde existe um uso grande de energia para se chegar a seus limites, o que implica em voltar para as diferenças qualitativas e a atitude em ser uma pessoa dotada de singularidade. Como informa Simmel:

O aumento quantitativo em importância e dispêndio de energia atingem seus limites, a pessoa se volta para as diferenças qualitativas, de modo a atrair, por alguma forma, a atenção do círculo social, explorando sua sensibilidade e diferenças. Finalmente, o homem é tentado a adotar as peculiaridades mais tendenciosas, isto é, as extravagâncias especificamente metropolitanas do maneirismo, capricho e preciosismo. Agora, o significado dessas extravagâncias não jaz absolutamente no conteúdo de tal comportamento, mas antes na sua forma de “ser diferente”, de sobressair de forma notável e assim atrair a atenção (SIMMEL, 1976, p. 22).

As trans assimilam as posturas observadas por Simmel: maneirismos, extravagâncias e utilização de energia para que sejam notadas suas subjetividades que são arrancadas e transformadas em vidas objetivas. Há, então, uma redução do indivíduo à objetividade, por isso, de sua intencionalidade em dispor de sua energia para salvaguardar sua subjetividade. As cidades, então, fornecem as arenas para as disputas travadas em si mesmo e para com os demais, entre as trans e não trans, entre os jovens e os velhos, homens e mulheres, mas não apenas nas relações dicotômicas, pois pode

haver disputas entre os próprios pares. No tocante aos processos peculiares para as trans no processo de envelhecimento, faz-se necessário compreender como se dá o envelhecimento em um palco (cidade) que tenta sufocar a subjetividade. *Michele* percebe que a cidade é seu mundo de movimentação, de ser notada num espaço público, ainda que jovem, sem perceber ou pensar o envelhecimento, a trans se veste e se arruma para que seja notada. A travesti, ou a trans, como *Michele*, *Ruana*, *Bruna* e *Áthila* pensam nas ruas e calçadas como uma passarela sempre apta para o desfile, esperando que cada uma esteja bonita e bem trajada. Esse desfile é mais marcado quando se é jovem. Gera prazer o fato de saber que são vistas, indiferente se ganham ou não dinheiro, além das disputas frente aos corpos, clientes e espaços. Note-se os seguintes depoimentos:

O travesti se arruma *pras* pessoas notar, pra todo mundo..., *né*, a gente quer chamar a atenção, a gente quer ser percebido pelo... então que que a gente... a avenida pra nós é como se fosse passarela, entendeu? Aquilo ali dava prazer pra gente pelo menos... nem importava tantas vezes se *tá* ganhando dinheiro, era pra ser notada, de você passar, alguém mexer, por que? Isso era o mais importante, era o que eu sentia, *né*, na adolescência, *né* (*Michele*).

Não, é com tudo. Com tudo. Roupas, corpo, o jeito de falar, o jeito de andar, o jeito de vestir, o jeito que você usa o cabelo, o tamanho do cabelo, tudo, entendeu, na rua é essa a disputa que elas vivem. Porque ela sai com o melhor, a outra sai com o melhor, outra sai com o melhor, cada um sai com um carro, essa é a disputa: “Ah, mas eu saí com aquele carro”, “Nossa aquele era muito mais melhor que o seu, que você saiu ontem”. Então qualquer coisinha que fala é motivo de discussão, de disputa pra eles, pra elas (*Bruna*).

Porque a rua é como se você fosse uma modelo, a mais bonita ganha mais e quando você não for mais bonita, que que vai fazer? (*Ruana*).

Nunca deixei cafetina nenhuma me cafetinar, nunca, sempre fui assim ‘a desbocada’ *né*, sempre fui aquela ‘afrontosa’, ‘aquela ali chega é barraqueira’, então nunca baixei a cabeça pra travesti nenhum (*Áthila*).

Os corpos jovens delas foram preparados para as ruas, contudo, não estão livres do processo do envelhecimento, que se configura como uma etapa que não chega de imediato, mas um processo que se inicia com o nascimento, o que torna possível afirmar que o envelhecimento é um processo indissociável ao ser humano e revela conquistas que são feitas socialmente, gradativas e delimitadas por fronteiras da idade, como descreve Barros (1999, p. 47).

O processo de envelhecimento retira a visibilidade das pessoas, de seus desejos, e lhes imprime a proximidade da morte, que ao máximo se tenta desvencilhar, figurando a cidade como palco desses processos. Simmel (1976, p. 22) chama esse palco de lugar

de impessoalidade e de promoção da subjetividade, como tentativa de se sobressair “de forma mais notável e assim atrair atenção” o que revela uma tentativa do indivíduo de sobreviver ao sufocamento da cidade, de permanecer cognoscível para os demais, por isso apela às extravagâncias, e, sobretudo para si mesmo. A cidade, então, seria um espaço para se observar como as trans transitam, envelhecem e captam suas visões do espaço urbano que elegeram a fim de perceber aspectos sociais específicos dessa relação, como as lembranças, por exemplo. A importância da cidade se faz sentir nas “lembranças não como entidade em abstrato, mas como experiência de vida” (BARROS, p.45).

O corpo ‘construído’ pela trans é um corpo que deve atender seus propósitos subjetivos e privados, enquanto desejo de ser mais feminina, ter cabelos mais compridos, entre outros, mas atende também propósitos objetivos e públicos, uma vez que seu corpo se expõe aos demais corpos. *Michele* revela que o medo de envelhecer implica no medo da substituição por um corpo mais jovem: “Sabe por que travesti não quer envelhecer? Porque assim, tem a substituta, vem vindo... quando a gente vai envelhecendo vão vindo outras novinhas, entendeu?”. Essa imagem de um corpo jovem substituído pelo envelhecido aparece na fala de *Bruna* quando se refere à cobrança que a sociedade faz desse mesmo corpo:

É, tudo, as pessoas cobram, os homens cobram, meu marido também vai cobrar, né, porque se eu tiver com aquela coisa toda desmanchada, toda *pelancada*, ele vai deixar eu e vai arrumar outra, então tem que ficar tudo em cima, assim... (*Bruna*).

As mesmas cobranças sofridas por *Ruana* e *Áthila* que já presenciaram a velhice das demais trans. Essa cobrança de si e de seus corpos vem ao encontro do que Pesavento (2008, p. 18) afirma sobre como se criam imagens a partir de suas experiências emotivas e sensoriais. Seus sentidos captaram as imagens vividas, selecionaram, atribuíram significados e redimensionaram para postular uma imagem de si na velhice.

Enquanto as pessoas envelhecem, os espaços urbanos à sua volta são modificados, mas não a eles adaptados, e o sufocamento delimitado por Simmel (1976) parece apenas superável quando podem retratar o que viveram a partir de suas memórias, “a expressão ‘no meu tempo’ que ouvimos dos idosos para se referirem ao passado, comparando-o com o presente, traz de forma clara e contundente uma das

maneiras que concebem os limites impostos pelas mudanças urbanas que não facilitam sua mobilidade” (BARROS, 1999, p. 55), tem-se, assim, ‘pistas’ das interações sociais e de seus contextos relacionais que vinculam o espaço do corpo e dos espaços urbanos. Sem a dimensão do espaço seria praticamente impossível recordar, contudo, ainda que lembrada sob diversas dimensões, é delimitado de forma “básica pelo olhar” (Cf. BARROS, 1999, p. 48). Se hoje as trans se valem das próteses de silicone, ‘no tempo’ das mais velhas as práticas eram a de hormonização e da injeção de silicone industrial, as posturas de mobilidades eram outras, bem como a relação com o próprio corpo.

A investigação a partir das falas das trans e do envelhecimento dá indícios de como tais sujeitos são colocados fora de dois contextos, o que lhes transporta para a invisibilidade social: o de gênero e o da juventude. A trans partilha de outros elementos para que seja construída enquanto tal, elaborando outras plasticidades para o próprio corpo que contraria a heteronormatividade, no entanto, a velhice, para além das relações biocronológicas, lhes chega inevitavelmente como também mais um fator emblemático para suas movimentações pelas cidades. Talvez as trans não sejam observadas como trans com o peso dos anos. Talvez seja apenas absorvida como figura feminina velha, e não como trans. Caso ocorra, a carga do envelhecimento poderia ser uma premissa maior do que o ser trans e a questão de gênero se torna secundária, caso sejam realmente coisas distintas, a intersecção entre ambas premissas desemboca em um sujeito que precisa, conforme Simmel (1976, p. 22), de “forma mais notável e assim atrair atenção” como tentativa de superar o olhar do outro em relação a seus corpos.

Existem formas de desviar a atenção das demais pessoas para os sinais corporais do envelhecimento para que a juventude seja mantida, como o uso de cosméticos, por exemplo. As trans percebem que suas expressões, pele, cabelo, enfim, seus corpos, se modificam com o passar do tempo e pensam em quais estratégias aplicar para manter seus corpos com uma aparência mais jovem acompanhando o sempre o presente:

É aquela coisa, conforme o tempo passa, sua pele vai mudando, sabe, a expressão vai ficando diferente. Estes dias mesmo, eu *tava* no banheiro e achei um fio branco, meu cabelo *tava* escuro. Que que eu comecei a fazer? Comecei a clarear de novo, para não ter como enxergar este fio (*Michele*).

Eu quero envelhecer de um jeito bem saudável, entendeu. Eu quero envelhecer de um jeito legal. Eu quero envelhecer malhando. Eu quero envelhecer comendo bem. Eu não quero envelhecer de uma vez só, assim, *né*, envelhecer igual as pessoas que não se cuidam, que tem cinquenta e parecer que tem setenta. Não quero ser. Eu quero ser uma velha bonita. Eu quero ter cinquenta anos, eu quero *tá* indo pro bailão, forrozão, quero *tá* com o cabelão comprido, eu quero me cuidar, entendeu, sempre (*Ruana*).

Mas ser velho é você parar no tempo, é você não conseguir andar junto, conforme o tempo, nas mudanças, na tua cabeça, então, se você tem uma cabeça focada na qualidade, nas coisas que vão ao decorrer, junto contigo, você não envelhece, mas se você parou ali, ali você é velho, você entendeu, então você tem que *tá* focado nisso, nisso eu penso, não deixar você parar, né, o preconceito, a educação, tudo isso também varia de cada pessoa porque eu disse pra mim: ‘eu acho que nunca vou ser velha’ (*Áthila*).

O envelhecimento, mais que um processo orgânico, está também no âmbito da cultura, sendo pertinente indagar se as trans não envelheceriam antes, em razão das alterações corporais que processam. Parece que elas partem dessa ideia de ser ‘velha’ antes que as demais pessoas frente às alterações corporais, algo após os trinta anos com ápice entre quarenta e cinquenta anos. Márcia de Mendonça Jorge (2005) pesquisou mulheres consideradas de meia-idade, entre cinquenta e sessenta anos, na cidade de Belo Horizonte (MG), com o objetivo de “compreender a maneira como elas lidam, durante esse período da vida, com a perda das referências identificatórias mais comuns para a mulher – a maternidade e o objeto do desejo do outro” (JORGE, 2005, p. 47). A partir do que ela capta nas falas dessas mulheres e suas vivências é possível aproximar às vivências das trans que entrevistei, pois nos dois casos a aparência revela o tempo que passou.

Com o envelhecimento, o impacto das mudanças que ocorrem nessa etapa, principalmente físicas, pode levar à quebra da imagem narcísica do sujeito. Grande parte das mulheres nos relata experiências de sofrimento, dor ou horror, diante das mudanças da maturidade. Tais sentimentos surgem a partir da imagem que o espelho lhes revela, expondo as mudanças físicas na fisionomia e no corpo e, depois, gradualmente, conferindo-lhes a desagradável sensação de não serem mais olhadas ou admiradas pelo outro, como ocorria quando eram jovens (JORGE, 2005, p. 57).

As marcas que o espelho revela expõem que o corpo não está mais jovem e isso só seria o começo do processo, uma vez que as demais pessoas também não as reconheceriam como jovens. O corpo das trans e das mulheres se torna mais estigmatizado sob a ação do tempo, mas um fator que as trans não sofrem e que parece carregar de mais negatividade o envelhecimento das mulheres é a menopausa e a perda da capacidade reprodutiva (JORGE, 2005, p. 52). Contudo, se a diminuição da reprodução e a menopausa das mulheres lhes imprimem maior peso, em relação às trans o peso está na idade mais precoce, ainda mais se ela está na prostituição.

É, eu acho, é que nem eu já disse para você, a carreira da travesti, deveria se encerrar nos 40, 50 anos, eu acho que não pode passar disso (*Michele*).

Ah, uns cinquenta anos ela é considerada velha. Se ela tiver bem acabada pela fisionomia dela por fora, então ela já é considerada velha (...) Acabada, tipo assim, *né*, ah porque desgasta, conforme, se você não usa hormônio não desgasta tanto, mas se você coloca silicone, prótese, *esses negócio*, vai desgastando com o tempo, entendeu, aí vai ficando velha (...) (*Bruna*).

Eu tenho vinte nove anos e me sinto meio velha, mas não sou velha, mas assim quarenta anos você já é, pra travesti, já é velha. Quarenta é como se fosse uma senhora hetero de sessenta, entendeu (*Ruana*).

Trinta anos em diante ela é considerada velha, é considerada como maricona¹³ (*Áthila*).

Michele, após revelar sobre como, aos quatorze anos, fora expulsa de casa por causa de sua sexualidade, que define, naquele momento, como *gay*, retoma como foi o processo de transformação corporal vinculada à necessidade de se prostituir. Seu processo de modificações corporais se inicia como o de *Bruna* e *Áthila*, pelo uso de hormônios, como forma de atrair a atenção, mas também como fabricação de seu corpo feminino. A voz fica “mais afinada” (*Bruna*), começou o “peito a estourar, a bunda crescer” (*Áthila*) e a imagem feminina a ganhar contornos sob a ação dos hormônios. *Michele* sintetiza o que as três vivenciaram sobre o uso de hormônios em oposição ao uso de silicone industrial:

É assim, eu sempre tive medo de por silicone. A maioria das minhas amigas, que trabalhavam comigo na época, todas, a maioria tinha silicone, era industrial. Como elas falavam a forma pra mim, do jeito que colocava e tal, eu tinha medo, eu sempre tive medo, que assim eu pensava assim comigo, vai que em mim não dê o mesmo resultado... sabe, parece que alguma coisa te fala assim que não pode ir... e eu conheci pessoas também que foram... ficaram deformadas, então isso me fazia ter medo. Então eu comecei a fazer uso só de hormônio. Meu corpo transformou muito, muito, com os hormônios só, nessa época. E quando a gente é nova, o corpo *tá* em fase desenvolvimento, você toma hormônio e rapidamente o corpo começa a transformar, *né*. Quando a idade vai passando, o tempo vai passando, a idade vai chegando, seu organismo não reponde, ele não tem a mesma... ele não te dá a mesma... não dá a mesma... resposta, sabe, então você vai tomando, mas o processo é tão lento que você quase não desenvolve mais seu corpo (*Michele*).

Se antes o hormônio dava o resultado esperado para o volume, a voz mais suave e menos pelos, com o passar dos anos esse efeito diminui. O corpo, como a informante revela, não responde mais como antes. O processo fica mais lento, perdendo um pouco a forma que possuía quando mais jovem. Em média, a vida útil do corpo dela na

¹³ Termo êmico para homens com práticas sexuais passivas (Cf. BENEDETTI, 1997; PELÚCIO, 2009).

prostituição, por exemplo, “vai dos dezesseis aos trinta anos. Depois desta faixa vem a “recaída” ou a velhice precoce provocada por diversos fatores, tais como: os hormônios, o silicone, as eletrólises sucessivas, etc” (OLIVEIRA, 1994, p. 134).

Como seria a noção de velhice para os corpos trans? Sammarco (2010) delimita que tal noção parte das normas padronizadas de velhice, não como causa, mas suscetível a mudanças contextualizadas. O conjunto dessas ações se intitula velhice, ao que os especialistas “do corpo tentam encontrar como “velhice” é, antes de tudo, a competência esperada da *performance* de “velhice” daquele que está sendo analisado e julgado. Dessa forma, gênero e velhice são instituídos no tempo e no espaço por meio de regulamento sociais que os definem como tais” (SAMMARCO, 2010, p. 101).

Ao questionar *Michele* acerca do que seria o envelhecer, a mesma titubeia, porém, revela que não sabe exatamente o que pensar, mas dá pistas sobre a ideia de que as travestis sempre têm em mente que se manterão bonitas para sempre e com o mesmo corpo, conforme o tempo passa, suas expressões são modificadas e ficam diferentes do que eram antes.

Eu já pensei sobre esse assunto, envelhecer. Eu acho, é que nem eu disse pra você, a carreira de um travesti deveria se encerrar dos 40 aos 50 anos, acho que não pode passar disso, mas assim, eu não sei o que que eu penso sobre envelhecer, eu sempre fui uma pessoa vaidosa, sabe. Eu tenho um pouco de medo de envelhecer. Porque aquela coisa, quando você começa a se transformar você acha que você vai ficar daquele jeito pra sempre, você acha que vai ficar bonita, com aquele corpo pra sempre. Quando as coisas vai transformando, vai mudando, vai voltando. Conforme o tempo passa sua pele vai mudando, a expressão vai ficando diferente (*Michele*).

Parece existir um pesar e relutância em envelhecer, sobretudo chegar à definição de velha. A existência das travestis mais novas revela-se como um marco que evidencia seus envelhecimentos, ou seja, a chegada das mais novas seria um cronômetro que indicaria que estão a envelhecer. A vaidade e o não respeito entre mais novas e mais velhas seria uma fronteira de tensão entre ambas. Não parece fácil ser velho no mundo contemporâneo, como indica Paula Sibilia (2011, p. 84), ser velha, então, pior ainda, o que acrescento, ser trans velha seria um superlativo considerável para o sinônimo de difícil. *Michele* explica que o motivo de uma travesti não querer envelhecer esbarra na ideia de substituição de seu corpo por um mais novo.

Sabe por que travesti não quer envelhecer? Porque assim, tem a substituta, vem vindo... quando a gente vai envelhecendo vão vindo outras novinhas,

entendeu? Aquelas que estão começando, e vai com aquele corpo bonito e a gente que começa, a gente volta lá trás e começa a pensar: puxa vida como tenho meu corpo, *né*, assim, então, às vezes essas mais novas já não respeitam mais as mais velhas. Isso tem muito, entendeu? Tem um certo conflito... Porque as mais velhas já não tem mais o mesmo corpo, o organismo já não é mais o mesmo (...) (*Michele*).

A trans, por mais que envelheça e tome consciência, não quer ser substituída por um corpo jovem evidenciando a sua não juventude somada à proximidade do esquecimento ou mesmo da proximidade com a morte (GOLDENBERG, 2011, p. 50). Não apenas isso. A partir dos estudos da década de 1970, no Brasil, sobre a velhice e seu aumento, há uma defesa de que a velhice seria uma fase homogênea a todas as pessoas, desconsiderando as experiências vividas, os problemas sofridos, as diferenças étnicas, de classe ou raça (DEBERT, 2004). A sensação de envelhecimento partilhado pela travesti existe, tendo por recurso, e recusa, o uso da vaidade para permanecer bonita. *Michele* chama a atenção para a vaidade como artifício para que se mantenha jovem, como uma garota, ainda que a idade seja bem maior.

O travesti por mais que envelheça, ela sempre vai querer ser vaidosa. Ela sempre vai ser vaidosa, entendeu. Ela sempre vai arrumar um de jeito de estar mais bonita, mesmo na idade dela. Que eu conheço algumas, *né*, que já tem uma certa idade e se arruma como menina, como garota mesmo, sabe, se produz, faz o possível pra ficar mais jovem, por isso que eu acho que travesti não gostaria de envelhecer ela gostaria de ficar bonita pra sempre (*Michele*).

Para *Michele* o uso de silicone industrial, por exemplo, além de considerar perigoso, pensa que o mesmo com o envelhecimento deixa a pele com um aspecto de mais flácida, com “pelotas, marcas, pelo corpo”, além de enrijecer. Segundo ela, o silicone envelhece também, mas não há possibilidade de retirar ou trocar, como no caso de uma prótese. A solução seria injetar mais uma carga de silicone industrial, dando um aspecto de mais “inchada e mais velha”, o que também não acontece com o hormônio, contudo, com o passar dos anos a resposta fica mais lenta a eles.

A partir dos quarenta anos elas já ficam mais preocupadas com a forma física, com as roupas e marcas próprias da idade, o que sugere essa idade como marco divisor. Saem menos de casa, “a forma física começa a mudar”. Mesmo que exista a flexibilização das classificações das idades, uma maleabilidade fronteira das faixas etárias, a heterogeneidade e diversidade das vivências geracionais, as idades são apreendidas como etapas que demarcam estilos que “podem ou não ser adotados e delimitam fronteiras entre indivíduos e segmentos sociais, como podemos ver na

interpretação da juventude ou da “terceira idade” como um modo de ser e de estar no mundo” (GOLDENBERG, 2011, p. 47).

No curso normal da vida, “a velhice termina na morte, e o nosso pensar normal sobre o envelhecimento chega à mesma conclusão. Se todo envelhecimento termina em morte, será que isso significa que todo o propósito de envelhece é morrer?” (HILLMAN, 2001, p. 13). Envelhecer destextualiza a biologia exatamente quando estamos mais escravizados por ela. A velhice permite uma segunda leitura do que antes parecia ser apenas problemas literalmente biomédicos, como sugere Hillman (2001), há outro olhar das mesmas coisas, ou das coisas que antes eram e agora não são mais, já que a memória e a história modificaram-na.

Os depoimentos de Emanuela, fornecidos à Shimura (2012) revelam uma clara distinção do que *Michele* me relata em relação ao corpo. A primeira não observa qualquer problema com o uso do silicone industrial, se revela como uma pessoa cheia de histórias para contar e feliz. *Michele* discorda do uso do silicone industrial porque pensa que isso acarretará problemas na velhice, evidenciado mais ainda o envelhecimento. Será que não estaríamos diante de duas gerações de travestis: as mais modificadas e as menos modificadas? As trans mais velhas parecem que se valeram de diversos recursos para criar um paradigma do corpo de ‘mulherão’, com grandes peitos e quadris volumosos (o que foi o padrão de sua geração), enquanto as mais novas partem do pressuposto de corpo de ‘ninfeta’, mais menina, quadris pequenos, peitos mais discretos (o padrão atual). Em todo caso, ambas priorizam o cuidado do corpo, da vaidade, da manifestação do feminino, do corpo ‘transformado’ ou ‘tecnológico’, que está sujeito às ações do tempo, em busca pela eterna beleza que esbarra no envelhecimento, na redução gradativa da autoestima.

No entanto, a potencialidade humana lhe permite experimentar o desenvolvimento através das várias fases desse processo, que vai da concepção até a morte física. Assim, cada travesti, por exemplo, tem a oportunidade de construir o próprio corpo e a sua história considerando o tempo e a especificidade individual, desfrutando suas habilidades e as fases da vida que vive e que promoverá o desempenho próprio desta ou da próxima fase.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: COSTURANDO POSSIBILIDADES

O corpo representa um elemento de conexão no mundo, como uma linguagem de comunicação sociocultural, o que implica em pensá-lo não apenas como aparato biológico. A pesquisa suscitou como os corpos das jovens trans são pensados por elas não apenas como corpo biológico, mas também uma miríade cultural. Le Breton (2012) diz que o corpo representa a individuação de cada pessoa, por isso, cada pessoa ‘bricola’ seu corpo da maneira que desejar. Mas o corpo foi seccionado pelas ciências médicas segundo seu tempo cronológico e, desta forma, temos o corpo do feto, do bebê, da criança e do adolescente, do jovem, do adulto e do idoso. Frente a esses diversos corpos, o Brasil estabeleceu leis específicas a fim de garantir seus direitos: Estatuto da Criança e do Adolescente, Estatuto do Idoso e Estatuto da Juventude. Se a pessoa tem até doze anos incompletos é considerada como criança, quando se encontra entre os doze e dezoito anos passa a ser considerada adolescente (ECA, 1990, 2º parágrafo). Passados dezenove anos é sancionado o Estatuto do Idoso, dispondo em seu primeiro parágrafo que a pessoa idosa é toda aquela com idade igual ou superior a sessenta anos (BRASIL, 2009, 1º parágrafo). Interessante notar que o corpo jovem mesmo como paradigma de beleza e atividade, só está garantido legalmente até os dezoito anos, sendo criado um estatuto específico para as juventudes apenas em 2013, que define como jovem a pessoa que possui de quinze a vinte e nove anos, o que implica, ainda em um intervalo de trinta a cinquenta e nove anos sem estatuto ou lei específica. Ainda que não exista lei específica para a fase adulta, vale lembrar que o corpo existe e é cobrado pela juventude.

Mesmo sabendo que o processo de envelhecimento é inerente a qualquer pessoa, pois se trata de uma etapa fisiobiológica do corpo, penso que a compreensão do que ele seja varia conforme as pessoas e suas culturas. O corpo sofre a ação do tempo, deixa de ser jovem e se aproxima da morte, o que coloca a velhice como “algo indesejável” (CORREA, 2009. p. 16). A juventude revela aos corpos envelhecidos que seu tempo se foi e não é possível que rugas estejam em acordo com uma cultura de beleza e juventude eternas, o que implica vivenciar a finitude no e do corpo frente ao que o interdito contemporâneo imprime.

Parece haver uma relação entre corpo feio e velhice, dando à pessoa que envelhece uma carga maior de invisibilidade, mesmo que as tecnologias médicas prolonguem a vida e afastem a morte como algo efetivo, segundo informa Correa (2009,

p. 24). A pessoa velha parece ser destituída de si e de sua historicidade restando apenas um corpo dismantelado, como se não fosse mais uma pessoa ou sujeito, mas velho que tem seu próprio corpo como objeto.

O corpo informa ao outro e a nós mesmos que envelhecemos, mas os corpos femininos parecem sofrer mais sob o processo de envelhecimento. A partir dessa premissa é que investiguei as falas de quatro trans (femininas) jovens, a fim de compreender como elaboram suas velhices.

A partir das pesquisas realizadas para a construção deste trabalho é possível afirmar que ainda se pensa na travestilidade pelo viés de questões das áreas da saúde, sobretudo, ligadas à prostituição, desconsiderando, por exemplo, os âmbitos culturais. Ao analisar as falas das informantes foi possível revelar que cada uma das quatro personagens que entrevistei se considera de forma diversa quando ao gênero: mulher, transgênero ou travesti. Contudo, como forma de trilhar uma unidade lancei mão do termo trans, uma vez que ele abarca todas essas expressões de gênero na mesma categoria, como exposto no primeiro capítulo.

O gênero dessas jovens que entrevistei se projetam em seus corpos. Elas, cada qual à sua maneira (hormônios, indumentária, tempo, dinheiro), transformaram seus corpos a fim de que representem a feminilidade, suas imagens de feminilidade, seja pautada em alguém específico ou na ideia que possuem sobre o feminino. O corpo de *Michele*, por exemplo, não possui silicone algum, toda sua construção se pautou apenas no uso de hormônios femininos, assim como *Bruna* e *Áthila*. *Ruana* preferiu uma metamorfose distinta das demais: viajou e ao regressar possuía um corpo feminino moldado a partir do silicone industrial, sem o uso de hormônios, pois acredita que ele altera demais sua personalidade. O segundo capítulo, dessa forma, ao tratar dos corpos, da juventude e do envelhecimento das trans, mostra as definições do que seja o corpo conforme as entrevistadas e as definições legais, demonstrado nesta dissertação pelo autores como Debert (2004), Goellner (2010) e Le Breton (2012). O corpo delas transmite aos demais quem elas são e, também, definem os corpos das demais trans segundo o que pensam sobre o envelhecimento e a juventude.

As quatro informantes, como analiso no terceiro capítulo, *Michele*, *Bruna*, *Ruana* e *Áthila*, apesar de jovens de idades entre dezenove e vinte e nove anos, refletem sobre seus corpos e sobre o envelhecer. A princípio parece mais que coerente afirmar que mulheres e as trans envelhecem da mesma forma, já que representam o feminino. Porém, as mulheres possuem o peso da menopausa e da baixa fertilidade como

elementos que evidenciam mais a velhice. As trans, por sua vez, não sofrerão pela menopausa ou fertilidade, uma vez que seu aparato biológico é o masculino, porém, é exatamente pelas modificações corporais que promoveram que a velhice lhes chega antes. Os hormônios femininos que utilizam deixam de produzir efeito, o silicone industrial que foi aplicado para dar volume e contornos pode necrosar ou dar um aspecto de mais envelhecida. As trans indicam que envelhecem antes dos cinquenta anos, antes das mulheres que são consideradas de meia idade entre cinquenta e sessenta anos, muito em razão das referências etárias apresentadas pelo universo da prostituição, que é o mudo do trabalho para várias trans, ao menos foi para todas que entrevistei:

É, eu acho, é que nem eu já disse para você, a carreira da travesti, deveria se encerrar nos 40, 50 anos, eu acho que não pode passar disso (*Michele*).

Ah, uns cinquenta anos ela é considerada velha. Se ela tiver bem acabada pela fisionomia dela por fora, então ela já é considerada velha (...) Acabada, tipo assim, *né*, ah porque desgasta, conforme, se você não usa hormônio não desgasta tanto, mas se você coloca silicone, prótese, *esses negócio*, vai desgastando com o tempo, entendeu, aí vai ficando velha (...) (*Bruna*).

Eu tenho vinte nove anos e me sinto meio velha, mas não sou velha, mas assim quarenta anos você já é, pra travesti, já é velha. Quarenta é como se fosse uma senhora hetero de sessenta, entendeu (*Ruana*).

Trinta anos em diante ela é considerada velha, é considerada como maricona (*Áthila*).

Assim como outras categorias profissionais colocam a seus profissionais a perspectiva da aposentadoria em um período da vida que antecede em muito a entrada oficial na velhice, a prostituição impõe às trans uma saída de cena mais cedo, bem anterior a das aposentadorias regulares, em geral entre os cinquenta e cinco e sessenta anos de idade. Interessante perceber que elas reproduzem uma lógica que vigora, por exemplo, entre atletas, modelos e manequins: a velhice chega muito antes em razão do pouco rendimento de seus corpos depois de uma certa faixa etária. Curiosa é, também, a relação entre produtividade para o trabalho e vigor para vida, sendo que a saída do mundo do trabalho é também a chegada, mesmo que precoce, na velhice.

A superação dessa chegada precoce na velhice imposta pela profissão de prostituta está, na perspectiva das trans entrevistadas, no ingresso em novas profissões, em outras atividades onde o corpo jovem não é uma exigência, como cabeleireira, missionária religiosa, costureira ou do lar. A juventude dessas trans não será eterna e elas têm consciência disso, tanto que *Áthila* diz que a juventude depende mais de como

pensa do que apenas do corpo: “Você nunca vai ser eternamente jovem, agora se você tiver uma cabeça de jovem, uma cabeça formada na educação, nos estudos, você vai *tá* sempre jovem, atualizada no corpo”.

A pesquisa revela como corpo, gênero e idade se entrelaçam nas falas das trans jovens que tive acesso, além de captar as imagens que elaboram tanto da juventude como da velhice. As falas demonstram importante característica do processo de envelhecimento: ele se dá anterior ao que está descrito, por exemplo, no Estatuto do Idoso. Uma trans, então, envelheceria a partir dos trinta e cinco anos, sobretudo se está no campo da prostituição. *Michele, Bruna, Ruana e Áthila* cederam não apenas as falas e seu tempo, mas também um novo paradigma etário e cultural sobre o processo de envelhecimento das pessoas que rompem com o gênero e a corporalidade esperados.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ANDRADE, Sonia Maria Oliveira de, et al. Vulnerabilidade de homens que fazem sexo com homens no contexto da AIDS. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. 23(2), fev, 2007, p. 479-482.

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco; MERCADANTE, Elisabeth Frohlich. **Algumas contribuições da filosofia e sociologia na compreensão do envelhecimento e velhice de travestis**. In: Revista Portal de Divulgação, n. 11, Jun. 2011 – <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php>

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Longevidade, travestis e a construção do conceito de sexualidade**. In: Revista Portal de Divulgação, n. 14, Set. 2011 – <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php>

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Travestis envelhecem?** Dissertação de Mestrado em Gerontologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2010.

APUCARANA, PREFEITURA DA CIDADE. História. Disponível em: <<http://apucarana.pr.gov.br/servicos/historia>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

BARCELLOS, José Carlos. Homoerotismo e abjeção em O lugar sem limites, de José Donoso. **Literatura y Lingüística**. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35201807>>. Acesso em: 07 abril 2014.

BARRIENTOS-PARRA, Jorge. O Estatuto da Juventude: Instrumento para o desenvolvimento integral dos jovens. **Revista de Informação Legislativa Brasília** ano 41 n. 163 jul./set. 2004, 131-152.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. A velhice na pesquisa socioantropologia brasileira. In: VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999, p. 45-64.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Velhos e jovens no Rio de Janeiro: processos de construção da realidade. In: VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999, p.156-173.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. In: GOLDENBERG, Miriam (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa. Edições 70, 2008.

BECKER, Howard S. **Segredos e truques da pesquisa**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 2007.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 2008.

BENEDETTI, M. R. **Toda feita: gênero e identidade no corpo travesti**. Anais da II REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DEL MERCOSUL, Piriápolis, Nov. 1997.

BENTO, B. A. M. A. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Brasília, Maio 2003.

BENZAKEN, Adele Schwartz, et al. Intervenção de base comunitária para a prevenção das DST/Aids na região amazônica, Brasil. **Rev. Saúde Pública**, n. 41, 2007, p. 118-126.

BERINO, Aristóteles. Iconografia escolar: algumas imagens para conversar as juventudes. GAWRYSZEWSKI, Alberto (Org.). In: **Olhares sobre narrativas visuais..** Niterói: Editora da UFF, 2012, p. 97-106.

BENJAMIN, J.. **The bonds of love**. New York: Pantheon Books, 1998

BERTAUX, D. The life course approach as a challenge to the social sciences. In: T. K. Hareven; K. J. Adams. **Ageing and life course transitions; na interdisciplinary perspective**. London: Tavistok, 1982.

BESSE, S. K. **Modernizando a desigualdade; reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914-1940)**. São Paulo: Edusp, 1999.

BORBA, Rodrigo. Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 2008, n. 16(2), maio-agosto, p. 409-432.

BORBA, Rodrigo. Intertext(sex)ualidade: a construção discursiva de identidades na prevenção de DST/AIDS entre travestis. **Trabalhos de Linguística Aplicada**, Campinas, 2010, n. 49, jan./jun., p. 21-37.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAIDOTTI, Rosi. **Feminismo, diferencia sexual y subjetividad nómade**. Barcelona: Gedisa, 2004.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente** (1990). Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. – 3. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de idade (2000)**. Disponível em:<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/pop_Censo2000.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso**. 2. ed. rev. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de idade (2010)**. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_do_Universo/tabelas_pdf/tab1.pdf>. Acesso em: 05 de jan. 2014.

BRIGHENTE, Miriam Furlan. Hélio R. S. Silva, Travesti, a Invenção do Feminino, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, ISER, 1993, 176 páginas. In: **Análise Social**, vol. XLIV (2.º), 2009.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira Ed., 2003.

CALDERÓN, Tatiana. Cartografía de la ciudad: La casa subversiva em Naciste Pintada (1999) de Carmen Berenguer. **Alpha**, 2006, n. 22, jul., p. 43-55.

CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Os novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMARANO, Ana Amélia et. al. Como vai o idoso brasileiro? In: **Texto para discussão**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CAMARGO, Wagner Xavier; VAZ, Alexandre Fernandez. De humanos e pós-humanos: ponderações sobre o corpo queer na arena esportiva. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 119-144.

CANEVACCI, Massimo. Corpos polifônicos e tecnologias digitais. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 33-64.

CARADEC, Vincent. Sexagenários e octogenários diante do envelhecimento. In: GOLDENBERG, Miriam (Org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CARMAN, María. ¿La clase social entre paréntesis? El caso de la Aldea Gay en Buenos Aires. **Rev. Katál. Florianópolis**, 2010, v. 13 n. 1 p. 49-58 jan./jun., p. 49-58.

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana R. “Tá lá o corpo estendido no chão...”: a Violência Letal contra Travestis no Município do Rio de Janeiro. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2006, n. 16(2), p. 233-249.

CARVALHO, Mario Felipe de Lima. A (im)possível pureza: medicalização e militância

na experiência de travestis e transexuais. **Sexualidad, Salud y Sociedad Revista Latinoamericana**, 2011, n. 8, ago., p.36-62.

CASOTTI, Leticia; CAMPOS, Roberta. Consumo da beleza e envelhecimento: histórias da pesquisa e de tempo. In: GOLDENBERG, Miriam (Org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 109-131.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Edição revisada, acompanhada de posfácio (1975). Tradução de Arlene Caetano. Coleção Pensamento Crítico – v. 48. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CAVALCANTI, R. **Mitos da água: as imagens da alma no seu caminho evolutivo**. São Paulo, SP. Editora Cultrix, 1997.

CHIDIAC, Maria Teresa Vargas. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estudos de Psicologia**, 2004, 9(3), p. 471-478.

CIRIZA, Alejandra. Apuntes para una crítica feminista de los atolladeros del género. Estudios de Filosofía Práctica e Historia de las Ideas. **Revista anual de la Unidad de Historiografía e Historia de las Ideas - INCIHUSA / Mendoza Año 8 / N° 9 / ISSN 1515-7180 / Diciembre 2007 / Dossier**, p. 23-41.

CORDOVIL, Fabíola Castelo de Souza. O projeto urbano como propaganda: a construção da imagem da cidade de Maringá. In: MACEDO, O.; REGO, R., CORDOVIL, F. (Org.). **Pensar Maringá: 60 anos de plano**. Maringá: Massoni, 2007.

CORREA, Mariele Rodrigues. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

CORRÊA, Sonia; PIMENTA, Cristina; MAKSUD, Ivia; DEMINICS, Soraya; OLIVAR, Jose Miguel. **Sexualidade e desenvolvimento: A política brasileira de resposta ao HIV/AIDS entre profissionais do sexo – Relatório de Pesquisa**. Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS Rio de Janeiro, 2011.

DEBERT, Guita. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. 1. ed., São Paulo: Editora da Universalidade de São Paulo, Fapesp, 2004.

DEBERT, Guita Grin. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999, p. 7-27.

DESSUNTI, Elma Mathias, et. al. Convivendo com a diversidade sexual: relato de experiência. **Rev. Bras Enferm**, Brasília, 2008, maio, 61(3): 385-389.

DUQUE, Tiago. **Montagens e Des-Montagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes**. São Paulo: Annablume, 2011.

ENGELMAN, Martín. Discriminación y estigmatización como barreras de accesibilidad a la salud. Facultad de Psicología - uBa / secretaria de investigaciones / **Anuario de investigaciones** / v. xiv / 2006 p. 221-228.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2004.

ELVIS & MADONA. Direção: Marcelo Laffitte. Rio de Janeiro, 2010. 1 filme (105 min) Marcelo Laffitte e Tuinho Schwartz produção. Estúdio Laffilmes Cinematográfica, cor. 2010. Cópia da Pipa Filmes.

FÁVERO, Maria Helena. **Psicologia do gênero: psicobiografia, sociocultura e transformações**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

FERNÁNDEZ, Josefina. **Cuerpos desobedientes: travestismo e identidad de género**. Edhasa, Argentina, 2004.

FERREIRA, Rubens da Silva. A informação social no corpo travesti (Belém, Pará): uma análise sob a perspectiva de Erving Goffman. **Ci. Inf., Brasília**, 2009, v. 38, n. 2, p. 35-45, maio/ago., p. 35-45.

FIGUEIREDO, Adrianna. “Se pudesse ressurgir, viria como o vento”. Narrativas da dor: corporalidade e emoções na experiência da travestilidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, 2011, n.8 - ago., p.90-112.

FRANÇA. Isadora Lins. “CADA MACACO NO SEU GALHO?” Poder, identidade e segmentação de mercado no movimento homossexual. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 2006, v. 2, 1 n. 60, p. 103-182.

FRANÇA. Isadora Lins. Identidades coletivas, consumo e política: a aproximação entre mercado GLS e movimento GLBT em São Paulo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, 2007, ano 13, n. 28, jul./dez., p. 289-311.

FREYRE. Gilberto. **Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. 5^a. ed. Ilustrações de Lula Cardoso Ayres; M. Bandeira, Carlos Leão e do autor. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora, 1977.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13^a. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. 13^a. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. Alguns aspectos da construção do gênero entre travestis de baixa renda. **Psicologia USP**, São Paulo, out./dez., 2009, 20(4), p.597-618.

GOLDENBERG, Mirian. O gênero das travestis: corpo e sexualidade na cultura brasileira. **Livros & Redes**, 2009, v.16, n.4, out.-dez., p. 115-119.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: **Corpo, gênero e sexualidade**. LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (Org.). 5^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 28-40.

GOLDENBERG, Miriam (Org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GROSSI, Mariana; Uriel, Anna Paula; MELLO, Luiz (Comp.). Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis. **Garamond Universitaria**: Rio de Janeiro, 2007, p. 428.

GRUPO GAY DA BAHIA. Disponível em: <<http://www.ggb.org.br>> acesso em: 05 de ago. 2013.

HILLMAN, James. **A força do caráter: e a poética de uma vinda longa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JIMENEZ, Luciene; ADORNO, Rubens C. F. O sexo sem lei, o poder sem rei: Sexualidade, gênero e identidade no cotidiano travesti. **Cadernos Pagu**, 2009, n. 33, jul./dez., p. 343-367.

JORGE, Márcia de Mendonça. Perdas e ganhos do envelhecimento da mulher. In: **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 11, n. 17, p. 47-61, jun. 2005.

KULAWIK, Krzysztof. Travestir para reclamar espacios: la simulación sex-/text-ual de Pedro Lemebel y Francisco Casas en la urbe chilena. **Alpha**, 2008, n. 26, jul., p.101-117.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. 2^a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LE BRETON, David. Individualização do corpo e tecnologias contemporâneas. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LIONÇO, Tatiana. Atenção integral à saúde e diversidade sexual no Processo Transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2009, n.19, p.43-63.

LIONÇO, Tatiana. Que Direito à Saúde para a População GLBT? Considerando Direitos Humanos, Sexuais e Reprodutivos em Busca da Integralidade e da Equidade. **Saúde Soc. São Paulo**, 2008, v.17, n.2, p.11-21.

MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBT. Disponível em <<http://www.abglt.org.br/docs/ManualdeComunicacaoLGBT.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

MEDEIROS, Suzana. **Brasil: O que dizem os números sobre a pessoa idosa**. XV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, ABEP, realizado em Caxambú-MG – Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral: Como fazer, como pensar**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

MELLO, Luiz. et al. Políticas de saúde para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil: em busca de universalidade, integralidade e equidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad Revista Latinoamericana**, 2011, n.9, dez., p.7-28.

MENDIARA, Irina. Parodias insensatas. **Cuadernos FHyCS-UNJu**, n. 31:301-315, 2006, p. 301-315.

MINISTÉRIO DE SAÚDE. Departamento de Apoio à Gestão Participativa, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Ministério da Saúde. Saúde da população de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. **Revista Saúde Pública**, 2008; n. 42(3): p. 570-573.

MORTIMER-SANDILANDS. Catriona. Paixões desnaturadas? Notas para uma ecologia queer. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 2011, n. 19(1), jan./abr., p. 175-195.

MOUTINHO, Laura. Negociando com a adversidade: reflexões sobre “raça”, (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 2006, 14(1), jan./abr., p. 103-116.

NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2004.

OLIVEIRA, Neusa Maria de Oliveira. **Dama de paus: o jogo aberto dos travestis**. Bahia: EDUFBA, 1994.

ORTEGA, Francisco; ZORZANELLI, Rafaela. **Corpo em evidência: a ciência e a redefinição do humano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude - alguns contributos. In: **Análise Social**, v. XXV, 1990, 139-165.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

PELÚCO, Larissa. Marcadores Sociais da Diferença nas Experiências Travestis de Enfrentamento à AIDS. **Saúde Soc.** São Paulo, 2011, v.20, n.1, p.76-85.

PELÚCO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**, 2005, n. 25, jul./dez., p. 217-248.

PELÚCO, Larissa. Tres casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 2006, n. 14(2), mai./ago., p. 522-534.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Imagem, memória, sensibilidade: territórios do historiador. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosangela; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Imagens na história**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008, p. 17-34.

PESSOA, Pessoa, Emerson Roberto de Araújo. **A construção de corpos e feminilidades: travestis e transexuais para além da prostituição**. – Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Maringá, 2013.

PONTES, Alline Aragão. A percepção do velho homossexual sobre sua velhice. **Revista Portal de Divulgação**, n.11, Jun. 2011 - Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php>.

PORTAL DO TURISMO. Histórico do município (Maringá). Disponível em: <<http://www2.maringa.pr.gov.br>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. In: **Estudos avançados**, v. 18, n. 52. São Paulo set./dez., 2004, p. 223-238.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZEIRO DO OESTE. Histórico. Disponível em: <<http://www.cruzeirodoeste.pr.gov.br/cidade.php?id=1>>. Acesso em: 12 agosto 2013.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE MANDAGUARI. Conheça Mandaguari. Disponível em <<http://www.mandaguari.pr.gov.br/institucional/ver/id/1837/titulo/historico-do-municipio/menu/utilidades>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

PROCHNÓ, Caio César Souza Camargo; ROCHA, Rita Martins Godoy. O jogo do nome nas subjetividades travestis. **Psicologia & Sociedade**; 2011, n. 23 (2), p. 254-261.

RAMOS, Alcides Freire. Imagens da sensibilidade revolucionária no cinema brasileiro dos anos 1960. In: **Imagens na história**. RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosangela; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008, p. 163-180.

REVISTA CARAS. Perfil: Roberta Close. Disponível em: <<http://perfil.caras.uol.com.br/roberta-close>>. Acesso em: 19 fev. 2014).

RIBEIRO, Deco. Stonewall: 40 anos de luta pelo reconhecimento LGBT. In: COLLING, Leandro (org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011, p. 153-156.

RIPOLL, Julieta Lemaitre. O amor em tempos de cólera: direitos LGBT na Colômbia. **SUR – Revista Internacional de Direitos Humanos**, 2009, v. 6, n. 1, dez., p. 79-97.

ROBLES, J. Francisco. An-atomía/Desaparición del cuerpo en Excesos, de Mauricio Wacquez. **Revista Signos**, Valparaíso, 2004, v. 37, n. 56, p. 105-121.

ROMANO, Valéria Ferreira. As Travestis no Programa Saúde da Família da Lapa. **Saúde Soc.** São Paulo, 2008, v.17, n.2, p.211-219.

ROSA, Graciema de Fátima da. O corpo feito cenário. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. **Corpo, gênero e sexualidade** (Org.). Porto Alegre: Mediação, 2004, p. 17-30.

ROSA, Graciema de Fátima da. **Corpos jovens como superfície de inscrição de textos culturais: recados para a educação escolar.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2004.

SALGADO, Marcelo Antonio. **Velhice, uma nova questão social.** São Paulo: SESC, 1980.

SANTIAGO, Daniela Andrade. Eleitores menores de 18 anos: cada eleição, uma nova estatística. In: **Revista Eletrônica EJE / Tribunal Superior Eleitoral.** v. 1, Nº 1 (2010), Brasília: TSE, 2010, p. 16-19.

SANTOS, Jocélio Teles dos. “Incorrigíveis, afeminados, desenfreados”: Indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. **Revista de Antropologia,** São Paulo, USP, 1997, v. 40 nº2. 145-182.

SEGALLA, Amauri; PEREZ, Fabílo. Envelhecer faz bem ao Brasil. **Revista Isto É,** nº Edição: 2238/28. Set.12. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/241607_ENVELHECER+FAZ+BEM+AO+BRA SIL>. Acesso em: 05 ago. 2013.

SHIMURA, Joyce M. **ANA, DULCINÉIA E EMANUELA: narrativas travestis e discursos científicos sobre a construção dos corpos na escola.** Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática. Maringá, 2012.

SIBILIA, Paula. A moral da pele lisa e a censura midiática: o corpo velho como uma imagem com falhas. In: GOLDENBERG, Miriam (Org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 83-108.

SIBILIA, Paula. Imagens de corpos velhos: a moral da pele lisa nos meios gráficos e audiovisuais. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas.** Petrópolis, RJ. Vozes, 2012, p. 145-160.

SILVA, H. **Travesti: a invenção do feminino.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

SILVA, Silvia Moreira da. et. al Redução de Danos: estratégia de cuidado com populações vulneráveis na cidade de Santo André – SP. **Saúde e Sociedade,** 2009, v.18, supl. 2, p. 100-103.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.) **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1976, p. 11-25.

SIQUEIRA, Mônica Soares. **Sou senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice**. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

SOCIEDADE RURAL DE MARINGÁ. Disponível em: <<http://www.srm.org.br/2013/estrutura>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

SOLÍS, Ingrid Maureira. La deconstrucción del nombre propio en la nominación travesti. **Alpha**, 2009, n. 29, dez., p. 155-165.

TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso. L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser europeia e o babado da prostituição. **Cadernos Pagu**, 2008, n. 31, jul./dez., p. 275-308.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOIBARO, Javier J. Infecciones de transmission sexual en personas transgenero y otras. **Identidades sexuales medicina**. Buenos Aires, 2009, n. 69, p. 327-330.

TUSSI, Fernanda Pivato. A travesti e o gênero: o corpo “todo feito” de ambiguidades, especificidades e curiosidades. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, 2006, n. 26, jul./dez., p. 323-327.

VELHO, Gilberto (Org.). **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999.

VELLOSO, Mônica Pimenta. “Sob a copa das árvores”, imagens de sensibilidade na correspondência modernista. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosangela; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). **Imagens na história**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008, p. 329-343.

WHITE, William Foote. **Sociedade de esquina = Street Corner Society: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

ZAMBRANO, Elizabeth. Parentalidades “impensáveis”: pais/mães homossexuais homossexual, travestis e transexuais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, 2006, n. 26, jul./dez., p. 123-147.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Nome:

Idade:

Onde nasceu:

Escolaridade:

Fale um pouco sobre sua vida na infância e adolescência:

Sua família veio de onde?

Como foi sua vida familiar?

Quais hábitos sua família possui ou possuía?

Sua família é de qual religião?

E você?

Você a frequenta ainda hoje?

Como foi sua vida na escola?

O que se lembra da escola e da relação com as demais pessoas naquele lugar?

Como é seu dia a dia?

Como você se definiria em relação à sua sexualidade?

Quando foi que começou o processo de mudança em seu corpo?

Quais as mudanças que realizou em seu corpo?

Pretende realizar mais alguma?

Essas mudanças causaram, ou causam, o que em você?

Fale um pouco de seu trabalho e como sente em relação a ele.

Como você se percebe em relação ao seu corpo e das demais “travestis” mais velhas? (caso a resposta seja a de se considerar travesti, caso contrário o termo será substituído pelo que a pessoa declarar)

Como você se percebe em relação ao seu corpo e das demais travestis da mesma idade ou mais velha?

Como você percebe o olhar dos outros em relação a seu corpo?

Para você, o que é ficar velha?

Como percebe o contato dos outros hoje em relação ao contato no passado?

O que é ser velha para você?

APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: “AS SEREIAS TAMBÉM ENVELHECEM”

Prezado (a) senhor (a):

Gostaríamos de convidá-la a participar da pesquisa acima intitulada, orientada pela pesquisadora Prof^a. Dr^a Simone 3011-4288, do Departamento de Ciências Sociais (PGC) da UEM. O estudo tem como objetivo geral apresentar a memória dos/das travestis. A sua participação é muito importante para o alcance deste objetivo, o estudo será realizado por meio da aplicação de uma entrevista semi-estruturada, pois ela deixa margem para questões que os (as) informantes considerem relevantes. A sua contribuição viabilizará a redação de uma dissertação. Você não pagará e nem receberá para participar da coleta dos dados ou entrevistas. A realização da pesquisa não acarretará qualquer dano ou desconforto inaceitável. Asseguramos a você à possibilidade de não aceitar participar no estudo, ou de desistir a qualquer tempo, sem nenhum ônus à sua pessoa. Da mesma forma, asseguramos o sigilo e anonimato com relação a seus dados pessoais, que não serão divulgados em qualquer material oriundo desta pesquisa ou apresentação científica do mesmo. Informamos ainda que o destino das gravações e das filmagens das entrevistas serão arquivados no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, conforme as normas internas do Programa.

Qualquer dúvida com relação ao projeto/estudo poderá ser retirado com o pesquisador ou com o orientado desta pesquisa, no telefone de contato abaixo, cujo endereço também consta ao final deste termo (cuja cópia será entregue a você).

Eu, _____, após ter lido e entendido as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas referentes a este estudo com a Professora Dr^a. Simone 3011-4288 CONCORDO VOLUNTARIAMENTE em participar do mesmo.

Data: ____/____/____

Assinatura

Eu, Prof^a. Dr^a. Simone Pereira da Costa Dourado declaro que forneci todas as informações referentes ao estudo ao sujeito de pesquisa.

Data: ____/____/____

Assinatura

Equipe da pesquisa:

Nome: Rodrigo Pedro Casteleira Tel.: (44) 9823-1935

Nome: Simone Pereira da Costa Dourado Tel.: (44) 3011-4288

Qualquer dúvida ou maiores esclarecimentos procurar um dos membros da equipe do projeto ou com a secretaria do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM. Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM. CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3011-4288. E-mail: sec-pgc@uem.br